



II ENCONTRO DE ESTUDOS
SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS
NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL



Uma carta para as minhas ancestrais¹

Alice Justo Procopio²

Querida vó Teresinha,

Começo essa carta, dizendo que queria ter tido mais tempo de conviver com a senhora, quando você faleceu eu tinha cerca de 8 anos, e minhas lembranças sobre você são vagas, e sei algumas outras coisas também do que me contaram sobre quem era a dona Teresinha Ribeiro Procopio. Sabe vó, ultimamente tenho aprendido muitas coisas, lido textos que me permitem enxergar os fenômenos da vida de forma mais crítica e achar resposta na teoria para coisas que vivemos na prática, eu como uma mulher negra, heterossexual e que agora sou de classe média tenho os meus dilemas sociais, mas sei que ainda estou em uma posição de privilégio em relação a senhora por exemplo, uma mulher negra de pele retinta, que tinha uma mãe com problemas com álcool e um pai abusador (essa parte da história eu e meu pai descobrimos há uns 6 anos, você não falava muito da sua infância, ou talvez minha inocência de criança não permitia compreender.)

Nessa busca por sua história descobrimos que sua mãe dona Clotilde, foi uma mulher que aos 13 anos, assim que menstruou foi obrigada a casar com um homem que tinha quase 4 vezes a sua idade, cerca de uns 40 anos como nos conta a tia Eunice, e esse homem estuprava minha bisá Clotilde cotidianamente, fazendo com que num período de 14 anos, eles tivessem 20 filhos, e essa mulher que vivia amargurada, e infeliz pela óbvia agressão que sofria, encontrava no vício do álcool uma fuga para uma vida tão infeliz e amargurada. Infelizmente a bisá não aguentou muito, as diversas violências que atravessaram seu corpo fez com que ela não

chegasse aos 30 anos de idade, e quando ela faleceu o biso tratou de “sumir” com as crianças, deu uma para cada família rica “cuidar” ou melhor, ser praticamente escrava de famílias de classe média alta, e você como era a mais velha com cerca

¹ Trabalho enviado ao II Encontro de Estudos sobre Orientalismos e Colonialismos na Comunicação e no Audiovisual (II OCCA), realizado na Universidade Estadual de Londrina. 7 a 10 de março de 2023.

² Graduanda do curso de serviço social na Universidade Estadual de Londrina, e mail: alice.justo.procopio@uel.br

de 10 anos, foi separada da sua família, de seus irmãos e passou a trabalhar de empregada doméstica. Segundo o que você contou para o meu pai, você era tão pequena e frágil que era necessário usar um banquinho de madeira para que pudesse fazer os afazeres domésticos, sabe vó a primeira vez que eu li o conto “Negrinha” de Monteiro Lobato, meus olhos se encheram de lágrimas, pois eu sabia que aquela negrinha maltratada pelos patrões no conto de Lobato, se parecia e muito com a criança Teresinha que você fora um dia.

O tempo passou e você foi crescendo, continuando a trabalhar como cozinheira, passou a trabalhar em outras casas para outras famílias, com o decorrer da vida casou, teve filhos...Falam que dona Teresinha tinha uma personalidade única, era do tipo meio grossa, extremamente sincera, e não levava desaforo pra casa, acho que as dores da vida fizeram com que você criasse uma armadura para sobreviver e talvez esse jeito “sincero demais” esconde dores e traumas que jamais saberemos. Lembro que você sempre incentivou a gente a estudar, você que aprenderá a ler pois as famílias que você trabalhou eram adeptas ao ensino em casa, e deixavam que você ouvisse as aulas particulares dadas aos filhos dos patrões sempre soube que o conhecimento era libertador...

Pensando a sua história passa um misto de sentimentos, mas principalmente o quanto o racismo é estrutural, portanto, estrutura todas as relações sociais, e quanto histórias com a sua e a da bisá, mostram que o dia 13 de maio, foi uma lei “pra inglês ver”, porque a subalternização de corpos pretos permaneceu presente, quando uma sociedade se cala frente às atrocidades que você e a bisá sofreram está sendo conivente com um racismo perverso e que mata. Penso também que tenho muito orgulho de ser sua neta, e acho que você ficaria orgulhosa de mim ao me ver estudando em uma Universidade prestigiada, e conseguindo estudar mais sobre a nossa história, o povo preto. Eu como fruto do meu tempo histórico e de minhas subjetividades, reconheço as interseccionalidades que transcendem meu corpo, tenho o privilégio de estudar sendo bancada boa parte pelos meus pais, tenho o privilégio de ser amada, o privilégio de ter pessoas ao meu redor que me veem de fato como um ser humano, e não essa figura de “super forte” que no fundo é “super sobrecarregada” que as pessoas tem mania de associar as mulheres negras, talvez essa sua personalidade mais grossa que tanto falam, foi a forma que você encontrou para sobreviver numa sociedade que majoritariamente não enxerga mulheres negras como seres humanos, que às vezes são frágeis, que as vezes choram e que às vezes querem colo, igual as outras mulheres brancas, a quem é permitido ser frágil.

Todavia, por ser uma mulher negra, também vivo dos dilemas do que um corpo negro feminino representa para a sociedade, hoje em dia tenho uma namorado que me ama e me faz tudo para me ver feliz mas não foi sempre assim, a solidão da mulher negra me atingiu por longos anos, diria que praticamente a adolescência toda, doeu demais quando eu percebi que dentro da lógica de frequentar ambientes de classe média, eu era a “exótica”, que por vezes os meninos ficavam comigo pelas minhas curvas e não por quem realmente sou. Sabe, quando a gente é adolescente queremos fazer parte de um grupo, ter a sensação de pertencimento e doía demais

ver as minhas amigas brancas saírem, paquerarem e eu ser praticamente a invisível “do rolê”, para lidar com isso criei uma armadura, talvez seja parecida com a que você teve que criar, eu tentava virar o jogo, falava que nenhum menino me agrava e que nenhum “fazia meu tipo”, mas no fundo só queria que alguém me olhasse como uma adolescente normal como todas as outras, até porque só eu sei quantas vezes eu chorei de soluçar, por me perguntar por que essa sociedade tem que ser assim ?... Com o tempo, passei a ler sobre relacionamentos, fortaleci a minha autoestima, e quando eu menos esperava conheci o amor da minha vida...

Encerro essa carta com o coração em paz, apesar de não me sentir 100% confortável para falar sobre solidão das mulheres negras ainda, sinto que essa carta nos aproximou de alguma forma, talvez você pode conhecer essa neta aqui, que certamente não é mais aquela que pedia para você fazer biscoito de polvilho, mas que com certeza carrega o mesmo brilho nos olhos, daquela criança que acha que vai mudar o mundo.

Com amor, da sua neta Alice.



A REPRESENTAÇÃO ESTEREOTIPADA DO SUJEITO INDÍGENA NO HUMOR AUDIOVISUAL BRASILEIRO: a importância do humor crítico no vídeo “Xingó Kaiapu”, do canal Porta dos Fundos¹

Ana Clara dos Reis Tomaelli²

A gênese da literatura brasileira, representada pela *Carta de Achamento do Brasil*, produzida por Pero Vaz de Caminha, descreve como selvagens os indivíduos que já habitavam a terra a que os portugueses chegaram: andavam completamente nus, munidos de artefatos feitos com penas de aves vermelhas ou amarelas, os quais também utilizavam na cabeça, com os rostos e corpos pintados de preto e vermelho. Quanto à comunicação, o colonizador indicou que era impossível compreender qualquer coisa que dissessem.

Embora tal carta tenha sido redigida há mais de 500 anos, a representação dos indígenas na literatura, no cinema, na mídia e, sobretudo, no humor audiovisual brasileiros se conserva muito similar atualmente. É comum, nas representações feitas por pessoas brancas, a presença de um ator ou atriz com pouca roupa – no segundo caso, elas são, ainda, muitas vezes, erotizadas –, usando cocar com penas coloridas na cabeça, tendo desenhos geométricos feitos com tinta preta ou vermelha no rosto e corpo e carregando arco e flecha. Quando falam, demonstram dificuldade com a língua portuguesa, utilizando o verbo no infinitivo, em vez de conjugá-lo, acompanhado de um pronome oblíquo, em vez de um pessoal do caso reto: dizendo “mim fazer” em vez de “eu faço”, por exemplo.

Segundo Freire Filho (2004), o estereótipo é uma imposição taxativa de características sobre determinado grupo, concentrando toda a diversidade de indivíduos em poucos elementos que, supostamente, lhes teriam sido atribuídos pela natureza. Indo ao encontro disso, Lippman (2008) afirma que o estereótipo retrata as visões de mundo do grupo que o propaga.

O humor e a estereotipação, desde sempre, caminham de mãos dadas. Segundo Raskin *apud* Silva (2016), nos discursos humorísticos, alcança-se o riso, principalmente,

¹ Trabalho enviado ao II Encontro de Estudos sobre Orientalismos e Colonialismos na Comunicação e no Audiovisual (II OCCA), realizado na Universidade Estadual de Londrina. 7 a 10 de março de 2023.

² Mestranda em Comunicação pela Universidade Estadual de Londrina, ana.c.tomaelli@uel.br.



II ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL



pela ideia da deformidade, a qual é, na maior parte das vezes, expressa por um estereótipo: a loira bonita, porém, “burra”, o homossexual que se veste com trajes espalhafatosos e tem trejeitos afeminados, o político, sempre de terno e gravata, que é corrupto e, evidente, como já destacado, o indígena com todas as características que lhe foram impostas desde a colonização.

Há, porém, produções humorísticas, sobretudo mais recentes, que têm o objetivo de denunciar, por meio da ironia, da sátira e do humor crítico, esse estereótipo tão presente no imaginário brasileiro: é o que ocorre no vídeo “Xingó Kaiapu”, do canal Porta dos Fundos. A esquete retrata uma reunião da Câmara dos Deputados, em que seria discutida a aprovação de um novo Código Florestal. Para validar como positiva a proposta que estava sendo discutida, a bancada ruralista convida um “índio” para afirmar-lhes o quão bom seria para o seu povo a nova emenda. O “índio”, chamado “Toro Sentado”, interpretado por Gregório Duvivier – sem camisa, trajado com cocar e colares coloridos e pintura no rosto – dirige-se até o microfone e, com as mãos erguidas, diz: “Índio aprova novo Código Florestal” – mais uma vez, atendendo ao estereótipo mencionado, desta vez, no que tange à linguagem.

O *plot twist* do roteiro é que os demais personagens da cena percebem que, na verdade, o “índio” é o deputado Paulo Pereira, integrante da bancada ruralista – que inclusive redigiu o projeto de lei que estava sendo discutido – passando-se por indígena para conseguir aprovação da emenda que havia proposto. Obviamente, o “índio” é tão estereotipado a ponto de que os demais deputados presentes na Assembleia conseguem, nos primeiros minutos, perceber quem é ele.

Berger (1997), ao discorrer sobre a comicidade, coloca a ironia como constituinte do humor. Completando essa visão, Frye (1989) diferencia ironia de sátira ao postular que esta seria uma espécie de *ironia militante*. Em outras palavras, uma sátira compromete-se com a existência de um discurso moralizante, para a construção do qual se faz necessário que o autor dela se posicione, atacando os valores que não lhe são próprios.



II ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL



Nota-se, assim, que, no vídeo ora analisado, “Xingó Kaiapú”, é criada uma sátira a respeito da representação do “índio genérico”. Segundo Athias (2007) *apud* Munduruku (2012), o sujeito indígena sempre foi visto, pela sociedade brasileira, de maneira muito generalizada, como se reduzido a parte de uma única etnia, com uma única cultura: no vídeo, a crítica a esse fato encontra-se presente não apenas estereótipos que o “índio” carrega, mas também no fato de ter sido escolhido somente um representante da comunidade indígena – neste caso, ainda, falseado – para votar, por todas as outras pessoas que a integram, em algo que afeta a todos esses indivíduos. Prática semelhante tem sido muito utilizada nos últimos anos pela extrema-direita para justificar e, inclusive, apoiar a agenda pró-exploração de terras indígenas.

A produção audiovisual analisada termina com o deputado Paulo Pereira fazendo um teatro de bonecos com um sapo de pelúcia, que representa o “fazendeiro bonzinho”, que quer utilizar as terras indígenas para plantar comida para todos, e um fantoche que representa uma pessoa indígena, representando o “índio mau”, que não deseja cedê-las para que o fazendeiro possa fazer o bem a toda sociedade.

O desfecho do vídeo, de forma também satírica, vale-se do absurdo – que, segundo Bergson (1900), é um dos aspectos da comicidade – e aproxima-se das estratégias utilizadas durante a colonização do Brasil, quando os jesuítas recorriam aos textos dramáticos para catequizar os indígenas que viviam no Brasil. Essas peças representavam, sempre, o homem branco como bom, e o homem indígena como mau, diabólico.

A ironia empregada na finalização desse vídeo, criando afinidade com as ferramentas utilizadas para a dizimação das culturas de povos indígenas brasileiros há mais de 500 anos, evidencia, novamente, que, por mais que a luta indígena tenha conseguido avançar, ainda estamos distantes de conseguir nos livrar definitivamente das marcas negativas que nos foram e têm sido impostas pela colonização europeia. Todavia, mostra também como o humor crítico pode ser uma importante ferramenta para contribuir com essa luta, na tentativa de causar incômodo diante do absurdo.



II ENCONTRO DE ESTUDOS
SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS
NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL



REFERÊNCIAS

BERGER, P. **O Riso Redentor**: a dimensão cômica da experiência humana. Petrópolis: Vozes, 2017.

BERGSON, Henri. **O riso**: ensaio sobre o significado do cômico. São Paulo: Edipro, 2018.

FREIRE FILHO, João. Mídia, estereótipo e representação das minorias. **Revista Eco-Pós**, v. 7, n. 2. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/1120/1061. Acesso em: 15 fev. 2023.

FRYE, Northrop. **Anatomia da Crítica**. São Paulo: Cultrix, 1973.

LIPPMANN, Walter. **Opinião Pública**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2008.

MUNDURUKU, Daniel. **O caráter educativo do movimento indígena brasileiro (1970-1990)**. São Paulo: Paulinas, 2012.

PORTA DOS FUNDOS. **XINGÓ KAIAPU**. YouTube, 12 de dezembro de 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Q6gMkDuayMQ>. Acesso em: 15 fev. 2023.

SILVA, Priscilla Chantal Duarte. Estratégias de humor crítico na produção de charges políticas e contribuições para o ensino de gêneros textuais e discursivos. **Research, Society and Development**, v. 3, n. 1, p. 55-68, nov. 2016.



ANÁLISE DOS EFEITOS PSICOSSOCIAIS DO USO DE SUBSTÂNCIAS E SEUS IMPACTOS NA TERAPÊUTICA OFERECIDA PELO CAPS-AD ÀS MULHERES USUÁRIAS DE DROGAS:

Autora: Ana Luiza Martins Ferroni Alves¹

Orientadora: Flávia Fernandes de Carvalhes

Alicerces teóricos:

Essa pesquisa qualitativa de iniciação científica em andamento tem o objetivo de analisar efeitos psicossociais do uso de drogas para mulheres usuárias do Centro de Atenção Psicossocial - Álcool e outras drogas (CAPS-AD) de Londrina. A localização do recorte de gênero nesta investigação se justifica devido à escassez de pesquisas sobre mulheres e uso de drogas. Logo, considerando o marcador de gênero como uma categoria útil de análise (JOAN SCOTT, 2012), ponderamos que mulheres vêm sendo historicamente impedidas de exercer desejo – e com isso podemos incluir o desejo de usar drogas – para além das funções sociais convencionais, a saber: mãe, esposa e cuidadora (FÉLIX JÚNIOR, 2020).

Dessa forma, o jugo que recai sobre muitas mulheres usuárias é o de transgredirem uma suposta natureza feminina, uma presunção de inadequação moral punida com o estigma da doença e, posteriormente, através das práticas manicomiais operadas até hoje nas instituições públicas e comunidades terapêuticas. Como oferta analítica formulada pela pesquisadora negra Kimberle Crenshaw, a noção de interseccionalidade ganha relevância nesta investigação, se configurando como ferramenta de análise para compreender como as singularidades da discriminação estão, necessariamente, constituídas na intersecção entre diversos marcadores sociais de diferença, a saber: raça, classe, sexualidade, território, credo, corpo, entre outros. Dessa forma, tendo em vista os múltiplos lugares sociais das mulheres, esta pesquisa investiga também como elementos distintos interferem no uso de substâncias experienciado.

¹ ana.luiza.martins@uel.br



II ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL



Patricia Hill Collins (2019), contudo, se refere ao poder de autodefinição como uma estratégia de resistência e rejeição às imagens de controle que foram historicamente atreladas às existências das mulheres negras. Essa perspectiva questiona criticamente ideais hegemônicos que situam a mulher negra como Outro de forma absoluta e que participa voluntariamente dos sistemas de opressão, isso porque se lançar para fora dos enquadramentos autoritários e criar seu próprio enquadramento, sob um ponto de vista autodefinido, é fundamental para a sua sobrevivência. A partir desse pressuposto, questionamos: Sob quais perspectivas de mulheridade as usuárias de drogas se autodefinem? Quais estratégias de resistência aos estigmas interseccionais de gênero e uso de substâncias elas fazem circular no cotidiano?

Assim, problematizamos criticamente perspectivas teóricas que universalizam uma premissa de feminino, em especial quando este está circunscrito no estigma da dependência química, que situa essas mulheres como transgressoras dos papéis de gênero tradicionalmente engendrados que delegam a elas exclusivamente funções subservientes de mãe e esposa.

Nesta direção, a reflexão trazida por Valeska Zanello denuncia um binarismo utilitário que justifica a rotulação de homens e mulheres como úteis ou não aos papéis que lhe foram delegados na vida em sociedade. Nessa lógica, elas estão sujeitas ao dispositivo amoroso e materno, sendo subjetivadas a cuidar dos outros. Logo, uma mulher que supostamente não exerce o cuidado está colocando em xeque sua própria identidade de gênero e será demandada culturalmente a retornar à posição de zelo dita como natural. Já aos homens, o dispositivo da eficácia é convocado para afirmar o seu desempenho, sendo através das capacidades laboral e reprodutiva que se determinam a utilidade e/ou inadequação a uma masculinidade situada como hegemônica.

Considerar as interseccionalizações presentes na construção da doença mental – e, conseqüentemente, da dependência química – não nega a validade desse sofrimento mental, mas questiona estruturalmente o ultrapassado modelo biomédico que coisifica e objetifica a experiência humana, classificando os sujeitos baseado no jugo moral da época (BASAGLIA, 2005).



II ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL



Tendo em vista os debates apresentados, esta pesquisa também questiona o atendimento ofertado para as mulheres atendidas no CAPS AD. Parte-se do pressuposto que os alicerces da Redução de Danos mobilizados no referido serviço, questionam a premissa proibicionista da abstinência como única alternativa de tratamento, sendo considerado no processo terapêutico aspectos objetivos e subjetivos das mulheres atendidas, auxiliando na desconstrução de paradigmas moralizantes e psiquiatrizantes em torno do próprio uso (CAMPOS, 2005).

Portanto, a construção de uma nova política de drogas mais humana deve se articular, necessariamente, pela valorização da autonomia do sujeito, onde, em oposição ao paradigma proibicionista, traça novas possibilidades de manejo e estratégias de cuidado em saúde coletiva que visam deslocar o centro da terapêutica – que é a doença – para a pessoa e sua relação singular com a substância em contextos distintos, e, dessa forma, possibilitando a cuidar de si e dos outros, modificando, ainda que parcialmente, sua vida em comunidade.

Alicerces metodológicos:

A pesquisa foi inicialmente estruturada através de um levantamento bibliográfico (ANTONIO JOAQUIM SEVERINO, 2013) no site *Scielo*, a partir dos termos de busca “mulheres”, “Redução de Danos” e “CAPS-AD”. O resultado do processo de busca indicou uma escassez de produção científica que articule a questão das mulheres circunscritas no uso de drogas. Em articulação com debates engendrados por autoras de referência no campo dos estudos de gênero, bem como parte das premissas analisadas por pesquisadores/as de referência da luta antimanicomial e da redução de danos no Brasil, essa pesquisa assume relevância ao investigar as trajetórias das mulheres usuárias do CAPS-AD, considerando a importância de produzir sentidos sobre as histórias de vida delas sob um ponto de vista autodefinido.

Após a etapa de levantamento e sistematização bibliográfico, a pesquisadora deu início ao processo de coleta de dados em campo do CAPS-AD, por meio da participação em oficinas, reuniões multiprofissionais, leitura de prontuários e outras atividades



**II ENCONTRO DE ESTUDOS
SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS
NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL**



circunscritas no cotidiano da instituição, consistindo na construção partilhada entre pesquisadora e as participantes da pesquisa.

Ressalta-se que o relatório final será apresentado e debatido com as sujeitas participantes do processo, com o objetivo de dar uma devolutiva a elas sobre a investigação realizada, bem como apreender as impressões delas sobre o material sistematizado.

Referências Bibliográficas:

AMARANTE, Paulo. **A reforma psiquiátrica no SUS e a luta por uma sociedade sem manicômios**. *Ciência & saúde coletiva*, v. 23, p. 2067-2074, 2018.

ARBEX, Daniela. **Holocausto brasileiro**. São Paulo: Geração Editorial, 2013.

BRANDAO, C. R.; BORGES, Maristela Corrêa . A pesquisa participante: um momento da educação popular. **Revista de Educação Popular**, v. 6, p. 51-62, 2007.

CALASSA, Glacy; PENSO, Maria Aparecida; DE FREITAS, Lêda. **Redução de danos na visão dos profissionais que atuam no CAPS AD II do Distrito Federal**. *Revista Psicologia em Pesquisa*, v. 9, n. 2. 2015.

CAMPOS, Marcelo Araujo. **Drogas e uso de drogas: ressignificando conceitos no paradigma da redução de danos**. Em: Gonçalves, Márcia; Carvalhaes, Flávia & Cordeiro, Paula (Orgs). **Cultura e subjetividade em tempos de Aids**. Londrina: Associação Londrinense Interdisciplinar de Aids. 2015.

COLLINS, Patricia Hill. O poder da autodefinição. **COLLINS, Patricia Hill. Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo Editorial, p. 179-217, 2019.



**II ENCONTRO DE ESTUDOS
SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS
NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL**



CARVALHO, Márcia; CARVALHAES, Flavia; CORDEIRO, Rosely. **Cultura e subjetividade em tempo de aids.** In: Cultura e subjetividade em tempo de aids. p. 125-125. 2005.

DA SILVA SOUZA, Jonimar; RIBEIRO, Andressa. **Políticas públicas de atendimento a dependentes químicos: Um estudo do centro de referência em prevenção e atenção à dependência química.** 2020.

FÉLIX JÚNIOR, Cícero Marcelo. **Um psicólogo na atenção em saúde de mulheres em uso abusivo de drogas: uma perspectiva etnográfica.** 2020. 197 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2020.

LIMA, Fatima. Vidas pretas, processos de subjetivação e sofrimento psíquico: Sobre viveres, feminismo, interseccionalidades e mulheres negras. **Luta antimanicomial e feminismos: discussões de gênero, raça e classe para reforma psiquiatria brasileira,** v. 1, p. 70-88, 2017.

LINO, Lillian Lages. **Políticas Públicas para dependentes químicos: um estudo sobre o CAPS AD.** Blucher Social Sciences Proceedings, v. 1, n. 1, p. 171-181, 2014.

MANSANO, S. R. V. **Alguns desafios colocados para a pesquisa qualitativa na contemporaneidade.** Revista Espaço Acadêmico, v. 12, n. 136, p. 01-09, 2 set. 2012.

OLIVEIRA, A. DE J. **O que é, afinal, conhecimento cumulativo?.** Veritas (Porto Alegre), v. 63, n. 3, p. 822-855, 31 dez. 2018.

PAES, Paulo; ORLANDO, Tathyanne. **Escola de Redução de Danos na fronteira do Brasil com o Paraguay.** Rio de Janeiro. Psicotrópicus, 2013.



**II ENCONTRO DE ESTUDOS
SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS
NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL**



PASSOS, Eduardo; SOUZA, Tadeu. **Redução de danos e saúde pública: construções alternativas à política global de " guerra às drogas"**. *Psicologia & Sociedade*, v. 23, n. 1, p. 154-162. 2011.

PASSOS, Rachel; PEREIRA, Melissa. **Luta antimanicomial e feminismos: discussões de gênero, raça e classe**. Rio de Janeiro: Editora Autografia, 2017.

RAMEH-DE-ALBUQUERQUE, Rossana. **Do descaso a um novo olhar: a construção da Política Nacional de Atenção Integral aos Usuários de Álcool e Outras Drogas como conquista da Reforma Psiquiátrica Brasileira. O caso de Recife (PE)**. *Psicologia em Pesquisa*, v. 11, n. 1, p. 1-2. 2017.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. 2012.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2013.

SOUZA, Kátia; MONTEIRO, Simone. **A abordagem de redução de danos em espaços educativos não formais: um estudo qualitativo no estado do Rio de Janeiro, Brasil**. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, v. 15, n. 38, p. 833-844. 2011.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação**. Editora Appris, 2020.



**II ENCONTRO DE ESTUDOS
SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS
NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL**





II ENCONTRO DE ESTUDOS
SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS
NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL



Olhe o que você me fez fazer: a amante monstruosa em *Atração Fatal* e *O Lobo Atrás da Porta*¹

*Angélica Franceschini Ghilardi*²

RESUMO EXPANDIDO

Pretende-se discutir a personagem da amante nos longas *Atração Fatal* (1987, Estados Unidos) e *O Lobo Atrás da Porta* (2013, Brasil). Esse *corpus* fílmico foi escolhido uma vez que as obras tratam dos conflitos causados por um caso amoroso extraconjugal em que o homem da relação já tem uma família. A trama se complica quando a amante deseja ter mais espaço na vida do parceiro, que nega a continuidade do caso, privilegiando a família que ele tem estabelecida. Diante dessa recusa, ambas as amantes decidem se colocar mais presentes na vida dos parceiros de forma crescentemente intrusiva. Elas ficam grávidas e são agredidas por seus pares ao interferirem demais no cotidiano deles. Em certo momento, as duas sequestram a filha do casal e, de maneira geral, causam pânico tanto no homem com quem elas se envolvem, quanto na esposa dele.

Ambas as narrativas apresentam mulheres que não se deixam dominar e movimentam a narrativa, diferentemente do que Mulvey afirmava ser o papel normativo da mulher no cinema. A autora argumenta que a personagem feminina cinematográfica não teria importância por si só e estaria condenada a ser *locus* de significação para as personagens masculinas, essas sim elaboradas como os sujeitos na trama. Narrativamente, seria o homem o responsável por deflagrar os acontecimentos, em um papel ativo, enquanto a mulher se recolheria a uma posição de maior passividade (MULVEY, 1983). Contudo, nas obras analisadas, a personagem da amante, embora ocupe uma posição antagônica, se rebela contra o papel de objeto, impõe seus desejos e movimenta a trama de forma significativa.

¹ Trabalho enviado ao II Encontro de Estudos sobre Orientalismos e Colonialismos na Comunicação e no Audiovisual (II OCCA), realizado na Universidade Estadual de Londrina. 7 a 10 de março de 2023.

² Mestranda em Mídias pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Possui bacharelado em Comunicação Social – Midialogia pela mesma instituição. E-mail: angelicafghilardi@gmail.com.



II ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL



Atração Fatal (1987) foi produzido em um momento de retorno a valores conservadores nos EUA (BROMLEY, 1992), marcado também pelo auge da insegurança em relação à epidemia da AIDS (BUNDT, 2007). Os discursos que circulavam favoreciam a manutenção da família tradicional e a aversão a pautas feministas. Pode-se considerar, dessa forma, *Atração Fatal* um filme de sua época, com um discurso moralista a respeito de fidelidade e família. O suspense erótico se centra na vida do advogado de sucesso Dan, que se torna um pesadelo após um caso extraconjugal. Quando Alex, personagem da amante, mulher solteira, sem filhos e bem-sucedida, não aceita o fim da relação com Dan, ela o persegue, sendo gradualmente mais ameaçadora. Como suspense, é privilegiado o ponto de vista de Dan e há toda uma construção do horror representado pela invasão de Alex. A família do protagonista pode ser considerada ideal: a esposa é uma dona de casa bela, compreensiva e dedicada ao lar e aos cuidados da filha do casal. Estabelece-se uma dicotomia entre dois tipos de mulheres: a tradicional, mãe, despida de sensualidade e a mulher moderna, solteira, egoísta, sexual, porém profundamente infeliz (KALES, 2003). Trata-se da dualidade entre a mulher normativa, marcada como boa, e não-normativa, marcada como má. Os pedidos de Alex, como por exemplo que Dan assuma a paternidade quando ela descobre que está grávida, são lidos como frutos de uma mente insana. Até mesmo a veracidade dessa informação é desacreditada devido à completa vilanização da personagem, o que justifica inclusive agressões físicas que Dan inflige nela em diversas ocasiões.

O Lobo Atrás da Porta (2013) segue uma tradição de filmes brasileiros de gênero policial, que muitas vezes se aproveitam de notícias sensacionalistas de crimes nacionais para embasar suas histórias (ARTHUSO, 2020). Contudo, o longa analisado, embora se valha da história real da Fera da Penha³, deixa de lado a espetacularização e procura capturar fragmentos da vida da periferia e desnudar as camadas de seus personagens. A narrativa se inicia na delegacia local com o mistério principal posto: Clarinha, criança pequena, filha de Bernardo, está desaparecida e foi vista pela última vez levada por uma

³ O crime levou esse nome por ter sido cometido no bairro Penha do Rio de Janeiro. Em 1960, Neyde Maria Maia Lopes, aos 23 anos de idade, matou a tiros uma criança de 4 anos, filha mais nova de seu amante (SOUSA, 2020).



II ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL



mulher. A trama se dá através de *flashbacks* das histórias dos depoentes e é privilegiada a última história, contada por Rosa, a amante de Bernardo e, como se descobre ao final, assassina da criança. Diferentemente de *Atração Fatal*, o núcleo familiar principal não é idealizado e nem mesmo Rosa é retratada como uma mulher de negócios sexualmente agressiva. Ao contrário, ela se mostra à primeira vista tímida e inofensiva. Já Bernardo não é retratado como um homem razoável, já que suas mentiras são expostas e as cenas de violência que ele inflige em Rosa, como ameaças de abuso sexual e aborto forçado, não são entendidas como justificáveis.

A amante nas obras analisadas se recusa a permanecer no lugar em que seu parceiro a deseja: um lugar periférico, de silenciamento e invisibilidade. É perceptível como *Atração Fatal* trabalha para patologizar Alex e a transformar na grande vilã que atormenta a vida do homem comum, cujas ações são justificadas. Em *O Lobo Atrás da Porta*, não se observa a justificativa das ações monstruosas de Bernardo, além de não haver a criação de um núcleo familiar idealizado para quem o espectador possa torcer. A monstruosidade no longa brasileiro é mais difusa. Rosa é construída como uma personagem suspeita, mas sua maldade não está posta logo no início, como parece ser o caso de Alex, mulher que vive em crise por não ter buscado formar uma família.

É possível que a vontade dessas personagens não seja meramente estar ao lado de seus namorados, mas ser tratadas com mais respeito e poder atuar como sujeitos de suas vidas. Parte da monstruosidade dessas mulheres vem da recusa em se manter passiva diante dos próprios desejos. O movimento não escorado no desejo masculino dessas mulheres incomoda ao denotar uma perda de controle daquilo que por muito tempo se considerou como propriedade masculina. Os corpos delas não estão mais sujeitos às vontades de seus amantes e não são facilmente controlados. Mesmo quando ocorre a luta pelo controle, elas reagem e se colocam mais uma vez como sujeitos, mesmo que monstruosos.



II ENCONTRO DE ESTUDOS
SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS
NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL



REFERÊNCIAS

ARTHUSO, Raul. O Lobo Atrás da Porta: contradições e ambiguidades do filme-médio no cinema brasileiro contemporâneo. In: RAMOS, María Marcos (ed.). **A Ambos Lados del Atlántico: películas españolas y brasileñas premiadas**. Salamanca: Ediciones Universidad Salamanca, 2020. p. 151-166.

BROMLEY, Susan; HEWITT, Pamela. Fatal Attraction: the sinister side of women's conflict about career and family. **Journal Of Popular Culture**. S.L., p. 17-23. 1992.

BUNDT, Roger. A Moral da Infidelidade. **Famecos**, Porto Alegre, n. 18, p. 51-56, dez. 2007.

KALES, Emily Fox. Body double as body politic: psychosocial myth and cultural binary in Fatal Attraction. **The International Journal Of Psychoanalysis**. S.L., p. 1631-1637. 2003.

MULVEY, Laura. Prazer Visual e Cinema Narrativo. In: XAVIER, Ismail (org.). **A Experiência do Cinema: antologia**. Rio de Janeiro: Graal, 1983. p. 437-453.

SOUSA, Alana. **Fera da Penha: Os Horrores do Episódio que Abalou o Brasil**. 2020. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/historia-fera-da-penha-o-crime-brutal-que-chocou-o-brasil.phtml>. Acesso em: 11 dez. 2022.



ENDEREÇA À MIM, NA MINHA MULTIPLICIDADE INOMINÁVEL¹

Beatriz de Paula Menani²

06 de dezembro de 2022,

À Bia que não se encaixa e que habita em mim,

Me dirijo à Bia que habita em mim, a parte de mim que nunca se encaixou, mas que eu nunca entendi e reprimi. As caixinhas me mudaram e me moldaram: “Não vista a calça assim, homens ajeitam a calça balançando, pra ajeitar as ‘coisas’ (a palavra correta nunca podia ser dita), mulheres não fazem isso”. E então, meu eu de 6 anos vestia a calça “assim” como os homens, porque parecia legal não seguir as regras. Aos 11 anos eu escuto a conversa de alguns colegas na escola: “Ela estava sentada com as pernas abertas enquanto conversava com as amigas, prontinha para eu encaixar a minha mão ali”. E então, meu eu de 11 anos não sentava mais com as pernas abertas. Aprendi desde criança que não seguir algumas regras era acompanhado de uma violência, como um castigo.

Não há espaço para mulheres em suas múltiplas maneiras de ser. Só há espaço para um modelo único e incapaz de se seguir, que possui uma linha tênue entre a castidade e o sexo. Nem muito pura, nem muito puta. Ora sou pura demais, ora sou puta de mais. Mas nunca sou eu, sempre sou nomeada, senão pelos outros, por mim mesma que não aceito me ver ignorando as regras.

Não tenho uma longa lista de relacionamentos, nem de reais interesses por corpos. Mas tenho uma longa lista de amores platônicos. Tardamente me relacionei com as corpos de meus parceiros. Mas sempre me pareceu um grande problema, e muito difícil, me envolver. Em auto análise, totalmente irresponsável, decidi que era fruto da pressão por não ser, não fazer, não desejar. Dei por concluída a análise. Me senti um problema. Não desejar com a mesma frequência que outros ou desejar e des-desejar parecia não se encaixar nas normas de sexualidade diversas.

Não sei qual foi o momento da dobra, qual foi o dia ou hora exata. Mas me lembro de estar em sala de aula, nos encontros da disciplina de Gênero e Decolonialidade. Minha sexualidade não se encaixava em regras, e foi a primeira vez que percebi não ser um problema. Se me perguntassem há alguns meses atrás - e perguntaram - o que há de *queer* em mim, eu teria muita dificuldade em encontrar, ficaria tentada a responder que não há nada. Mas havia uma aposta, pequena e cheia de dúvida. Eu não duvidava dos meus desejos, duvidava dos meus não-desejos, dos meus tédios sexuais. Ainda assim me pareceu errado dizer que havia algo de *queer* em mim, me pareceu errado elencar algo. Já que, superficialmente, eu havia me moldado por tantos anos para caber em uma caixinha que não deixava espaço para o *queer*. Essa caixinha, que a sociedade criou, foi

¹ Trabalho enviado ao II Encontro de Estudos sobre Orientalismos e Colonialismos na Comunicação e no Audiovisual (II OCCA), realizado na Universidade Estadual de Londrina. 7 a 10 de março de 2023.

² Mestranda em Comunicação pela Universidade Estadual de Londrina - UEL. beatrizmenani@gmail.com



II ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL



feita sob medida, para moldar a sexualidade a ponto de expulsar o *queer*. À pergunta, eu respondi com o meu desencaixe.

Discutir sexualidades e formas diferentes de afeto me ajudou a perceber que minha forma de experienciar e sentir era minha e não um problema ou errada, era só minha. Ao ser perguntada novamente sobre o que há de *queer* em mim nomeei meu desencaixe como demissexualidade. Mas, ainda com certo incômodo, lidei com as nomeações, classificações e normas. Me senti, por tanto tempo, na esfera de não-desejo, anulada. Eu que já fui anulada tantas e tantas vezes não queria me encaixar em um anulamento. E novamente me vi jogada de volta na caixinha. Minhas tentativas desde criança para ser perfeita em todos os locais em que eu estivesse resultaram nessa tentativa incansável de me encaixar, caber, me adaptar e me moldar. E cada desencaixe me parecia um fracasso. Eu estava extremamente enganada. A contrassexualidade era justamente o que eu precisava para ser sem culpa, para ser com possibilidades e livre. Entendi que o desencaixe não me anula e não anula meu desejo.

Preciado traz no Manifesto Contrassexual princípios da sociedade contrassexual, artigos que quebram a heteronormatividade imposta à sexualidade. Me vi na contrassexualidade, na negação, no fracasso de ser tão sexual quanto se espera que seja. Preciado ao citar Butler escreve que “a contrassexualidade é, em primeiro lugar: uma análise crítica da diferença de gênero e de sexo, produto do contrato social heterocentrado, cujas performatividades normativas foram inscritas nos corpos como verdades biológicas” (PRECIADO, 2017, p. 21). A mim, não me cabe performar dentro do imposto, meu corpo não quer mais ser o que as normas de gênero exigem, não quer mais pensar o que cabe a mim como mulher e o que não cabe. É cansativo performar, e eu só quero ser.

Encerro essa carta em tom tranquilizante: tudo bem não me encaixar. A mulher que me reconheço não cabe nas exigências sociais e por isso, talvez, ela ainda se esconda e finja que se encaixa em alguma caixa que não cabe nem metade de si. Mas já sabe que não cabe.

Atenciosamente,

A multiplicidade de Bia contida na Beatriz



II ENCONTRO DE ESTUDOS
SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS
NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL



VI(A)DA/QUEER(CUIR) IMANÊNCIA: por uma criança além da norma¹

*Bruno Azzani Braga*²

*Reginaldo Moreira*³

1 ABERTURA: DESCONSTRUÍDO GÊNERO PELA REVOLUÇÃO ANIMADA

Dentre tantos dispositivos possíveis e curiosos, as animações vem sendo a força motriz da pesquisa realizada sob a orientação do Pós-Doutor Reginaldo Moreira. Baseada em uma investigação interpelada pela multiplicidade de debates, perspectivas ou teorias queer/cur, entendemos cada vez mais que a identificação e/ou refuta das personagens animadas podem ser uma importante ferramenta de combate a heteronormatividade, enquanto sistema hegemônico que tem o objetivo de conformar a pluralidade sexual, gênero e desejo a uma chave binária de funcionamento, Homem e Mulher, certo e errado (BUTLER, 2003). Jack Halberstam é um teórico fundamental para essa reflexão, pois como nós, em seu livro *A Arte Queer do Fracasso* (2019), nos demonstra como uma série de filmes de animação vem criando narrativas queer que se sustentam em pilares como: o trabalho coletivo enquanto linha de fuga da opressão e adversidades, elaboração de utopias que apresentem seus corpos enquanto possibilidades de ser/viver sem a eliminação e chacota social, e brincam / menos prezam / desqualificam os ritos de passagens heteronormativos. Por exemplo, na animação “Robôs” (2005) a aparição de personagens trans, queer, afeminados e *drag queens/kings* enquanto heróis da saga, movimentam a narrativa sob outro aspecto de possibilidade de (r)existência, Manivela (uma dessas personagens) materializa esse sentimento quando ao final da animação passa por uma redesignação sexual e utiliza isso como uma forma de combater os planos dos capangas da ideologia vigente que gostariam de padronizar todos os corpos. Em “A Fuga das Galinhas” (2000), a personagem principal, Ginger, busca um plano que precisa da participação de todo o grupo e que não abandone ninguém para escapar do galinheiro (representado visualmente enquanto campo de concentração).

¹ Trabalho enviado ao II Encontro de Estudos sobre Orientalismos e Colonialismos na Comunicação e no Audiovisual (II OCCA), realizado na Universidade Estadual de Londrina. 7 a 10 de março de 2023.

² Mestrando no programa de Mestrado em Comunicação da UEL (PPGCom/UEL), Tecnólogo em Design Gráfico (UTFPR), Licenciatura em Pedagogia (UNIP) e Especialista em Educação Especial (FCE), brunoazzanibraga@gmail.com

³ Docente da Universidade Estadual de Londrina (UEL), do Centro de Educação, Comunicação e Artes (CECA), do Departamento de Comunicação, Pós-doutor em gênero, sexualidade e teoria queer, pelo EICOS/UFRJ, e Doutor em Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo – USP, regismoreiraregis@gmail.com.



II ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL



É interessante então investigar esses efeitos em nossa construção subjetiva, pois, nas brincadeiras de criança, percebemos a influência do que assistimos em atos performáticos que saem ou tensionam a norma (PACHECO, 1985 e 2000). A pesquisa de PACHECO (1985, 2000) realiza em seus quase 20 anos na frente do Laboratório de Pesquisas sobre Infância, Imaginário e Comunicações - LAPIC, conseguiu evidenciar que as crianças ao assistirem às animações se apropriam do conteúdo e levam para o campo da imaginação, fabulação e socialização. Ou seja, ela destaca um consumo não passivo das crianças frente ao conteúdo, como também exalta a articulação delas na construção de si. Contudo, não se tem um aprofundamento a respeito de sexualidade e gênero, sua pesquisa se concentra no embate binário das ideologias hegemônicas norte-americanas (estadunidenses) e a cultura local/nacional. O que investigamos tenta preencher certas lacunas e ampliar o debate explorando a relação comunicação - subjetividade - animação/design - educação - Sexo/Gênero/Desejo. E para isso, entendemos que o campo das afetações seria um primeiro passo para começar a questionar e aprofundar alguns efeitos em nosso corpo, lembrando que a animação é um dispositivo bem específico que não é de fácil acesso a todos (DENIS, 2007), contudo pode ser mais uma ferramenta para sairmos da captura da norma (AGAMBEN, 2009). Mais do que isso buscamos no saber-corpo (SOUZA, 2019) como nossa fonte guia de inspiração, entendendo que nos revisitamos é um processo de construir novos locais com esses aprendizados, ou seja, um processo de ressignificação, que apesar de provisório, pois quando revisitado novos sentidos surgem, componentes criam um território da cartografia (ROLNIK, 2005, p.26).

2 CLÍMAX: A CARTOGRAFIA SENTIMENTAL

Para a pesquisa dos nossos relatos e aprofundamentos escolhemos a cartografia sentimental como nossa (anti)metodologia, por nos servir como provocações na forma de operacionalização. Félix Guattari e Gilles Deleuze (2005) entendem que a construção do conhecimento não seja cooptada pelos cânones positivistas e iluministas, por isso consideramos que a Cartografia Sentimental, como bem teoriza Rolnik (2011), nos oferta esse campo único o qual nossas afetações são escutadas com respeito e não como desprezo. Reginaldo Moreira (2011, p.22) quando analisa a proposição de se pensar a pesquisa nos termos de Guattari e Deleuze, chega na metáfora da viagem, entendendo que a vida se abre aos campos dos acontecimentos de sentidos pelo caso-guia (que nesse caso são os pesquisadores). Desde seu princípio é relevante essa constatação, para não operar com afastamento e neutralidade. Para Rolnik (2011) a pesquisa cartográfica é sobre as relações das afetações, é uma forma de mapear as paisagens psicossociais em sua construção e perda de sentido “mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos” (ROLNIK, p.23, 2011).

3 CRÉDITOS: ABERTURAS DA PESQUISA



II ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL



Nós nos debruçamos a partir das afetações de nossas corpos (PRECIADO, 2014 e 2011), a buscar, cada um em sua geração, os desenhos infantis em TV aberta que nos agenciaram a partir do queer em nós, tanto positivamente, quanto negativamente. As interpretações somaram gerações distintas, pois os autores, um com 55 anos e outro com 25 anos, buscaram personagens que dissessem a eles sobre essas questões, que no presente evidenciam suas afetabilidades queer, a partir dos corpos dissidentes que já apresentavam na infância, mas não tinham consciência de suas diferenças e das produções de deslocamentos e marginalizações sofridas, seja por questões de trejeitos, hábitos, orientação sexual, gordofobia ou exclusão de classe social. Em nossos relatos iniciais propomos as concepções que tensionem esses sentidos da criança queer brincando com tempos: do passado da criança gorda e viada do interior de São Paulo que assistia às animações da Fleischer Studios, como Popeye, ao menino viajante e esquisito (queer para adotarmos o uso original da palavra) que não passava um dia sem a intersecção de bandas animadas (video games, séries, filmes, propagandas, etc.), e observava na figura do *Ele* das meninas superpoderosas (uma drag queen fabulosa) uma possibilidade de brincar com sua subjetividade. Cada uma dentro de seus platôs, constroem-se em duas chamadas para que a/u/o leitor(a/e) adentrem a essas biosferas e observem as vidas ali criadas, deixando-se vaziar em si possibilidades de retomarmos um ser passante queer/cuir, perguntando-se: o que em nossa infância a norma não capturou com precisão?

4 REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. O que é um dispositivo? In.: O que é o contemporâneo? E outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009.
- BUTLER, J. Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- DELEUZE, G. A imagem-tempo. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- _____. A Imanência: uma vida. Educação & Realidade, 27(2), 2002.
- DELEUZE, G.: GUATTARI, F. Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia - Vol. 01. São Paulo: Editora 34, 2000.
- _____. Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia - Vol .05. São Paulo: Editora 34, 2005.
- _____. O que é filosofia? São Paulo: Editora 34, 2010.
- DENIS, Sébastien. O Cinema de Animação. Lisboa: Armand Colin, 2010.
- GUATTARI, F.: ROLNIK, S. Micropolítica. Cartografias do desejo. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.



**II ENCONTRO DE ESTUDOS
SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS
NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL**



HALBERSTAM, J. A arte queer do fracasso. Pernambuco: CEPE, 2020.

LOURO, G. L. Gênero, sexualidade e educação. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

MOREIRA, R. Projeto Maluco Beleza: a comunicação como dispositivo terapeutizante de (re)significação de sentido de vida, no contexto da reforma psiquiátrica. Escola de Comunicação e Artes, USP, 2011.

PACHECO, E. D. LAPIC: Espaço lúdico de conhecimento sobre TV/criança. Comunicação & Educação, [S. l.], n. 19, p. 107-115, 2000. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v0i19p107-115.

_. O pica-pau: herói ou vilão? : representação social da criança e reprodução de ideologia dominante. [S.l: s.n]. 1985.

PRECIADO, P. B. Manifesto Contrassexual. São Paulo: N-1 Edições, 2014.

PRECIADO, P. B. Multidões Queer: notas para uma política dos 'anormais'. Estudos Feministas, v.19, n.1, 11–20, 2011.

ROLNIK, S. Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2011.

ROSÁRIO, N. M.; Araujo, A. C.S. Apresentação. InTexto, v. 54, p. 1, 2022.

SOUZA, F. A. O saber-corpo e a busca pela descolonização da saúde coletiva. Saúde e Debate, Especial, 8, 189-202, 2019.



II ENCONTRO DE ESTUDOS
SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS
NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL



**ENCONTROS CARTOGRÁFICOS: outras possibilidades de educação no
debate de gênero decolonial¹**

Bruno Azzani Braga²

Marco Antonio de Barros Junior³

Reginaldo Moreira⁴

1 GÊNERO DECOLONIAL A PARTIR DA CARTOGRAFIA SENTIMENTAL

Estas palavras cunhadas a quatro mãos nasceram das escrevivências de dois pesquisadores que experienciaram os encontros da (in)disciplina de “Gênero Decolonial”, ministrada pelo docente Reginaldo Moreira, do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UEL, durante o segundo semestre letivo de 2022. Tendo o uso da Cartografia Sentimental proposta por Suely Rolnik (2011) como rizoma, os encontros ramificaram-se por temáticas que vivenciaram gênero, decolonialidade, sexualidade, racismo, masculinidade hegemônica, teoria queer, entre outros eixos, visando desconstruir padrões que vêm sendo impostos ao longo da história aos corpos subalternizados, que sofrem e, em casos extremos, perdem as próprias vidas por ser quem/como são.

Ao todo, foram 16 encontros temáticos com referenciais bibliográficos, mas, como um desafio: falar como os autores os leu, visto que, cada um dos participantes, 13 (mestrandos em Comunicação e Psicologia) no total, tem sua própria singularidade. Quem melhor para falar sobre nossas próprias experiências do que nós mesmos? Corpos vibráteis que são atravessados e transpassados todos os dias por informações, toques, sentimentos e múltiplos fatores que provocam sinestésias e afetações, das mais brandas às mais fortes. A experiência dos encontros tem como essa peculiaridade a escolha da cartografia sentimental, principalmente pela oportunidade intensa de deixar-se fluir nos casos-guiam dos próprios participantes; essa derrocada da torre de marfim, oportuniza que as linhas de

¹ Trabalho enviado ao II Encontro de Estudos sobre Orientalismos e Colonialismos na Comunicação e no Audiovisual (II OCCA), realizado na Universidade Estadual de Londrina. 7 a 10 de março de 2023.

² Mestrando no programa de Mestrado em Comunicação da UEL (PPGCom/UEL), Tecnólogo em Design Gráfico (UTFPR), Licenciatura em Pedagogia (UNIP) e Especialista em Educação Especial (FCE), brunoazzanibraga@gmail.com

³ Mestrando em Comunicação da UEL (PPGCom/UEL), Especialista em Comunicação e Cultura Política (UEL), Graduado em Comunicação Social - Jornalismo (UEL), marcoantoniobarros14@gmail.com

⁴ Docente da Universidade Estadual de Londrina (UEL), do Centro de Educação, Comunicação e Artes (CECA), do Departamento de Comunicação, Pós-doutor em gênero, sexualidade e teoria queer, pelo EICOS/UFRJ, e Doutor em Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo – USP, regismoreiraregis@gmail.com.



II ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL



afetos se abram para a construção de saberes por relatos de vivências, música, arte e texto vivo. Além de autores renomados, nos encontros, também foram usados outros dispositivos, como filmes, séries e podcasts para fomentar as discussões e, assim, alimentar a cartografia de cada sujeito. Entretanto, possivelmente o maior dispositivo foram os participantes que não titubearam em compartilhar suas vivências, por vezes até muito íntimas, com os demais. Esse processo é desterritorializante, termo este que Deleuze e Guattari aplicam para reiterar como o processo de desaprender e se analisar são importantes para apreender a origem da projeção simbólica de nossas ações, e depois é necessário se reterritorializar (ROSÁRIO, 2022), construir novos locais com esses aprendizados, ou seja, um processo de ressignificação, que apesar de provisório, pois quando revisitado novos sentidos surgem, componentes criam um território da cartografia (ROLNIK, 2005, p.26). A cartografia sentimental permitiu a construções de encontros que oportunizaram uma leitura de gênero, sexualidade e decolonialidade por lógicas não racionalizantes, mas racionais e sentimentais. Era a primeira vez que muitos tentavam identificar como as suas vivências expressavam esses critérios e formavam pensamentos, práticas e signos. Os mundos ali formados serviram como esse parâmetro para a construção da atividade final, que se baseava em entender toda essa trajetória de afetações.

Veja, a proposta dos encontros não era meramente uma aula convencional onde iríamos discutir os cânones acadêmicos. Era tudo, menos isso. Guacira Lopes Louro (1997) entende que o educar em conjunto com teorias pós-estruturalistas trazem uma nova potência: inserir na prática demarcadores que outros tantos dogmas educacionais falaram pouco a respeito. Bem como bell hooks (2013) prolifera, é ensinar a transgredir de forma que busquemos conhecimentos em nossas vivências e outras autorias relegadas a marginalização, mas que sobrevivem e resistem, desenvolvendo conhecimento. O objetivo foi, um processo de desaprender aprendizados colonizados, por meio da lógica da subjetividade, ainda não devidamente reconhecida no campo das ciências em seus métodos conservadores. Os participantes foram cartografados pelos textos dos autores, mas, também cartografaram a partir de suas vivências e experiências, afinal, o cartógrafo, como explica Rolnik (2011), parte do próprio fenômeno da existência.

O resultado foi desaprender o que considerávamos como muito certo em nós, para um aprender construído no coletivo, através de afetações, memórias e até mesmo o inconsciente. Ao final, no último encontro, um sarau cultural e cartográfico foi realizado para fechar a in(disciplina) e cada participante apresentar artisticamente ou como lhe fosse mais confortável, suas cartografias coletivamente ao grupo.

2 (IN)CONCLUSÕES OU ABERTURAS



II ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL



Os processos decoloniais, mais abrem caminhos do que se fecham. Os relatos, afetações e produções descritas servem como base para outras pesquisas e experiências serem compartilhadas e testadas. Não poderia se escrever uma conclusão que criasse um fechamento que hierarquize e classifique os conhecimentos, visto que em todos os encontros as discussões se concentram em ambientes de afetações que percorreram escopos. Escutar os relatos de pessoas se descobrindo enquanto LGBTQ+ ou mesmo dividindo sobre os abusos em suas vivências para pensar políticas do corpo, não são facilmente explanadas por regras e universalizações. Cada um perpassou ou dividiu em seu trabalho final um eixo epistemológico que se concentra na vivência do corpo falante (PRECIADO, 2014).

No livro de bell hooks (2013), *Ensinando a transgredir*, a autora reitera que o ensinar deve respeitar e proteger o que é de fundamental criando ambientes “que o aprendizado possa começar do modo mais profundo e mais íntimo” (hooks, 2013). Louro (1997) retoma essa condição da escola (expandindo para o sistema educativo) enquanto esse local que separa e produz diferenças, distinções e desigualdades, simultaneamente, que tenta conformar corporalidades por meio do ensino da norma, o diferente é mais um receptáculo para funcionar de acordo com ela do que de fato uma possibilidade de ação fora do sistema. “Concebida inicialmente para acolher alguns — mas não todos — ela foi, lentamente, sendo requisitada por aqueles/as aos/às quais havia sido negada. Os novos grupos foram trazendo transformações à instituição.” (LOURO, p.57, 1997). Ainda, sim, a inserção do diferente fez com que as configurações do sistema fosse questionada, visto que só alguns estavam conseguindo acessar sua educação plena. A pergunta feita é: como contemplar esses espaços com diferentes corporalidades? Deixe que o oprimido fale, para parafrasear o título do texto de Spivak (2018) com o conceito de opressão de Paulo Freire (2005). Escutando quem vive certas opressões na pele e quem convive no mesmo mundo que a estrutura beneficia alguns, pode-se possibilitar uma desestruturalização do saber, que seja horizontal e construa com e para, e não por.

3 REFERÊNCIAS



**II ENCONTRO DE ESTUDOS
SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS
NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL**



- DELEUZE, G. A imagem-tempo. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- _____. A Imanência: uma vida. Educação & Realidade, 27(2), 2002.
- DELEUZE, G.: GUATTARI, F. Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia - Vol. 01. São Paulo: Editora 34, 2000.
- _____. Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia - Vol. 05. São Paulo: Editora 34, 2005.
- _____. O que é filosofia? São Paulo: Editora 34, 2010.
- GUATTARI, F.: ROLNIK, S. Micropolítica. Cartografias do desejo. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.
- FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- hooks, b. Ensinando a transgredir. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.
- LOURO, G. L. Gênero, sexualidade e educação. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- PRECIADO, P. B. Manifesto Contrassexual. São Paulo: N-1 Edições, 2014.
- PRECIADO, P. B. Multidões Queer: notas para uma política dos 'anormais'. Estudos Feministas, v.19, n.1, 11–20, 2011.
- ROLNIK, S. Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2011.
- ROSÁRIO, N. M.; Araujo, A. C.S. Apresentação. InTexto, v. 54, p. 1, 2022.
- SPIVAK, G. C. Pode o subalterno falar?. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.



II ENCONTRO DE ESTUDOS
SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS
NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL



**Chanacomchana e Nzinga Informativo: mulheres, feminismos e a
comunicação alternativa nos anos 1980¹**

Danyela Barros Santos Martins de Queiroz²

Reginaldo Moreira³

Partindo de reflexões acerca dos desdobramentos dos jornais alternativos durante a década de 1980 e de como parte desses jornais revelam aspectos da história dos movimentos feministas brasileiros, esse trabalho visa debater as pautas levantadas pelos jornais Chanacomchana (1981-1987) e Nzinga Informativo (1985-1989) enquanto expoentes do movimento lésbico paulista e do movimento de mulheres negras do Rio de Janeiro, respectivamente. Trata-se de um esforço em demarcar a importância de mulheres que rompem o silenciamento de suas existências subalternizadas, ocupando o lugar da escrita em disputa com os discursos hegemônicos, além de destacar a mídia alternativa feminista brasileira enquanto espaço de resistência e de construção de identidades.

Esse trabalho foi delineado buscando seguir um percurso metodológico decolonial e interseccional. Compreendendo que do ponto de vista dos estudos decoloniais, as metodologias clássicas de pesquisa científica, fundadas sobre a filosofia e a epistemologia ocidental estão intimamente relacionadas com a colonialidade do conhecimento (MIGNOLO, 2003). Nessa perspectiva, descolonizar metodologias significa uma compreensão mais crítica aos pressupostos subjacentes, motivações e valores que motivam as práticas de investigação.

Já a interseccionalidade, enquanto uma ferramenta analítica, nos proporcionou o entendimento que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia, faixa etária (entre outras) são inter-relacionadas e moldam-se

¹ Trabalho enviado ao II Encontro de Estudos sobre Orientalismos e Colonialismos na Comunicação e no Audiovisual (II OCCA), realizado na Universidade Estadual de Londrina. 7 a 10 de março de 2023.

² Mestranda em Comunicação pela Universidade Estadual de Londrina; e-mail: danyelabarros@gmail.com

³ Professor Doutor adjunto da Universidade Estadual de Londrina (UEL) do Centro de Educação, Comunicação e Artes (CECA), do Departamento de Comunicação; e-mail: regismoreira@uel.br



II ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL



mutuamente (COLLINS; BILGE, 2021), e que muitas vezes apesar de invisíveis, essas relações interseccionais de poder afetam todos os aspectos do convívio social. A técnica de pesquisa adotada inicialmente foi a bibliográfica, contando com o apoio de entrevistas em profundidade com mulheres que fizeram parte dos jornais estudados permitindo a escrita de uma cartografia sentimental (ROLNIK, 2016) a partir dos encontros e afetos presentes na jornada da pesquisa.

Durante o levantamento bibliográfico, os estudos elaborados por Karina Janz Woitowicz (2014), Bernardo Kucinski (2018) e Viviane Gonçalves Freitas (2018) foram um guia para o entendimento da história dos jornais alternativos. Lélia Gonzales (1985), Rosália Lemos (1997) e Elizabeth Viana (2006) foram fontes primordiais para o entendimento do Nzinga Informativo, enquanto a produção de Patrícia Lessa (2008), Miriam Martinhos (2012), Marisa Fernandes (2015), contribuíram no entendimento do movimento lésbico brasileiro.

Nossos resultados apontam que ao reagirem ao processo histórico de exclusão editorial, travando a disputa do papel de autoria, trazendo novos olhares e novas perspectivas, essas mulheres contribuíram com o engajamento em lutas políticas e ideológicas dentro dos movimentos feministas brasileiros. E que suas escritas são um ato político (FREIRE, 2018) na medida que seus corpos e ideias romperam a formação imaginária de autor (branco, heterossexual, classe média, com alto grau de letramento, intelectual e gramaticalizado) de outrora, uma forma de insubordinação e de afirmação de direitos a existências historicamente apartadas.

O debate das pautas dos jornais nos permite destacar que a escrita dessas mulheres articulava as tensões econômicas, sociais, políticas e culturais que estavam enfrentando, ora convertendo-se num espaço seguro, onde analisavam os seus conflitos e ultrapassavam arbitrariedades, ora num modo de resistência às situações que as causavam injúrias. Pela escrita essas mulheres conseguiram expor os estereótipos da sociedade dominante, numa tentativa de inspirar outras mulheres a quebrar os paradigmas que perpetuavam a sua própria opressão.



II ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL



Outro apontamento interessante reflete o processo de valorização da subjetividade dessas sujeitas na atuação de seus coletivos: fazendo o uso de práticas participativas, possibilitando um olhar crítico, transformador, incentivando a participação das mulheres nos espaços cidadãos. O que conflui para potencial da comunicação alternativa enquanto possibilidades de novos mundos, causando afetos potentes (DELEUZE, 1998), mobilizando as pessoas a se organizarem e esperançarem novas perspectivas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANZALDUA, G. Falando em línguas: carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. Revista Estudos Feministas, v. 8, n. 1, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880> . Acesso em: 15 fev. 2022.

BALLESTRIN, L. M. A. Feminismos Subalternos. Revista Estudos Feministas Ed. 25, 2017. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ref/a/gW3NgWK4bpj9VHJCNTxx96n/abstract/?lang=pt>.

Acesso em: 20 mar. 2022.

COLLINS, P. H.; BILGE, S. Interseccionalidade. Trad. Rane Souza, São Paulo: Boitempo, 2021.

DELEUZE, G.; PARNET, C. Diálogos. Trad. Eloísa Araújo Ribeiro, São Paulo: Escuta, 1998.

FERNANDES, M. Lésbicas e a Ditadura Militar. In: GREEN, James N. e QUINALHA, Renan (orgs.) Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade. São Carlos: Edufscar, 2015. p. 125-148

FREIRE, P. Pedagogia da Tolerância. 6ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

FREITAS, V. G. Feminismos na Imprensa Alternativa Brasileira: quatro décadas de lutas por direitos. Jundiaí: Paco, 2018.

GONZALES, L. Mulher Negra. Mulherio, São Paulo, ano 1, n. 3, 1981, p.8-9.



**II ENCONTRO DE ESTUDOS
SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS
NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL**



GRINBERG, M. S. Comunicação alternativa: dimensões, limites, possibilidades. In: GRINBERG, M. S. (Org.). A comunicação alternativa na América Latina. Petrópolis: Vozes, 1987.

JORNAL CHANACOMCHANA. Disponível em: [Boletim Chanacomchana - Google Drive](#). Acesso em: 05 set. 2022.

KUCINSKI, B. Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa. 3.ed. São Paulo: Edusp, 2018.

LESSA, P. Visibilidade e ação lésbica na década de 1980: uma análise a partir do Grupo de Ação Lésbico-ferminista e do Boletim Chanacomchana. Gênero, Niterói, v.8, n.2, 2008, p. 301-333. Disponível em: <https://doi.org/https://doi.org/10.22409/rg.v8i2.187> . Acesso em 17 ago. 2022.

LEMOS, R. O. Feminismo negro em construção: a organização do movimento de mulheres negras no Rio de Janeiro. 1997. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1997.

MARTINHO, M. Memória Lesbiana: Míriam Martinho e o processo de produção dos boletins ChanacomChana e Um Outro Olhar. Rede Um Outro Olhar, 17 de agosto de 2021. Disponível em <https://www.umoutroolhar.com.br/2021/07/memoria-lesbiana-um-raio-x-dos-boletins.html>. Acesso em: 10 set. 2022.

MIGNOLO, W. Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Trad. Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

NZINGA INFORMATIVO. Disponível em:
<http://www.cpvsp.org.br/periodicos_exemplares.php?exemplares=PNZINRJ&titulo=NZINGA%20INFORMATIVO>. Acesso em: 05 set. 2022.

ROLNIK, Suely. Cartografia Sentimental: Transformações contemporâneas do desejo. 2ª Edição, Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2016.

TELES, M. A. A. Breve história do feminismo no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1999.

VIANA, E. E. S. Relações raciais, gênero e movimentos sociais: o pensamento de Lélia Gonzalez (1970-1990). 2006. Dissertação de Mestrado em História/UERJ.



**II ENCONTRO DE ESTUDOS
SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS
NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL**



WOITOWICZ, K. J. A resistência das mulheres na ditadura militar brasileira: imprensa feminista e práticas de ativismo. Estudos em Jornalismo e Mídia, Florianópolis, v.11, n. 1, p. 104-117, 2014.



II ENCONTRO DE ESTUDOS
SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS
NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL



**ELA.ANIMA: INICIATIVA PARA RECONHECIMENTO E
DIVULGAÇÃO DO TRABALHO REALIZADO POR MULHERES NA
ÁREA DE ANIMAÇÃO¹**

Elisangela Lobo Schirigatti²

Letícia Máximo Almeida Santos da Silva³

Introdução

Os estudos sobre as mulheres, de Gênero e Feministas (EMGF) têm vindo a consolidar-se como um campo de estudos interdisciplinares e com uma tendência crescente para a investigação de carácter colaborativo (FERREIRA et al., 2020). A obra de Del Priore (1997) já ressaltava a importância de se dar visibilidade à mulher, ignorada pela historiografia tradicional. Santos e Tedesco (2017) relatam a ascensão recente do feminismo materializado em iniciativas que focam em reivindicar direitos e discutir machismo no mercado de trabalho. Na mesma linha, alguns estudos abordam uma discussão contemporânea sobre feminismo e cinema na área do audiovisual, mas poucos propõem investigar a atuação da mulher no recorte interseção feminismo e animação. Soriano e Soriano (2022), em um artigo sobre a Associação Espanhola de Mulheres na Indústria de Animação MIA, apresentam o motivo da frustração feminina e da necessidade de apoiar iniciativas que busquem romper com esse setor tradicionalmente masculino. Na América Latina as iniciativas encontradas na área de animação e cinema foram: MIA, RAMA, Mulher no Cinema, Garotas do Motion, Semana Animadonas e o Mulher Anima. Esta última iniciativa nasceu em 2020 e reúne atualmente ações e informações a respeito da atuação das mulheres brasileiras na animação, criando um espaço de debate e interação por meio de diferentes ações. Diante deste contexto, o

¹ Trabalho enviado ao II Encontro de Estudos sobre Orientalismos e Colonialismos na Comunicação e no Audiovisual (II OCCA), realizado na Universidade Estadual de Londrina. 7 a 10 de março de 2023.

² Docente do Departamento de Desenho Industrial da UTFPR, Doutora, elisangelal@utfpr.edu.br.

³ Bolsista do Programa de Iniciação Científica da UTFPR no projeto Cadeias Produtivas da Animação, Graduanda em Design do Departamento de Desenho Industrial da UTFPR, leticiamaximo@alunos.utfpr.edu.br.



II ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL



objetivo deste artigo visa apresentar e refletir as ações realizadas na Ela.Anima, uma iniciativa atrelada ao Núcleo de Design de Animação da UTFPR.

Resultados obtidos

A iniciativa Ela.Anima foi criada em agosto de 2022 durante a terceira edição do ExperimentAnima, um evento técnico-científico organizado pelo Núcleo de Design de Animação da UTFPR. Era originalmente uma sessão no site do evento que, através de um formulário, dava espaço para as mulheres animadoras compartilharem relatos sobre suas trajetórias e experiências na área. Entretanto, devido a necessidade de ser algo mais frequente e com uma identidade própria, o Ela.Anima foi incorporado à pesquisa científica homologada na UTFPR, denominada Cadeia produtiva da Animação. Com isso, os objetivos deste eixo da pesquisa são: registrar e divulgar os relatos de profissionais, incluindo a identificação e análise de referenciais teóricos sobre avanços tecnológicos e novas oportunidades sobre a atuação da mulher na área da animação. Já a iniciativa Ela.Anima tem o propósito de destacar a importância da atuação dessas profissionais nas mais diversas áreas da animação, inclusive na gestão e educação, o que abrange também a pesquisa e extensão. Incentivando assim, jovens mulheres e mulheres a serem protagonistas na cadeia produtiva da área. Além de promover a visibilidade das mulheres que se dedicam à animação, as ações do projeto visam fortalecer as conexões sociais e empresariais, contribuindo para uma sociedade igualitária. Atualmente a participação é realizada por meio de um formulário online disponível no site (<https://utfpr.curitiba.br/elaanima/>) e linktr.ee da iniciativa. Lá, há uma série de perguntas relacionadas a trajetória e experiências da profissional e que devem ser respondidas por meio de áudio, vídeo ou texto, dependendo da preferência da colaboradora. As diretrizes para colaboração estão pautadas no registro e divulgação de experiências de cunho profissional. O site Ela.Anima visa concentrar informações, teorias, notícias e opiniões sobre o protagonismo feminino no meio audiovisual, em específico na animação. Já o perfil no Instagram (@ela.animaUTFPR) possui o propósito de divulgar de uma forma mais lúdica e em tempo real os resultados encontrados durante a pesquisa científica. Além



II ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL



de reunir assuntos ligados à pauta, esses canais incentivam o diálogo com a comunidade, oportunizam colaborações e ressaltam outras iniciativas da mesma natureza.

Considerações finais

O site e a rede social dedicados ao tema foram maneiras que a Ela.Anima encontrou de contribuir com outras iniciativas ativas, ações independentes e outras sensibilizações às questões da história das mulheres na animação. Visto que a construção e a divulgação de conteúdo apresentam como motivação fomentar o debate, a iniciativa pretende consolidar-se como uma ferramenta de visibilidade, incentivo e apoio entre mulheres e na reversão das desigualdades. Importante ressaltar que o estudo está na sua fase inicial e no decorrer de seu caminho pretende contribuir para o adensamento no campo das pesquisas sobre as mulheres na animação. Portanto, esse conteúdo não tem a pretensão de esgotar o assunto e apesar dos avanços incipientes, despertar novas inquietações e questionamentos.

Referências

DEL PRIORE, Mary (Org.). História das mulheres no Brasil. Coordenação de textos de Carla Bassanesi. São Paulo: Contexto, 1997. 678 p.

FERREIRA, Virgínia; VIEIRA, Cristina; SILVEIRINHA, Maria; CARVALHO Elizângela; FREIRE, Priscila. Estudos Sobre as Mulheres - em Portugal pós-declaração em Pequim - Estudo Bibliométrico das revistas Ex æquo e Faces de Eva. ex æquo, n. 42, pp. 23-56. Dez. 2020

SANTOS, Érica; TEDESCO, Marina. Iniciativas e ações feministas no audiovisual brasileiro contemporâneo. Seção temática, Rev. Estud. Fem. 25 (3), Sep-Dec 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584.2017v25n3p1373> . Acesso em: 28 set. 2022.

SORIANO, Marta; SORIANO, Maria. **MIA: Agente de cambio para romper el techo de cristal**. Set 2022. Disponível em: MIA: Agente de cambio para romper el techo de cristal | Con A de animación (upv.es) Acesso em: 28 nov. 2022.



II ENCONTRO DE ESTUDOS
SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS
NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL



**ENTRE MACHOS E (DES)VIADOS: perspectivas de masculinidades na
pornografia gay brasileira¹**

Felipe Antonio Machado²

Flávia Fernandes de Carvalhaes³

Nesta pesquisa de mestrado em andamento do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Londrina, problematizamos performatividades de masculinidade veiculadas em filmes pornográficos homoeróticos nacionais, ou seja, como os homens são posicionados nas narrativas a partir de um debate interseccional. Assim, a análise parte da noção de que marcadores sociais de diferença como raça, tipo corporal, geração, entre outros, se inter-relacionam nos processos de subjetivação e na demarcação de desigualdades sociais (Collins & Bilge, 2021).

A relevância de estudar pornografia homoerótica no recorte apresentado está na consideração acerca da importância histórica que tal tecnologia implica para o grupo de homens homossexuais, por se atualizar como propagadora de representações tidas socialmente como positivas acerca de homens gays em períodos históricos hostis, como a pandemia de AIDS dos anos 1980. Logo, enquanto a maior parte da mídia estabelecia um escrutínio contra e/ou ignorava a homossexualidade, os filmes homoeróticos a representava com desejo e beleza (Miskolci, 2017).

¹ Trabalho enviado ao II Encontro de Estudos sobre Orientalismos e Colonialismos na Comunicação e no Audiovisual (II OCCA), realizado na Universidade Estadual de Londrina. 7 a 10 de março de 2023.

² Psicólogo e Mestrando do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Londrina. Email: psi.felipemachado@gmail.com.

³ Doutora e mestre em Psicologia. Docente dos programas de graduação e pós-graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Londrina. Email: fcarvalhaes@uel.br



II ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL



Ao considerar que a pornografia é uma tecnologia midiática disseminadora de imagens tidas como desejáveis acerca das corporalidades homossexuais e responsável por embasar alguns produtos consumidos pelo grupo, como os aplicativos para encontros sexuais altamente utilizados (Miskolci, 2017), consideramos relevante analisar modos como a produção fílmica opera na (re)produção de perspectivas hegemônicas e subalternas de masculinidades e parte dos impactos em seus consumidores, já que esta estabelece ideais tanto estéticos quanto comportamentais, demarcando modos de existência que são apresentados como (im)possíveis.

Logo, o estudo acerca das noções de masculinidade que os filmes pornográficos articulam e fazem circular contribui na problematização de relações que na vida em sociedade validam e/ou desqualificam diferentes expectativas depositadas aos corpos, pois se constituem e constituem representações do que a cultura dita como “desejável ou “desviantes” no âmbito social, bem como evidência parte das condições históricas que possibilitam a emergência dessas narrativas e imagens.

Trilhamos esta investigação pelos caminhos da Etnografia de Tela, metodologia articulada pela pesquisadora brasileira Carmen Rial (2005). A etnografia como metodologia é caracterizada principalmente pela imersão do/da pesquisador(a) no campo de pesquisa. Assim, a autora realiza uma transposição das qualidades da pesquisa antropológica para os estudos de textos midiáticos, como a pornografia, transformando a tela em um campo por si só a ser explorado (Colins & Lima, 2020).

A análise fílmica, portanto, se constrói a partir das exposições e afetações do/a pesquisador/a com os filmes, em condições diferentes de recepção, seja assistindo continuamente e/ou com pausas para anotações. As impressões ganham espaço de registro no caderno de campo, importante aliado da pesquisa etnográfica, que possibilita avizinhar posteriormente as percepções e os afetos que surgiram quando este/esta estava imerso no território de pesquisa, bem como desenhar conexões analíticas (Balestrin & Soares, 2020).



II ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL



Ainda sobre as trilhas metodológicas da Etnografia de Tela, Colins e Lima (2020) afirmam que esta amplia os olhares direcionados aos filmes para além de suas narrativas e, por mais que os enredos se caracterizem como obras ficcionais, entende as dimensões complexas de realidade presentes nos elementos técnicos das produções. Assim, por exemplo, personagens e escolhas de montagem se articulam em grande parte das produções a partir de regulações culturais e sociais.

A partir destas premissas, a pesquisa percorrerá a análise de dois vídeos mais vistos dos canais de duas produtoras de grande sucesso comercial, a *HotBoys* e a *Irmãos Dotados*, na plataforma Xvideos. A escolha das plataformas se deu pelas condições de filtragem dos vídeos, sendo possível ordená-los a partir do mais visto e/ou mais favoritado. Ainda, o site possibilita o acesso a outros tipos de informações, como quantidade de visualizações, curtidas e categorização dos vídeos, além de constar comentários da audiência que possibilitam a aproximação com parte dos efeitos da produção fílmica em seus consumidores.

Por se tratar de uma pesquisa em andamento, não há ainda resultados a serem compartilhados no momento. Entretanto, apostamos que esta pesquisa amplia o debate sobre a pornografia homoerótica, temática ainda pouco explorada no meio acadêmico brasileiro, em destaque na Psicologia. Além disso, acreditamos na importância de problematizar discursos e imagens que circulam em uma mídia consumida de maneira massiva, articulando olhares mais críticos sobre as narrativas e materiais veiculados.

REFERÊNCIAS

Balestrin, Patrícia Abel; Soares, Rosângela (2021). "Etnografia de tela": uma aposta metodológica. In Dagmar Estermann Meyes & Marlucy Alvez Paraíso (Org.). *Metodologias de Pesquisas Pós-críticas em Educação* (pp. 89-111). 3ª ed. Belo Horizonte, MG: Mazza Edições.



II ENCONTRO DE ESTUDOS
SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS
NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL



Colins, Alfredo Tunay; Lima, Morgana Gama de (2020). Etnografia de tela e semiopragmática: um diálogo entre metodologias de análise fílmica. *Avanca Cinema*, 430-437. <https://doi.org/10.37390/avancacinema.2020.a146>

Collins, Patricia Hill; Bilge, Sirma (2021). *Interseccionalidade*. 1ª ed. São Paulo: Boitempo.

Miskolci, Richard (2017). *Desejos digitais: uma análise sociológica da busca por parceiros on-line*. 1ª ed. Belo Horizonte, MG: Editora Autêntica.

Rial, Carmen Silvia (2005). Mídia e sexualidade: breve panorama dos estudos de mídias. In Miriam Pillar Grossi, Simone Becker, Juliana Cavilha Mendes Losso, Rozeli Maria Porto & Rita de Cássia Flores Müller (org). *Movimentos sociais, educação e sexualidades* (pp. 107-136). Rio de Janeiro, RJ: Garamond.

MAS CHEGOU O CARNAVAL E ELA (SIM) DESFILOU: SAMBAS DE NOTAS OUTRAS E AS POTENCIALIDADES DE UMA COMUNICAÇÃO DECOLONIAL¹

Franciele Rodrigues²

Leiliani de Castro³

*“Moço,
Não se esqueça que o negro também construiu
As riquezas do nosso Brasil”.*

Histórias são curandeiras. O alerta é de Gloria Anzaldúa, pensadora feminista, chicana, lésbica, escritora de cartas para nós, “mulheres do terceiro mundo”. Para ela, os processos de construção da história são múltiplos e, portanto, quando possibilitam olhares outros para realidades - que sempre são vistas - contribuem para a criação de experiências e saberes tensionadores de verdades ditadas pelo (cis)tema heteropatriarcal e racista. Inspiradas por esta compreensão, surge *O que elas pensam?*, um podcast sobre política produzido sobre a perspectiva de mulheres.

Neste relato, compartilhamos afetações decorrentes do episódio “Quem quer ser mulher negra depois do Carnaval?”. Ao longo de 50 minutos, o programa aborda questões como criminalização da cultura de grupos subalternizados, tentativas de apagar práticas de enfrentamento, representações da mulher negra e a importância de rompermos com um ensino eurocentrado que desconhece os Brasis.

Durante uma semana, no Carnaval, a cultura afro-brasileira é festejada e vendida através dos desfiles das escolas de samba, no Rio de Janeiro. Cartão de visita brasileiro, é o que se diz. Até chegar na configuração festiva que temos nos dias de hoje, muita resistência foi necessária, em especial na cidade maravilhosa. O “semba” atravessa o mar, de Angola ao Brasil, embarcado na escravização. Na Bahia, se transforma em samba. É tocado em roda. E descendo ao Rio, ganha corpo, vira samba-enredo.

¹ Trabalho enviado ao II Encontro de Estudos sobre Orientalismos e Colonialismos na Comunicação e no Audiovisual (II OCCA), realizado na Universidade Estadual de Londrina. 7 a 10 de março de 2023.

² Doutoranda Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: franciele.rodrigues@uel.br

³ Discente Especialização Comunicação e Cultura Política da Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: peschiera.leiliani@uel.br

Desde as festas e rodas de samba na casa de Tia Ciata aos movimentos higienistas presentes na formação da antiga capital do Brasil, como o bota-abaixo, ministrado pelo então prefeito Pereira Passos, o samba é ritmo de resistência, porque preserva a sabedoria contida na oralidade. Os ensinamentos ritmados pelo batuque. Conhecimentos que se passam de forma viva e própria. Tia Ciata, sambista e mãe de santo, conseguiu driblar a ordem pública, fazendo de sua casa um grande ponto de encontro do samba. Depois dela, vieram os primeiros blocos e escolas.

Na década de 1920, temos o prefeito Prado Junior iniciando o que hoje poderíamos chamar de “monetização” do carnaval e, mais tarde, em 1930, o prefeito Pedro Ernesto lançou um novo projeto carnavalesco que teve aceitação popular: surgia a regulamentação das escolas de samba e blocos. Quem nos ensina este contexto histórico é a historiadora Analu, em sua tese: “[Ensino de História da África e Cultura Afro-Brasileira: Estudos Culturais e Sambas-Enredo](#)”, transformada em livro.

Com o exemplo do [samba-enredo](#) da Mangueira, nos anos 2000, a pesquisadora ilustra a potência dos sambas levados às escolas. Porque eles próprios são uma aula. E Analu sabe bem disso, desde que pisou numa escola de samba em Maringá, no Paraná, antes que ela deixasse de existir. No mesmo período, Fernando Henrique Cardoso, promoveu uma campanha, abraçada pela rede Globo, comemorando os 500 anos de, segundo eles, “descobrimto do Brasil”. Convidaram as escolas de samba a desenvolverem enredos sobre isso, mas duas delas, a Mangueira e a Tradição, ousaram narrar outro ângulo dessa mesma história.

Movida pela potência decolonial e profundamente educativa do enredo da vermelho-verde-e-branco, Ana Lúcia descobre uma figura pretenciosamente esquecida pela história dita oficial: Dom Obá, um homem que circulou pela Guerra do Paraguai e é sequer citado nos livros. A Mangueira não apenas criticou a colonização e, nos últimos versos, ao citar a Princesa Isabel, salienta a falta de políticas públicas para a população negra escravizada.

Para encontrá-la, conversamos com uma das referências no samba em Londrina, Silvia Borba, mulher pernambucana que movimenta o mundo através da sua voz. Silvia foi servidora da UEL (Universidade Estadual de Londrina) nos laboratórios de ciências biológicas e exatas. E na aposentadoria, lançou o disco “Fala, Mulher!”, além de se

apresentar em Londrina e até no Rio de Janeiro, ao lado de Teresa Cristina. Sílvia nos indicou a professora e pesquisadora da história do samba, Juliana Barbosa, que nos levou até Analu. A todas elas, mulheres-acontecimentos, uma vida de gratidão.

Ana Lúcia da Silva é professora adjunta efetiva do Departamento de Ciências Humanas da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL), em Minas Gerais. Conversamos na sexta-feira de carnaval via plataforma Google Meet. Como ela é nascida em Maringá, nos bastidores pudemos mencionar o desmonte das escolas de samba de Londrina e da cidade vizinha. Além da crescente fascista que se fortaleceu nos últimos anos, em face do governo passado e de figuras que pairam no presente, como Filipe Barros (PL) e Ratinho Júnior (PSD).

Ainda com a gravação interrompida, Ana confidenciou a solidão da mulher negra, só que no sul de Minas, tal como anunciado anos antes, por Lélia Gonzalez. A todo o momento, enquanto circula pela cidade, Ana é questionada sobre a existência da figura de um marido em sua vida, além de não ser respeitada e compreendida enquanto professora universitária. Ela nos contou que quando levou o samba à escola, foram reclamar do barulho. Nada contra os medalhões da MPB, mas “um Chico Buarque não seria questionado desse jeito”, adverte.

Até mesmo na pesquisa do doutorado veio a carga do descrédito. As pessoas diziam que ir ao Rio de Janeiro estudar samba, seria apenas um pretexto para viajar, se esquivar de obrigações da maternidade. E quem a viu na Sapucaí, soube: caderno à mão e anotações intensas após cada desfile. O carnaval mexe com todo o Brasil e movimenta milhões de reais. Há o destaque às escolas, durante a semana do evento. Porém, todo o trabalho social desenvolvido por elas foge à mídia tradicional.

Cobre-se os ensaios, os desfiles e a apuração. Os samba-enredos, transmitidos, são importantes, por ganharem projeção nacional e potencialmente levar histórias outras aos telespectadores. Assim, o que se nota, é que os meios de comunicação hegemônicos ao incorrerem nos “perigos da história única” contribuem para silenciamentos e negações múltiplas, isto é, partindo da inexistência do *outro* enquanto sujeitos de direitos, experiências, saberes reafirmam a falta de reconhecimento das diversidades ao mesmo que enraízam desigualdades.

**II ENCONTRO DE ESTUDOS
SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS
NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL**



Mangueira - escola que nossa convidada veste a camisa e a espera no sambódromo após nossa gravação - também queremos “um Brasil que não está no retrato”, que ouça “Marias, Mahins, Marielles, malês”. E Analus.

CARTA PARA ÂNGELA DINIZ¹

Franciele Rodrigues²

Márcia Neme Buzalaf³

Querida Ângela,

Desculpe se lhe abordo de maneira invasiva, mas a despeito do que possam dizer mapas e calendários, sinto que lhe conheço. Talvez seja porque passei os últimos meses mergulhada em sua história, que, aliás, descobri tardiamente, apenas em 2020, mais de quatro décadas depois da violência que você sofreu. Sinto tanto por isso, Ângela. A historiografia contada a partir das vozes hegemônicas tenta a todo custo silenciar as múltiplas opressões que (re)produz. Ao escamoteá-las, pintá-las com tons de frivolidades, querem efetivamente dizer: estas vidas não merecem atenção. São matáveis. E quem se importa?

Dia após dia, o dito horário nobre da televisão sentencia: naquelas mesmas horas, muitos se foram vítimas de violências múltiplas. Se for mulher, as justificativas já surgem com a manchete: Estava no lugar errado e na hora errada. A roupa era curta demais. O batom vermelho demais. A alegria era demais. Ou então: o ciúmes, motivado por amor incontrolável, levou o homem ao desespero. Passados alguns minutos, temos uma a menos de nós.

TV desligada, é hora de dormir. Despertador programado. Amanhã, tudo inicia novamente. Decerto, Ângela, sinto que lhe conheço também porque desde que soube da sua trajetória através do podcast *Praia dos Ossos* revivi experiências minhas e de mulheres ao meu redor. Assim que ouvi dizer que você abandonou os estudos para dedicar-se ao casamento, recordei de minha avó Ana, impedida de frequentar a escola

¹ Trabalho enviado ao II Encontro de Estudos sobre Orientalismos e Colonialismos na Comunicação e no Audiovisual (II OCCA), realizado na Universidade Estadual de Londrina. 7 a 10 de março de 2023.

² Doutoranda Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: franciele.rodrigues@uel.br.

³ Doutora em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Professora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Contato: marciabuzalaf@uel.br.

para que ajudasse nos trabalhos domésticos e para andar de bicicleta – um dos seus maiores sonhos – também não obteve permissão, pois não era “coisa de mulher”, lhe dizia seu pai.

A mesma afirmação foi repetida, anos mais tarde, pelo meu pai à minha mãe. Acredita? Soube disso aos oito anos enquanto acompanhava minha avó nos cuidados com as roseiras. Aos 12, lembro de cruzar a cidade toda com a minha Caloi Ceci. Com o passar dos anos, vi muitas outras violências a que minha avó e mãe foram submetidas: empurrões, xingamentos, tapas, mãos indesejadas, desqualificações que as levaram a desacreditar delas mesmas. Simultaneamente, também me tornei alvo dos mesmos abusos. Todas nós compartilhamos vivências em que percebemos que “ser mulher é ser um corpo que não se sente seguro em lugar algum”, como sintetiza Eliane Brum ao referir-se ao que muitas vezes não é descritível.

Ângela, hoje lhe escrevo de Londrina, como todos do país, cenário de feminicídios, a exemplo do cometido contra a professora de Música, Estela Pacheco, em 14 de outubro de 2000. Estela, com 35 anos, mãe de Laila, foi encontrada morta no pátio de um edifício, na região central da cidade, logo após deixar um bar com o ex-namorado, Mauro Janene. Todos os dias nas idas e voltas da UEL passo em frente a este bar e sou tomada pelo desejo imensurável de regredir no tempo só para avisá-la da tragédia. À época, Janene alegou que Estela havia caído do 12º andar do prédio após se desequilibrar, mas laudos periciais concluíram que já estava sem vida antes da queda.

Neste mesmo bar, Ângela, juntamente com amigas, enfrentamos homens que ainda insistem em equiparar assédios a flertes. Você bem sabe que mulheres bebendo, fumando, dançando são vistas como suscetíveis a todos os tipos de agressões. Mulheres no transporte público, universidades, trabalho, caminhando pelas ruas, também. Roupas são convertidas em convites, comportamentos ensejam justificativas para ataques diversos.

Assim como no seu caso, a violência da qual Estela foi vítima também foi transformada em símbolo. Desta vez, pela morosidade da Justiça, que submeteu familiares, amigos de Estela à espera de 17 anos e cinco meses para que uma resposta chegasse. Se em 1981, mulheres ocuparam as ruas de Cabo Frio para evidenciar o machismo perpetrado pela tese da “legítima defesa da honra”, responsável por livrar o

seu algoz, em 2016, além de tomar o calçadão de Londrina pedindo “Justiça por Estela”, um site e petição pública foram criados exigindo que o caso fosse julgado. Mais de 2 mil assinaturas cobrando celeridade no processo foram reunidas.

Imagino que mesmo que você não tenha se identificado como feminista, saber que mulheres estão ocupando as ruas, reafirmando que cabe somente a elas o direito aos seus corpos, deva lhe arrancar sorrisos. O movimento “Quem ama não mata”, criado em sua memória e de outras mulheres vítimas de violência na sociedade brasileira, são objetos de disputas incessantes, principalmente, em tempos marcados pela ascensão de governos autoritários como o que atravessamos. Mas, acredite, temos lutado para que mulheres tenham autonomia e sejam reconhecidas como sujeitas de suas próprias vidas e destinos.

As formas de resistir são diversas, Ângela. Nos ambientes públicos e privados, temos criado nossos espaços e quando tentam nos tirar deles, não silenciemos. Não mais. Não sempre. Os meios de comunicação também já não são mais os mesmos. Pelo menos, não todos. A pressão de coletivos, movimentos sociais, pesquisadores tem contribuído para que a angulação de crimes de feminicídio não recaiam na culpabilização da vítima como fizeram com você.

Ângela, tenha certeza de que a forma estigmatizada com que você foi retratada pelos veículos de comunicação na ocasião do crime, recuperada pelo *Praia dos Ossos*, ensinou-me sobre Jornalismo em diferentes perspectivas: se por um lado, reafirmou a minha distância com o enfoque sensacionalista que sempre me causou náuseas, por outro compreendi que um Jornalismo que respeite e legitime os direitos humanos e as diversidades é possível. *O Praia dos Ossos*, dentro de suas especificidades de produção jornalística me permitiu vislumbrar que um Jornalismo feminista e decolonial pode ser realidade.

Uma das principais motivações que me faz acreditar no Jornalismo, Ângela, é a capacidade que ele tem de lançar luz para narrativas outras – para além dos discursos dos de sempre – rompendo com a lógica de “sistema-mundo-moderno-colonial” na qual o Jornalismo hegemônico está assentado e o faz legitimar preconceitos enraizados. Um Jornalismo que elimine ou ao menos desnaturalize relações de poder. Um Jornalismo mais plural em formas de produção, fontes, assuntos, ideias. Um Jornalismo que não seja propulsor de mortes. Um Jornalismo que defenda a vida de todes indistintamente.

**II ENCONTRO DE ESTUDOS
SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS
NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL**



DESATANDO NÓS PARA O ENLACE COM A DIFERENÇA: o cuidado ao ódio em face à violência contemporânea. ¹

*Guilherme Afonso Del Pintor Pereira*²

*Claudia Maria de Sousa Palma*³

*Beatriz Oliveira Fernandes Silva*⁴



Figura 1.

I – Introdução

O presente trabalho resulta de um estudo teórico em desenvolvimento, a partir do projeto de pesquisa “Contribuição da ética da psicanálise ao cuidado em tempos de intolerância”, no Departamento de Psicologia e Psicanálise (UEL). Interroga qual a contribuição da psicanálise ao campo da saúde, quando se trata de uma resposta/tratamento do sujeito em condição de extravasamento de ódio e intolerância.

Para tanto, pretende contribuir ao entendimento das manobras subjetivas guiadas pelo campo do narcisismo e orientadas à negação da castração pela via da recusa à diferença, que fixam o gozo do sujeito numa posição paralisante, que presentifica a pulsão de morte na descarga de ódio frente ao que não ecoa semelhança, à diferença que marca a condição cindida, negada pelas artimanhas da inflação imaginária. Nesta ótica “a única coisa que interessa às individualidades é circunscrever rigidamente o território medíocre da sua existência à custa do gozo predatório sobre o corpo do outro, a quem tratam como anônimos e sem rosto” (Birman, 2005, p.284).

Assim, tem seu interesse na contemporaneidade, onde acompanhamos uma ascensão do ódio em interface às relações humanas, em que um controle sobre o outro é imposto para a manutenção de uma homeostase narcísica de um Eu que se pressupõe absoluto e

relutante, portanto, à operação com a condição de falta estrutural que revela a incompletude e o desamparo como inerentes ao humano.

II – Método

A partir de um estudo teórico, nosso interesse está na dinâmica subjetiva ancorada no empobrecimento do eixo simbólico, da alteridade como diferença, e do objeto da satisfação completa como impossível; balizas que, no laço social, revelam o excesso dos afetos que, desinibidos, convocam a satisfação da pulsão de morte.

Como consequência, temos a inflação do campo imaginário em seu caráter ilusório e alienante, onde o sujeito busca lidar com a falta estrutural através da reciprocidade do objeto (Bacelar, 2021, p.78), condição que pressupõe, portanto, a manutenção de um eu alimentado pela ilusão de completude, aspecto que iremos desenvolver no presente trabalho como fundamento das políticas de ódio.

III- Resultados e discussões

Em tempos orientados pela desinibição do pior, a fragilidade do pacto civilizatório revela o custo da inoperância da lei simbólica nas relações, acarretando, assim, um movimento de ódio e destruição ao outro-estranho, em prol da manutenção da reciprocidade e da ilusão de completude.

Para tanto, se evidencia uma modalidade específica do sujeito em relação ao seu gozo, ao campo de satisfação pulsional inconsciente, que na inflação imaginária assume uma forma sem limites, incessante e “sem recursos” (Lacan, 1959/2016, p.455).

Sendo assim, o sujeito tece laços sociais a partir da via do objeto como existente na função de tamponar a falta, em detrimento do contato com a alteridade, diferença que marca a presença de um objeto faltante na estrutura.

A psicanálise, nessa via, contribui fortemente ao indicar-nos a fertilidade da inclusão do campo simbólico no tratamento a partir de uma escuta que convida à cena a liberdade de dizer o que não se pensa, o não sabido a se dizer que convida o sujeito não a um nó sobre si mesmo e uma violência ao outro, mas a um enlaçamento como via de tratamento possível ao impossível de realização, como aponta Rosa (et. Al. 2018, p.29): “É o enlace com o outro que pode combater o desenlace com o outro”.

IV- Conclusão

Logo, recorreremos à psicanálise no que tange a proporcionar outros modos de encontro com a diferença, onde sob o tecido vivo de nossa sociabilidade, podemos refletir a destruição causada pelo não cuidado do ódio à diferença, que rompe as costuras de nossos laços sociais, e apontarmos para um mais fazer desse ódio que não o rompimento da vida. Assim, uma liberdade à palavra que possa ressoar em cura e ser utilizada como recurso apaziguador frente à surpresa e ao estranho que a alteridade convoca. Trazer à cena o inconsciente, na sua radicalidade, pela palavra, segue como a aposta ao tratamento do mal-estar na civilização que, na contemporaneidade, se faz pelo ódio e a intolerância. Nos inspiramos no “Divisor” de Lygia Pape ao pensarmos formas de conceber a noção de “um ser coletivo simultaneamente conectado e separado por uma pele comum” (Huber, 2022).

V- Referências bibliográficas

FIGURA 1 Lygia Pape: Divisor (Divider), 1968. Performance no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAMRJ). 1990. Fotografia: Paula Pape. Projeto Lygia Pape.

Birman, J. (2005). Mal-estar na atualidade. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira,

Bacelar, J. (2021). Faces contemporâneas da imaginarização: uma contribuição à clínica psicanalítica (Dissertação de Doutorado). Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA.

Lacan, J. (1959/2016). O seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.

Huber, C. (2022, maio 25). Lygia Pape. Desartes.com. Recuperado em agosto 17, 2022, em <https://dasartes.com.br/materias/lygia-pape/>.

Rosa, M. D., Alencar, S., Martins, R. (2018). Licença para odiar: uma questão para a psicanálise e a política. In: Rosa, M. D., Costa, A. M. M., Prudente, S. As escritas do ódio – psicanálise e política. São Paulo, SP: Escuta/FAPESP.

1 Trabalho enviado ao II Encontro de Estudos sobre Orientalismos e Colonialismos na Comunicação e no Audiovisual (II OCCA), realizado na Universidade Estadual de Londrina. 7 a 10 de março de 2023.

2 Graduando em Psicologia na Universidade Estadual de Londrina, guilherme.afonso@uel.br.

3 Professora Associada do Departamento de Psicologia e Psicanálise-Uel; Doutora em Saúde Mental pelo Depto. de Psiquiatria e Psicologia Médica da FMUSP-RP, claupalma@uel.br.

4 Graduanda em Psicologia na Universidade Estadual de Londrina, beatriz.oliveiras@uel.br.



II ENCONTRO DE ESTUDOS
SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS
NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL



COLETIVO MALOKA FILMES: fazer coletivo e decolonial¹

Irislane Mendes Pereira²

O mercado audiovisual tem se modificado em seu modo de produção, distribuição e consumo com a crescente produção do cinema independente brasileiro ligado às questões identitárias e representativas no campo cultural. O resgate da origem essencial do cinema - a coletividade - e o impacto das mudanças tecnológicas, tem renovado as linguagens artísticas contemporâneas e aumentado exponencialmente a produção de obras audiovisuais no cinema nacional.

A emergência de novos fazeres e olhares está presente na produção de jovens realizadores, “cineastas-habitantes” (ALLOUCHE, 2021), que abordam temas relacionados às questões de gênero, de corpos marginalizados, das negritudes e lugares. Essa produção realizada por coletivos de cinema tem legitimado obras voltadas às temáticas da diversidade e representatividade, contrapondo representações estigmatizadas, exotizadas e invisibilizadas.

Em 2020, o Centro Cultural São Paulo apresentou uma mostra digital chamada *Verão Sem Censura: Os Coletivos de Cinema*, onde destacavam trabalhos dos “coletivos e das cooperativas de cinema que ganharam um novo papel de diversidade regional, racial e de gênero dentro do cenário audiovisual brasileiro” (2020).

Entre os coletivos que exibiram suas obras expressivas, destaca-se o Maloka Filmes. Parte da cartografia de produção cinematográfica da cidade de São Paulo, o Coletivo tem um merecido destaque entre as diversas produções lançadas na última década. Com direção coletiva formada por realizadores LGBTs vindos das regiões periféricas da cidade de São Paulo, jovens com formação em cursos livres ou cursos

¹ Trabalho enviado ao II Encontro de Estudos sobre Orientalismos e Colonialismos na Comunicação e no Audiovisual (II OCCA), realizado na Universidade Estadual de Londrina. 7 a 10 de março de 2023.

² Doutoranda pelo PPG em Multimeios na UNICAMP e mestre em Comunicação e Semiótica (PUC-SP), tem pesquisa voltada ao documentário e cinemas periféricos latino-americanos, iris.mendes1@gmail.com.



II ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL



técnicos em cinema, desafiam e modificam a produção audiovisual brasileira; propondo a discussão sobre temas considerados ainda tabus ao questionarem padrões e agregarem as minorias. Pensar a representação “como um prazer e uma responsabilidade coletiva”. (SHOHAT, STAM, 2006:452)

O Coletivo se apresenta como “parte da tentativa de diminuir a contradição entre a alta concentração de LGBTs nas periferias de São Paulo e o pouco que se sabe sobre o assunto”. (2020)

Em 2019, o Maloka Filmes lançou dois curtas-metragens que, fomentados pelo Programa de Valorização de Iniciativas Culturais (VAI) do Município de São Paulo, circularam em mostras e festivais nacionais e internacionais: *Perifericú* e *Raízes*. Ambos, dirigidos coletivamente, se destacaram tanto pela abordagem dos temas quanto pelos recursos estéticos apresentados. O filme *Perifericú*, dirigido por Nay Mendl, Rosa Caldeira, Steffany Fernanda e Vita Pereira, angariou mais de 30 premiações, incluindo exposições nos principais festivais de cinema *queer* e LGBT em todo o mundo. Originado da websérie *Babado Periférico*, também produzida pelo Coletivo, o filme contempla questões ligadas a gênero, raça e classe; temas caros à filmografia atual. Dois anos depois, o sucesso do filme deu origem ao Festival *Perifericú*, realizando no extremo sul de São Paulo, que reuniu trabalhos que dialogavam com essas temáticas.

O outro filme produzido é o documentário *Raízes* (2019) que, dirigido por Simone Nascimento e Wellington Amorim, trata do tema racial a partir do resgate da ancestralidade de uma família e o deparo com o apagamento do povo negro brasileiro.

Wellington Amorim, um dos produtores do Maloka Filmes, situa bem a proposta das produções: “Gosto de dizer que a gente faz cinema para contar a nossa versão das nossas histórias. A gente faz cinema para possibilitar imaginários para os nossos.” E complementa: “E o nosso cinema é outro, é comunitário, independente, pretx, LGBT, periférico ” (AMORIM, 2020). Reafirmando que “As políticas das identidades lutam



II ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL



pela ‘auto representação’ de comunidades marginalizadas, pelo direito de ‘falar por si mesmo’”. (SHOBAT; STAM, 2006, p. 445)

Diante disso, quais seriam as mudanças significativas dessa produção coletiva? Qual impacto na representativa relacionada às questões identitárias podem ser percebidas a partir dessas produções?

O que essa produção nos possibilita é um olhar atento e crítico a respeito de uma realidade que nos circunscreve e nos coloca no centro e nas bordas, uma produção que responde à demanda de um público que se vê representado, ao enxergar-se na tela. Reafirmando que “As políticas das identidades lutam pela ‘auto representação’ de comunidades marginalizadas, pelo direito de ‘falar por si mesmo’”. (SHOBAT; STAM, 2006, p. 445)

Nessa polifonia proposta, o que se vê e espera são falas amplificadas que centralizam em suas práticas demandas urgentes que não cabem mais serem renegadas.

Palavras-chave: Audiovisual; Cinema coletivo; Maloka Filmes; Identidade.

Referências bibliográficas

ALLOUCHE, Claire. Où commence la périphérie? Horizon commun des cinématographies argentine et brésilienne contemporaines. Revista RITA, n. 14 set. 2021. Disponível em: <http://www.revue-rita.com/articles/ou-commence-la-peripherie-horizon-commun-des-cinematographies-argentine-et-bresilienne-contemporaines-claire-allouche.html>. Acesso em: 10 set. 2022.

AMORIM, Wellington. "Perifericu" é o filme mais transgressor que você vai assistir em 2020. Coluna Mulherias; UOL, 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/colunas/mulherias/2020/10/09/perifericu-e-o-filme-mais-transgressor-que-voce-vai-assistir-em-2020.htm>. Acesso em: 05 de julho de 2022.



**II ENCONTRO DE ESTUDOS
SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS
NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL**



Centro Cultural São Paulo. São Paulo sem censura: os coletivos de cinema. 2021. Disponível em: <http://centrocultural.sp.gov.br/2020/06/01/sao-paulo-sem-censura-os-coletivos-de-cinema/>. Acesso em: 28 de junho 2022

SHOHAT, Ella; STAM, Robert. Crítica Da Imagem Eurocêntrica: Multiculturalismo e Representação. Trad. Marcos Soares. São Paulo: Cosac Naify, 2006

STAM, Robert. Multiculturalismo Tropical: Uma história Comparativa da Raça na Cultura e no Cinema Brasileiro. Trad. Fernando S. Vugman. São Paulo: Edusp, 2008

VERONEZI, Kawê da Silva. Festival Perifericu celebra processos artísticos LGBTQIA+ realizados nas periferias. Portal Geledés, 2021. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/festival-perifericu-celebra-processos-artisticos-lgbtqia-realizados-nas-periferias/>. Acesso em: 28 de junho 2022.

Referências filmicas:

Perifericú. Direção: Nay Mendl, Rosa Caldeira, Stheffany Fernanda, Vita Pereira. Produção: Maloka Filmes. São Paulo: Maloka Filmes, 2019. Festivais.

Raízes. Direção: Simone Nascimento e Wellington Amorim. Produção: Maloka Filmes. São Paulo: Maloka Filmes, 2019. Festivais.



Transversalizando fronteiras: Uma Revisão Bibliográfica sobre Considerações Interseccionais nos Estudos Queer¹

Jeferson José Silvério dos Santos²

Resumo

Introdução:

Os estudos *queer* surgem na década de 1990 a partir de uma crítica aos estudos homossexuais e a outras formas de pesquisa que tratavam a sexualidade como uma categoria fixa e binária, com base na distinção entre homossexualidade e heterossexualidade. O seu argumento central está em questionar a sexualidade como uma construção social e histórica, e que as identidades e as práticas sexuais são fluidas e mutáveis, desafiando as categorias fixas e binárias como masculino/feminino, heterossexual/homossexual.

No Brasil, os estudos *queer* foram introduzidos na década de 1990, através de pesquisadores, ativistas e estudantes que se interessavam pelas questões de gênero e sexualidade. Naquele período, o Brasil estava passando por mudanças políticas significativas, com o fim da ditadura militar e a transição para a democracia. Isso criou um ambiente propício para o desenvolvimento de novas formas de pensar e de fazer política, inclusive na área dos estudos de gênero e sexualidade.

Em relação à questão racial, os estudos *queer* têm se relacionado de diferentes maneiras. De um lado, pesquisadores e pesquisadoras e ativistas no Brasil têm buscado incorporar as perspectivas das teorias raciais e pós-coloniais em suas análises e práticas.

Por outro lado, também há críticas aos estudos *queer* por sua suposta falta de atenção às questões raciais. Algumas dessas análises argumentam que os estudos *queer*

¹ Trabalho enviado ao II Encontro de Estudos sobre Orientalismos e Colonialismos na Comunicação e no Audiovisual (II OCCA), realizado na Universidade Estadual de Londrina. 7 a 10 de março de 2023.

² Graduando em Ciências Sociais, Bacharelado, pela Universidade Estadual de Londrina. E-mail: jeferson.santos@uel.br



II ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL



muitas vezes se concentram na análise de identidades e subjetividades que são entendidas como transnacionais, deixando de lado as particularidades das experiências de pessoas LGBT+³ em contextos específicos, marcados por desigualdades de raça, classe e gênero.

Outra crítica está no fato de que muitos pesquisadores e pesquisadoras sobre gênero e sexualidade no Brasil e em outros países têm focado suas análises e intervenções em contextos privilegiados ou metropolitanos, deixando de lado as experiências de pessoas LGBT+ em contextos periféricos ou rurais. Assim, ao negligenciar as experiências desses grupos em contextos menos privilegiados, os estudos *queer* acabam por reforçar as desigualdades e invisibilizar as lutas e resistências dessas populações.

Nessa perspectiva, o professor de estudos afro-americanos Patrick E. Johnson tem contribuído significativamente para o campo dos estudos *queer* e a interseccionalidade. Em sua obra “Estudos *QUARE* ou (quase) tudo que sei sobre teoria *queer*, aprendi com a minha avó” (2001), ele enfatiza a necessidade de abordar as questões de gênero e sexualidade de maneira interseccional, considerando a interação dessas identidades com outros sistemas de opressão, incluindo raça e classe.

Uma das principais propostas de Johnson é a necessidade de desafiar as normas de masculinidade e feminilidade dentro das comunidades LGBT+. Ele argumenta que muitas vezes a cultura *queer* é dominada por narrativas de masculinidade branca e que isso exclui as vozes de pessoas negras, bem como outras minorias. Ele irá destacar a importância de criar espaços inclusivos e acolhedores para pessoas LGBT+ de todas as origens e identidades, e de desafiar as normas de gênero e raça dentro desses espaços.

Outro autor que aborda uma análise crítica aos estudos *queer* é o acadêmico cubano-americano de estudos culturais e de performance José Esteban Muñoz, autor de "*Cruising Utopia: The Then and There of Queer Futurity*" (2009). Para ele, os estudos *queer* muitas vezes assume uma postura apolítica e individualista, que não leva em conta

³ Nesse trabalho, opto por usar a sigla LGBT+, por compreender o seu potencial qualitativamente mais efetivo, considerando o “+” como referência as demais identidades.



II ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL



as desigualdades sociais e históricas que influenciam a formação das identidades de gênero e sexualidade.

No livro "A Reinvenção do Corpo: Sexualidade e Gênero na Experiência Transexual" (2006), a socióloga Berenice Bento discute a interseccionalidade como uma perspectiva teórica e política importante para entender as experiências de pessoas trans, que muitas vezes enfrentam múltiplas formas de opressão e discriminação em função de sua identidade de gênero, raça, classe, entre outras características.

Assim, Bento propõe uma abordagem que articule as perspectivas *queer* e interseccional, buscando compreender as complexidades das vivências trans em relação às dimensões de gênero, sexualidade, raça, classe e outros marcadores sociais.

Metodologia:

O presente trabalho de revisão bibliográfica busca realizar uma análise das considerações interseccionais nos estudos *queer* no Brasil e tem como objetivo apresentar uma reflexão crítica sobre as possíveis lacunas e suas implicações.

Para isso, serão selecionados artigos acadêmicos que tratam do tema gênero e sexualidade no Brasil, com enfoque nas questões de interseccionalidade. A revisão bibliográfica foi realizada em bases de dados acadêmicas Google Acadêmico, Portal de Periódicos da CAPES, SciELO e Portal SEER. Foram incluídos estudos publicados nos últimos 20 anos, em português, que abordam essa temática.

A análise crítica dessas pesquisas tende a olhar para a necessidade considerarmos as intersecções entre diferentes formas de opressão, já que elas se interpenetram e se reforçam mutuamente. Dessa forma, é preciso levar em conta a multiplicidade de experiências e vivências das pessoas, que são marcadas por múltiplos e complexos aspectos identitários.



**II ENCONTRO DE ESTUDOS
SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS
NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL**



Além disso, é necessário ampliar a diversidade de perspectivas e vozes nos estudos *queer* no Brasil. Assim, ao considerar a diversidade de experiências e vivências das pessoas no Brasil, levando em conta as interações entre as categorias de gênero, sexualidade, raça e classe. Isso implica em incluir os saberes e experiências de pessoas que são frequentemente marginalizadas, como as mulheres negras, as pessoas trans e não-binárias, as pessoas com deficiência, entre outras.

Referências Bibliográficas:

JOHNSON, E. Patrick. **Estudos “Quare” ou (quase) tudo o que sei sobre estudos queer aprendi com minha avó.** In: DE MORAES, Fernando Luís. *Analítica Quare: Como ler o humano.* Editora Devires. Bahia, 2021.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual.** 3 ed. Bahia: Devires, 2019.

MUÑOZ, José Esteban. ***Cruising Utopia: The Then and There of Queer Futurity.*** New York: New York University Press, 2009.



CUIDADO! QUEREM DESTRUIR NOSSA FAMÍLIA: O DISCURSO DE ÓDIO ÀS PESSOAS LGBTI+ NAS REDES SOCIAIS INSTAGRAM E TWITTER¹

Kaio Cesar Pacheco²

Flávia Fernandes Carvalhaes³

Na atualidade, a intensa circulação de aparatos tecnológicos no cotidiano da população interfere na produção de modos plúrais de existência e perspectivas ficcionais de realidade. Tais arranjos interferem na (re)produção de noções tradicionais e dissidentes de gênero, que se apresentam cada vez mais difusas, complexas e múltiplas. Nesta perspectiva, nas últimas décadas, observamos a expansão da *internet* e de seus aparatos tecnológicos, que deram origem a um ambiente virtual capaz de integrar redes sociais como *Facebook*, *Twitter*, *Youtube*, *Instagram*, *Tik Tok* e tantos outros espaços virtuais que ganharam destaque nas mais diversas situações vivenciadas no cotidiano pela população.

Pesquisas como a do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE] realizada em parceria com a TIC Domicílios (IBGE, 2021) indicam o aumento do uso dessas redes sociais em detrimento do isolamento social, sendo capaz de impactar em diversas esferas, seja na educação, nas relações sociais, na propagação de informações e até mesmo nas relações de trabalho. É pautado por esse cenário de importância e protagonismo das redes sociais e suas repercussões nos âmbitos político, social e subjetivo, que esta pesquisa de mestrado analisou parte dos enunciados odiosos que circulam nestes aparatos tecnológicos.

Segundo dados da organização não governamental *SaferNet* (2021), houve um aumento nas denúncias de discurso de ódio e intolerância na *internet* durante o segundo

¹ Trabalho enviado ao II Encontro de Estudos sobre Orientalismos e Colonialismos na Comunicação e no Audiovisual (II OCCA), realizado na Universidade Estadual de Londrina. 7 a 10 de março de 2023.

² Mestrando em Psicologia. Psicólogo atuando na assistência social do município de Ibiporã - PR. Email: kaiopacheco28@gmail.com.

³ Doutora e mestre em Psicologia. Docente dos programas de graduação e pós-graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Londrina. Email: fcarvalhaes@uel.br.



II ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL



semestre de 2018 no Brasil. Denúncias com teor de xenofobia, apologia e incitação a crimes contra a vida, neonazismo, homofobia, racismo, intolerância religiosa, entre outros exemplos, tiveram um crescimento expressivo em relação ao mesmo período de 2014.

Em diálogo com a Psicologia Social e o campo dos Estudos de Gênero, esta pesquisa problematizou mais especificamente enunciados que circulam em discursos de ódio dirigido às pessoas LGBTI+ nas redes sociais *Twitter* e *Instagram*. Analisamos, em destaque, a produção biopolítica do ódio nestes aparatos tecnológicos, que se articula a partir da atribuição de noções de abjeção relacionados a essa população, materializadas em premissas de desvio e perigo. Partimos da premissa de que o ódio voltado a essa população se produz exatamente por essas pessoas serem circunscritas em um sistema de sexo-gênero como abjetas, ininteligíveis, desviantes e perigosas.

Com enfoque qualitativo e valendo-se da pesquisa documental, foram analisados conteúdos disponíveis em páginas de domínio público do *Twitter* e *Instagram* publicados no Brasil entre os anos de 2020 a 2022. A dissertação está dividida em quatro capítulos. Inicialmente, são apresentados traçados iniciais que subsidiam a escolha pela temática investigada. No capítulo seguinte, debate-se sobre a perspectiva ocidental da história da sexualidade, que edifica um sistema de sexo-gênero que demarca modos de existência situados como inteligíveis ou abjetos, priorizando o diálogo com Foucault (1988), Birman (2001), Laqueur (2001) e Butler (2019). O próximo capítulo analisa profundas transformações ocorridas no mundo capitalista do século XX e XXI, que culminaram em uma sociedade de controle que incide sobre o sistema de sexo-gênero. priorizando o debate com Deleuze (1992), Mansano (2009), de Lauretis (1994), Sibilia (2015). Em seguida, o percurso metodológico que fundamenta a investigação e o processo de coleta e análise é delineado. Por fim, no último capítulo, debate-se sobre a produção biopolítica do ódio direcionado à população LGBTI+. Problematizamos maneiras como discursos de ódio que circulam nas redes sociais *Instagram* e *Twitter* direcionadas à população LGBTI+ articulam noções de abjeção, a partir de duas categorias de análise: a noção de desvio e de periculosidade.



II ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL



Através de captura de tela do celular, foi possível ter acesso a enunciados odiosos que circulam nos comentários de páginas no *instagram* e do *Twitter*. Na análise foi identificado as noções de desvio e perigo presentes em tais enunciados, como em algumas casos em que é desejado que homossexuais “*queimem no inferno*”(sic), que “*não invadissem os canais de crianças*”(sic) pois “*Deus fez homem e mulher e ponto*”(sic). A análise dos comentários sinalizou que há um medo generalizado que se encadeia com outros afetos como o escárnio, desprezo, potencializando o próprio ódio, como demonstrado em casos de comentários que usam emojis: “*ser gay é uma coisa agora incentivar crianças. Que mundo e esse que estou vivendo □□□*” (sic). Outros enunciados também demonstraram forte tendência à uma visão cristã do mundo, com a invocação do “*Pai/Mãe nosso que estais no céu*”(sic) para intervir e não permitir que as pessoas LGBTI+ lutem por seus direitos. Além disso, notou-se acentuada propensão do uso de justificativas biologizantes para questionar o gênero de uma pessoa como “*mas é homem?*”(sic).

Conclui-se, provisoriamente, que as redes sociais, se constituem em um campo complexo em que forças díspares coexistem em disputa. Assume-se a importância de problematizar maneiras sutis e/ou explícitas como regimes de enunciação se articulam no cotidiano para produção de noções de anormalidade relacionadas à população LGBTI+, como um modo de desestabilizar tais enunciados e lutar por uma sociedade em que a diversidade e a pluriversalidade sejam possíveis.

Referências:

- Birman, J. (2017). Gramáticas do erotismo. Editora José Olympio.
- Butler, J. (2019). Corpos que importam os limites discursos do “sexo”. 1ª edição. São Paulo: crocodilo.
- Deleuze, G. (1992). *Conversações*. (1ª. ed.) São Paulo: Editora 34. Deleuze, G. (2002). Espinosa: Filosofia Prática. São Paulo: Escuta. p.31.
- De Lauretis, T. (1996). La tecnología de gênero. revista Mora, 2, 6-34.
- Foucault, M. (2019). História da Sexualidade 1: a vontade de saber. 9.ed. Rio de



**II ENCONTRO DE ESTUDOS
SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS
NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL**



Janeiro: Paz & Terra.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2021, Maio 14). PNAD Contínua TIC 2019: internet chega a 82,7% dos domicílios do país. Recuperado de:

<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/30521-pnad-continua-tic-2019-internet-chega-a-82-7-dos-domicilios-do-pais#:~:text=De%202018%20para%202019%2C%20o%20percentual%20de%20domic%C3%ADlios%20do%20Pa%C3%ADs,%25%20para%2068%2C%25>

Laqueur, T., & Whately, V. (2001). Inventando o sexo. *Rio de Janeiro: Relume Dumará.*

Mansano, S. R. V. (2009). Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade. *Revista de Psicologia da UNESP*, 8(2).

Safer Net. (2021). Indicadores da Central Nacional de denúncias de crimes cibernéticos. Recuperado em 23 de março, 2021. <https://indicadores.safernet.org.br>

Sibilia, P. (2015). *O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais.* (2ª. ed.). Rio de Janeiro: Contraponto.



REPRESENTAÇÃO LINGUÍSTICA SOBRE OS POVOS INDÍGENAS:
uma análise dos vocabulários usados no audiovisual a partir do politicamente
correto¹

*Katia Andressa Peruzi*²

*Mônica Panis Kaseker*³

Os povos indígenas foram dominados por mais de 500 anos no Brasil e muitas coisas ruins os atingiram para que a população diminuísse de maneira abrupta (LUCIANO, 2006, p. 17). Luciano (2006) aponta que esses povos resistiram a história de opressão e repressão e que representam uma parcela significativa da população brasileira. Shohat e Stam (2006) afirmam que o racismo é um produto parcialmente colonialista, além de ter sido um aliado para oprimir as “raças inferiores desregradas”. Com isso, “os índios eram chamados de “bestas” e “selvagens” para que os brancos europeus pudessem se apropriar de suas terras” (SHOHAT; STAM, 2006, p. 45). Os autores (2006) evidenciam que há muito tempo, com registros em 1911, os indígenas protestaram contra a maneira equivocada que estavam sendo representados na cultura e na história, o que fica evidente que “a questão crucial em torno dos estereótipos e distorções está relacionada ao fato de que grupos historicamente marginalizados não tem controle sobre sua própria representação” (SHOHAT; STAM, 2006, p. 270).

De acordo com o autor Osias Sampaio (2010), a carta do escritor Pero Vaz de Caminha, enviada ao rei de Portugal quando chegou ao Brasil, foi o primeiro caso de informação desfavorável aos povos originários no país. Sampaio pontua que “quanto aos índios propriamente, Caminha descrevera seu modo de vida como os que “não lavravam nem criavam”. No entendimento europeu tratar-se-ia de povos improdutivos” (SAMPAIO, 2010, p. 28). Sampaio (2010) salienta que a mídia falha muito em relação

¹ Trabalho enviado ao II Encontro de Estudos sobre Orientalismos e Colonialismos na Comunicação e no Audiovisual (II OCCA), realizado na Universidade Estadual de Londrina. 7 a 10 de março de 2023.

² Jornalista e mestranda em Comunicação na Universidade Estadual de Londrina (UEL),
katia_peruzi@hotmail.com.

³ Jornalista e professora do Mestrado em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina (UEL),
mkaseker@uel.br.



II ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL



aos povos indígenas, inclusive em “informações formais como nome de etnia o repórter falha; não que haja discriminação entre etnias, mas, por exemplo, um guarani não quer ser chamado kaingang e nem o kaingang ser chamado guarani” (SAMPAIO, 2010, p. 33).

José Luiz Fiorin aponta que, em 2004, a Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República publicou uma cartilha intitulada “Politicamente correto e direitos humanos”, escrita por Antonio Queiroz. Nesta cartilha, segundo o autor, esperava-se mostrar que determinadas palavras e expressões eram preconceituosas e discriminavam pessoas ou grupos sociais. Porém, a publicação gerou polêmica e o governo recolheu a cartilha, porque “muitos intelectuais proeminentes acusaram o governo de estar instaurando a censura” (Fiorin, 2008, p. 2). O autor afirma que a linguagem politicamente correta pretende combater o preconceito, pois “alterando-se a linguagem, mudam-se as atitudes discriminatórias” (Fiorin, 2008, p. 1). Nara Cabral considera que mudar as representações sociais preconceituosas que estão em circulação é uma tarefa difícil de ser feita, pois “é preciso lembrar que não se trata apenas de circunscrever as palavras, no plano simbólico, mas também de reestruturar as configurações que se enraízam no imaginário” (Cabral, 2013, p. 80). A autora também estuda sobre a cartilha e analisa alguns vocabulários referentes aos povos originários, como “Bugre”, “Selvagem e silvícola” e “índio”. A palavra “Bugre”, de acordo com a autora, encontra-se como uma palavra do século XVI e que “a palavra em foco é expressão do olhar do colonizador e que esse olhar constitui raiz de discriminação” (Cabral, 2013, p. 89). Semelhante a esse sentido, a autora explica que estão as palavras “Selvagem e silvícola”, com expressões pejorativas e que desqualificam os indígenas.

Em entrevista ao programa Roda Viva, o escritor Kaká Werá diz que o termo ‘índio’ faz com que os povos originários lembrem de tudo o que passaram durante a sua história, sendo escravos, usados como moeda de troca e estorvo. Segundo ele, “por incrível que pareça essa modelo do século XVI é o mesmo modelo que está por aí. [...] Então, tudo isso, o conceito de índio guarda pra nós essa dor” (Werá, 2017). Werá diz que não existe apenas uma denominação correta para se direcionar a eles, mas “o que nós, entre nós, colocamos é: povos originários, cidadãos originários” (Werá, 2017). Célia



II ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL



Xakriabá (2021), no podcast ‘Papo de Parente’, da plataforma do Globoplay, afirma que, além da palavra índio, a palavra tribo também condiz ao olhar do colonizador e que não leva em conta as dores e o processo cultural da diversidade dos povos indígenas do Brasil, os tratando como se fossem primitivos e não civilizados. Ela diz que “até a Organização das Nações Unidas reconheceu o peso e o jeito pejorativo da palavra da palavra tribais”. Segundo ela, “os povos originários do Brasil se reconhecem muito mais por serem chamados povos indígenas. Use a palavra povo, use a palavra aldeia” (XAKRIABÁ, 2021).

Desta forma, a pesquisa, que está em fase inicial, pretende refletir sobre o vocabulário utilizado pela mídia, identificar quais palavras representaram de maneira errônea os povos indígenas no jornalismo televisivo desde a reabertura política e a promulgação da Constituição de 1988, descrever como essas palavras afetam a imagem que é passada por essas emissoras às pessoas que as assistem e explicar se o politicamente correto mudou, e como mudou, a forma com que a televisão retratou esses povos nos últimos anos. A pesquisa justifica-se uma vez que há poucos estudos publicados que analisam esses vocabulários no jornalismo televisivo. Portanto, será possível contribuir coletando dados e os analisando para entender a forma com que os meios de comunicação retrataram os povos originários e se o politicamente correto tem auxiliado para que os vocabulários utilizados mudem. Para chegar aos objetivos, será feita uma pesquisa bibliográfica e de caráter exploratório, com o objetivo de reunir vocabulários utilizados pelo jornalismo televisivo a fim de obter informações que estimulem a compreensão do tema. Para analisar os vocabulários encontrados durante a pesquisa, será utilizada a ferramenta metodológica Análise do Discurso, com a intenção de compreender as produções de sentido causam as palavras.

De acordo com Luciano (2006) a recente revalorização das culturas indígenas está fazendo com que os povos originários iniciem um processo de recuperação do orgulho étnico e da autoestima identitária. Segundo o autor, a busca por esclarecimento sobre as denominações e conceitos surgem para valorizar “toda a riqueza histórica e cultural dos povos indígenas do Brasil” (LUCIANO, 2006, p. 29).



II ENCONTRO DE ESTUDOS
SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS
NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CABRAL, Nara Lya Simões Caetano. **Mídia, controle discursivo e liberdade de expressão**: o politicamente correto como princípio regulador. Universidade do Minho, Braga, 2013. Disponível em: http://lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/article/view/1687. Acesso em: 22 out. 2022

FIORIN, J. L. “**A linguagem politicamente correta**”. *in*: Linguasagem - Revista Eletrônica de Popularização Científica em Ciências da Linguagem, 1, São Carlos: UFSCAR, p. 1-4. Disponível em: <https://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/view/532/296>. Acesso em 25 out. 2022

LUCIANO, Gersem dos Santos. **O Índio Brasileiro**: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil hoje. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

PAPO DE PARENTE: o poder da palavra. Célia Xakriabá. Globoplay, 07 out. 2021. Podcast. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/podcasts/episode/papo-de-parente/b0abed61-1120-4b59-bd9b-566b88b26100/?s=0s>. Acesso em: 03/11/2022

RODA VIVA com Kaká Werá. Apresentação de Augusto Nunes. São Paulo: Fundação Padre Anchieta (TV Cultura), 2017. Publicado pelo canal Roda Viva (81 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iwU5KNMf014>. Acesso em: 17/10/2022.

SAMPAIO, Osias Ramos Arnaud. **Jornalismo Indígena e Jornalismo Indigenista**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social - Jornalismo) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

SHOHAT, Ella; STAM, Robert. **Crítica da Imagem Eurocêntrica**. Tradução: Marcos Soares. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

RELATOS DE UMA IYAWO FOTÓGRAFA¹

*Larissa de Menezes Alvanhan*²



Figura 1 - Portal para o sagrado (Larissa Alvanhan), 2018 - Acervo: Ylê Axé Opó Omin

Ao ver a fotografia acima, sou atingida por um turbilhão de sensações, afetos e memórias. Como diz o pensamento do professor e pesquisador Boris Kossoy, “toda a fotografia tem atrás de si uma história” (KOSSOY, 2014, p.48). Quais são as histórias que essa fotografia carrega?

Bem, inúmeras. São histórias e memórias minhas, das pessoas presentes nessa imagem, de uma casa de axé, de uma família de Terreiro, de uma Comunidade Tradicional de Matriz Africana e de 3 matriarcas, minhas Mães de Santo.

Lembro-me bem, era novembro de 2018, de quando fui convidada por Mãe Omin para registrar em fotografias a festa de 30 anos de sua casa de axé. Levei um grande susto, na realidade. Fotografar uma festa de Candomblé? Justo em uma cerimônia tão

¹ Trabalho enviado ao II Encontro de Estudos sobre Orientalismos e Colonialismos na Comunicação e no Audiovisual (II OCCA), realizado na Universidade Estadual de Londrina. 7 a 10 de março de 2023.

² Larissa de Menezes Alvanhan: mestranda da PPGCom/Uel, larialvanhan@gmail.com.



II ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL



importante? Mas como? Nunca tinha ido a uma festa de Candomblé! Não conhecia nada, absolutamente nada dessa religião. Eis que Mãe Omin, doce e gentil como sempre, chega em mim e diz: “Calma minha filha, são só fotografias! Você não é fotógrafa?”. Sou, sou, disse com certeza tremendo. “Então, te vejo daqui duas semanas na festa!”. Oi? Duas semanas? Mas já? Não conheço nada de Candomblé, nunca fui em uma festa, nunca vi orixás, nunca, mas... e assim foram as minhas várias desculpas para tentar fugir dessa responsabilidade fotográfica. “Fique calma, minha filha, você não precisa saber nada de Candomblé, você precisa sentir e fotografar!”. Essas palavras estão gravadas em mim: sentir e fotografar. Que ensinamento! Nunca ouvi de nenhum professor ou mestre estas palavras: sinte e fotografe. Pelo contrário, aprenda a técnica, aprume o olhar e fotografe. Sentir e fotografar, palavras estas carregadas de sensações novas.

Vamos voltar um pouco nessa história, que claro, não é linear. Sou fotógrafa há mais de 15 anos. Sempre me interessei por fotografias documentais poéticas e etnográficas. Pierre Verger, claro, não podia não me lembrar desse fotógrafo, etnólogo, antropólogo e professor. Era adolescente quando vi pela primeira vez suas fotografias de Candomblé de Salvador, BA e na África. Não sabia direito o que era aquilo, mas suas fotografias me arrebatavam, sempre. A cada foto descoberta, um novo calafrio na espinha. Era uma admiração sem tamanho que tinha por seu trabalho. Não sabia quais eram as histórias daquelas fotografias, daquelas pessoas retratadas e dessa tal religião Candomblé. Vim de uma família católica, então, religiões de matrizes africanas estavam um tanto longe da minha realidade e cotidiano. “É Lari, por essa você não esperava, né?”, diria eu para a adolescente. Coisas da vida, ou melhor, de Exu, que nos leva para onde temos que ir. E os sonhos de adolescente com o Candomblé e o deslumbre pelo trabalho de Verger me levaram a Umbanda e depois, como destino final, ao Candomblé do Ylê Axé Opó Omin em Londrina, PR, para minhas Mães de Santo, para a minha família de Axé. E hoje, a mulher cis, branca, sapatan, artista multimídia, pesquisadora, encontrou no Candomblé o entendimento com a sua espiritualidade, ancestralidade preta e suas artes.

Segundo o pensamento da pesquisadora, professora Suely Rolnik, “o cartógrafo é, antes de tudo, um atropófago” (ROLNIK, 2011, p.23). Essa ideia condiz bastante com



II ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL



o que penso da arte de fotografar o Ylê Axé Opó Omin. É a própria junção de vidas, sentimentos, afetos, sagrados, memórias e arte em fotografias. Não há uma separação, um muro divisor da pessoa artista, filha de santo, iyawo³, pesquisadora e fotógrafa que sou. Essas minhas vivências, esses meus “eus” vem todos juntos e misturados no ato do clique fotográfico. São técnicas fotográficas, referências artísticas, olhares carinhosos com o meu arredor e afetações com o que se passa na frente dos meus olhos, da minha câmera. “Sinta, Lari. Calma, só sinta e fotografe”, diz um eu cada vez que vou fotografar o cotidiano, as festas e celebrações da minha casa. Fecho os olhos, sinto o axé e clico. Minha câmera, nesse momento, se torna uma grande boca. As imagens que de lá saem, uma construção imagética, documental, poética, antropofágica sobre as relações do tempo e do espaço na construção das memórias de uma das Comunidades Tradicionais de Matrizes Africanas mais antigas da cidade de Londrina.

Referências Bibliográficas:

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.

MBEMBE Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo, SP: N-1 Edições, 2018.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental, transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina Editora da UFRGS, 2011.

SODRÉ, Muniz. **Pensar Nagô**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2017.

³ uma pessoa iniciada ao Candomblé que incorpora o orixá



CARTA PARA ELIZA CAPAI: as visões sobre a mulher na série documental

“Elisa Matsunaga: Era Uma Vez um Crime” (2021)¹

*Lilian Ramos Bittencourt*²

*Marcia Neme Buzalaf*³

Querida Eliza,

Pensando agora, no momento de te escrever, tentei calcular de cabeça quantas vezes assisti o “Era uma vez um crime...”. Inúmeras vezes. Acho que sei de cor todas as falas e quem as disse. Sei também do sentimento que me ocupou todas as vezes em que algum dos personagens soltou um “toda mulher”, “essa louca” ou “ela é um monstro”...

Como é difícil para nós, mulheres, contarmos nossa própria história. Como é importante para nós, mulheres, que contem as nossas histórias. Assisti o “Era uma vez...” pela primeira vez de forma despreziosa. Trabalho em uma Promotoria Criminal e só o que me interessava, naquele momento, era o deslinde investigativo e jurídico daquele crime. Como descobriram que foi a Elize? Por que os jurados não aceitaram duas das três qualificadoras colocadas na denúncia? Então, um “e se a gente discutisse o estereótipo da mulher que cometeu crime a partir da série documental da Eliza Capai?” me fez rever e redescobrir o “Era uma vez...”. A partir de então, cada vez que eu reassistia era uma coleção de “como é que eu não vi isso antes?”. Cada vez era também uma nova identificação. Antes mesmo do crédito aparecer, eu já sabia que quem estava falando era o delegado, o promotor de justiça, o advogado. É tudo o que eu escuto, da forma como eu escuto, diariamente no meu trabalho. E essa sensação era complementada com os

1 Trabalho enviado ao II Encontro de Estudos sobre Orientalismos e Colonialismos na Comunicação e no Audiovisual (II OCCA), realizado na Universidade Estadual de Londrina. 7 a 10 de março de 2023.

2 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UEL (Universidade Estadual de Londrina). E-mail: lilianbittencourt@gmail.com.

3 Doutora. Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UEL (Universidade Estadual de Londrina). E-mail: marciabuzalaf@uel.br.



II ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL



áudios das reportagens que vocês selecionaram e colocaram na série. As coisas que eram ditas, no tom de voz em que eram ditas, acabaram me trazendo o questionamento “será que foi por isso que eu deixei o Jornalismo de lado pra ir pro Direito?” e a sensação de que, se foi por isso, não adiantou muita coisa. A realidade é que, independentemente da área profissional ou do contexto social em que nós estejamos, só nós, mulheres, conseguimos contar nossas próprias histórias.

E assim o “Era uma vez...” virou objeto da minha pesquisa. Por que mulheres que cometem crimes são sempre as loucas, as movidas por paixões, as vítimas de seus próprios hormônios? Por que o foco dos meios de comunicação tradicionais não foi a forma violenta, abusiva com que Marcos se relacionava com Elize? O que o caso dela tem de especial? Bom, ele foi cometido por uma mulher e teve como vítima um homem rico, herdeiro de uma das maiores indústrias de alimentos do país. Homens também erram, mas nossa sociedade jamais vai dizer que erram mais do que nós, mulheres.

E como é importante, neste contexto, uma produção como o “Era uma vez...”. Ouvir – e deixar falar – a única pessoa a quem este caso deveria interessar: a própria Elize. Deixar que ela mesma, com sua própria imagem, relate o que aconteceu. Não a imagem dela chegando algemada na delegacia, ou a imagem dela em um anúncio de um site de acompanhantes, ou a imagem dela sorrindo ao lado do marido e da filha (como se isso fosse empecilho para que ela sentisse o que sentiu quando apertou aquele gatilho).

Como é importante, em uma sociedade em que os meios de comunicação alimentam a estereotipização das mulheres, uma série em que uma mulher que foi muito estereotipada conta sua própria história e quebra essa imagem. Enquanto os jornais na época do crime diziam que ela era louca por ter matado o marido, Elize conta que a briga que antecedeu o tiro foi justamente porque sabia que não estava louca quando desconfiava das traições de Marcos. Enquanto apresentadores de programas policiais a chamavam de monstro por ter cortado o corpo de seu marido em pedaços, Elize narra que foi a única maneira que ela encontrou de tirar ele do apartamento. E enquanto tanta gente tinha certeza de que ela teve ajuda para isso, já que, como disse o delegado Mauro Dias, “ela passa a impressão de uma mulher frágil, franzina, magrinha, pequenininha”, Elize



II ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL



mostrou que só fez aquilo que aprendeu com o próprio marido quando eles iam para o Mato Grosso caçar.

Elize não é um monstro, nem estava louca quando cometeu o crime. Eu sei disso, você sabe e ela também. Por que então é tão difícil fazer uma representação menos machista dela – e de tantas outras mulheres que cometeram crimes? Eu sei que cometer crimes, por si só, já é suficiente para estigmatizar uma pessoa, mas por que o fato de ser uma mulher torna isso tão mais “especial”, a ponto de ainda ser pauta na mídia mais de dez anos depois? E por que sempre que mulheres que cometem crimes são apresentadas nos meios de comunicação, a representação que fazem delas é de uma pessoa que fez o que fez porque estava “fora de si”, porque “mesmo sendo mãe, não tem sentimentos” ou porque “fez isso pelo seu homem”. Veja, nem o livre arbítrio de fazer coisas socialmente reprováveis nos é dado. Nunca é “porque ela quis”.

É por isso que, nesta carta, quero pensar junto: como produzir uma série com a proposta de dar uma nova perspectiva sobre um caso já tão explorado? Os episódios nos permitem ver Elize, representando tantas outras mulheres que cometeram crimes, dando sua versão dos fatos e nos dando uma nova representação de si mesma. Por apontar como a mídia trata essas mulheres e, conseqüentemente, a todas nós. Porque lá em 2012, quando Elize matou Marcos, foi ela quem foi chamada de louca e de monstro, mas só nós, mulheres, sabemos que não é necessário matar e esquartejar um marido para que esses adjetivos sejam direcionados a nós. Basta, apenas, que a gente dê um passo para fora daquela caixinha estereotipada criada por uma sociedade que nos quer frágeis, dóceis e submissas.



II ENCONTRO DE ESTUDOS
SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS
NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL



Revolução das Bruxes!: Um ensaio cartográfico – Carta ficcional¹

*Marina Sousa Lima*²

Querida mãe,

Descobri que somos bruxas, mas muito além disso, descobri que ser bruxa não é algo ruim e maléfico como sempre nos ensinaram. Ser bruxa é possuir um poder gigantesco e magnífico, o poder de transformar e revolucionar esta realidade assassina em que vivemos. Fomos ensinadas desde muito cedo a nos reprimir, a seguir uma norma e uma regra opressora e violenta que nos calam, nos excluem, nos diminuem, nos violenta, nos enlouquecem e nos matam. Não apenas nós mulheres, mas qualquer pessoa que fuja do padrão homem, hétero, cis e branco que eles têm tanto medo de ser destruído. E sabe por que somos tão violentades? Justamente por que eles nos temem. Temem nosso poder que é mil vezes mais forte do que essa norma frágil que insiste em sustentar. Nos chamam de minoria, mas somos mais e muito mais poderosas. Por saberem que se tivermos poder eles não seriam páreos para nós, é que desde o início usam outras táticas para nos controlar. O silêncio, o medo e a morte...

Eu já desconfiava que eu era diferente desde muito nova, mas não consegui identificar o que era. Achava que a culpa era minha por não ser o suficiente, por não conseguir viver a vida que eu sempre quis, por não poder escolher o que eu realmente queria fazer. Achava que nasci com defeito, que eu era estranha demais, sonsa, lerda. E as pessoas reforçavam isso, você se lembra? Você dizia o contrário, me incentivava, me empoderava, mas chega uma hora que a voz da mãe não era o suficiente. Passei a acreditar que eu não tinha capacidade e que não tinha valor. Quando não me diminuía, eu mesma fazia esse papel. Pensa o nível de manipulação que eles conseguiram? Chegar a um ponto que sequer precisa do outro para te violentar, você mesma assume esse papel, pois a vida

¹ Trabalho enviado ao II Encontro de Estudos sobre Orientalismos e Colonialismos na Comunicação e no Audiovisual (II OCCA), realizado na Universidade Estadual de Londrina. 7 a 10 de março de 2023.

² Mestranda do programa de pós-graduação em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Graduada em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: marina.sousalima@uel.br



II ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL



toda foi o que te ensinaram. Isso é violento demais! Penso como você conseguiu aguentar tudo isso calada por tantos anos...

Há alguns meses comecei a ir nos encontros secretos no porão da casa de Celeste. Ela tem uma biblioteca enorme de livros proibidos, onde todo o conhecimento julgado como impróprio e até perigoso está. Conheci muita gente nova por lá, pessoas que também sofreram algum tipo de violência desde muito cedo por não corresponderem ao padrão imposto. Você ia amar os encontros, aprendemos com os livros e também com a trajetória de vida de cada um e de nós mesmos. Aprendi a me ver com outros olhos, sabe? Aprendi a me aceitar como sou e a ter orgulho de ser uma bruxa, uma pária, uma estranha, uma perigosa, uma fracassada.

Descobri que não existe sensação mais formidável do que ouvir que a sua existência, a sua forma de pensar, agir, viver, não é errada, não é abominável ou qualquer outra coisa péssima que implantaram com força na nossa cabeça. Nós simplesmente não seguimos e nos recusamos a seguir uma regra tosca e desumana implantada por um bando de medrosos ambiciosos que estão lá naquele pedestal ditando o sete. A partir do momento em que me dei conta disso, uma corrente enorme que prendia meu peito se quebrou. Aquela eu do passado que me sufocava, que me limitava, que dizia que eu estava errada e me calava, se foi. Ainda existem as correntes que estão externas a mim, as violências para além de meu controle. Mas, aquela violência que eu mesma me proporcionava, foi erradicada pela raiz! Ok... talvez não tenha sido TOTALMENTE erradicada, mas que ela ficou bem mais enfraquecida isso ficou.

No fim, acabei chegando à conclusão que quanto mais a gente estuda, mais feliz/realizado e triste/revoltado ficamos... Mas, saber que não estamos sozinhas e que sem esse conhecimento eu provavelmente poderia tomar atitudes que machucariam outras, já é uma conquista muito grande para mim.

Nosso grupo de encontros secretos tem pessoas de todos os gêneros e estamos planejando uma revolução... a revolução das bruxas!

Calma, não vamos pegar em armas ou usar nossa magia para derrubar a monarquia fascista regente, pelo menos não por enquanto... Por hora, começamos aos poucos,



II ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL



recrutando pessoas e construindo conhecimentos e saberes. Deixando histórias, artes, poesias, manifestos... cartas.

Por mim e por você, volto a escrever então. Assim como Anzaldua, para reescrever as histórias mal escritas sobre nós. Para mostrar que existimos, que somos fortes, temos vozes, somos bruxas! Pensei aqui agora, vou fazer um grimório, onde assim como nessa carta, colocarei todas as descobertas que me empoderaram, para que outras pessoas possam ler e se empoderar também! Parece uma ideia boa, não parece?

Calma, eu sei que é perigoso. Até a Anzaldua nos alertou sobre isso:

Escrever é perigoso porque temos medo do que a escrita revela: os medos, as raivas, a força de uma mulher sob uma opressão tripla ou quádrupla. Porém neste ato reside nossa sobrevivência, porque uma mulher que escreve tem poder. E uma mulher com poder é temida. (ANZALDUA, 2000, p. 234).

Mas, algo precisa ser feito.

Esses encontros secretos estão transbordando cada vez mais de mim e eu preciso de lugares para deixá-los extravasar, não acha? Preciso de um lugar para anotar todo o conhecimento e as conclusões importantes. Preciso achar uma forma de fazer com que outros bruxes acessem todo esse conhecimento dos encontros secretos. Acredito que são nesses pequenos atos que se inicia uma revolução.

Esses encontros me mudaram para sempre, fizeram um estrago irreparável na minha forma de ver o mundo, as pessoas e a mim mesma. Um estrago na norma, um estrago no (cis)tema, um rombo na caixa em que nos forçam a viver desde os nossos primeiros suspiros. Um estrago maravilhoso e necessário.

As pessoas que conheci por lá, levarei para a vida. Cada troca, cada vivência compartilhada, cada construção de saber, me fizeram enxergar para além de mim e do que eu achava que sabia sobre o outro. Ler e ser lida pelos pesquisadores, ouvir a leitura e a releitura dos colegas atreladas com suas trajetórias, me fez praticamente abrir um terceiro olho de tanto que fui formidavelmente estimulada e contemplada. Os admiro muito e quero ser como elus quando crescer, em constante crescimento permeado por vivências e conhecimento.



**II ENCONTRO DE ESTUDOS
SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS
NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL**



Cada uma fazendo um pouquinho para a revolução das Bruxes, mexendo os pauzinhos em cada uma de suas pesquisas, anotações, formando grimórios. Pois, eu sei que um dia, todos esses grimórios estarão presentes em novos encontros secretos, até um dia os encontros não precisarem ser mais secretos, até o dia que ninguém mais vai precisar se esconder, fingir ser quem não é, se calar, se negar, se machucar...

Até o dia em que pessoas como você, mãe, viverão até o último respiro em paz e com saúde até todos os fios do cabelo ficarem brancos. Morrer de morte morrida e não de morte matada.

E foi por isso que te escrevi. Para dizer que também quero fazer parte da revolução das Bruxes. Você me autoriza?

Com amor,

Margot Magno.

Referências Bibliográficas:

ANZALDÚA, Glória. Falando em Línguas: uma carta para mulheres escritoras do terceiro mundo. In: ANZALDÚA, Glória. *A Vulva é uma Ferida Aberta & outros ensaios*. Rio de Janeiro: A Bolha Editora, 2021.

HALBERSTAM, Jack. Introdução e Capítulo 1: Dissidência e Baixa Teoria. In: *A Arte Queer do Fracasso*. Pernambuco: CEPE, 2000.

PRECIADO, Paul B. Quem defende a criança queer? In: *Um apartamento em Urano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

RODRIGUES, Franciele; BREVILHERI, Úrsula Boreal Lopes & NALLI, Morgana Camargo. Da proibição da Neolinguagem a “Infinitas possibilidades de Gêneros não existentes”. In: *Revista Relegens Thréskeia*, V.11 N 1 (2022)–pp.2 3 1 à 2 4 6, UFPR, 2022.



II ENCONTRO DE ESTUDOS
SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS
NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL



A CULTURA HIP HOP: Racionais MC's e a leitura do racismo no Brasil, a prática pedagógica em escolas periféricas e a articulação do rap como forma de protesto para tomada de consciência da juventude

VELOSO, Marjorie Rafaella¹

PERRUDE, Marleide Rodrigues da Silva²

Resumo

O presente texto apresenta dados parciais do estudo que visa analisar as questões vivenciadas pela população negra e periférica do Brasil, com ênfase na importância do movimento Hip Hop para o estabelecimento de uma prática pedagógica de qualidade, capaz de contribuir para a formação ontológica dos indivíduos. A pesquisa qualitativa teve como base um estudo bibliográfico, destacando as questões históricas atreladas ao desenvolvimento social e econômico destes indivíduos, explorando a violência institucional direcionada a eles, além de explicitar os impactos do racismo, da discriminação e da segregação. Apresenta-se o Hip Hop como uma ferramenta pedagógica que possibilita à juventude negra brasileira a capacidade de protesto, reflexão, lazer e expressão.

PALAVRAS-CHAVES: Racismo. Juventude. Cultura Hip Hop.

Introdução

O estudo tem por objetivo a análise de questões que se interlaçam à história do povo negro brasileiro, buscando enfatizar as problemáticas de cunho social e a forma com que a prática docente, em conjunto com Hip Hop, possui significância na alteração do cenário no qual jovens negros estão inseridos, pois promove a identificação com a causa e auxilia na tomada de consciência de questões históricas e sociais de forma crítica.

Para atingir os objetivos, propõe-se discutir termos como “preconceito”,

¹ Discente do Departamento de Educação - marjorie.veloso@uel.br.

² Docente do Departamento de Educação, Doutora em Educação, coordenadora do NEAB/Uel – perrude@uel.br



II ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL



“discriminação” e “segregação”, traçando um paralelo com o desenvolvimento histórico do país, com ênfase na violência sistematizada direcionada à população negra desde o Brasil Colônia, perpassando pelo período pós-abolicionista, com o movimento eugênico e suas políticas. Discute-se a institucionalização e estruturalização do racismo, questionando sua estrutura e denunciando seus impactos na atualidade.

Com o desenvolver destes temas, reflete-se sobre o movimento Hip Hop, a fim de compreender sua importância para a organização de uma resistência, que leva em consideração as questões étnico-raciais e a transmissão de mensagens por meio da musicalidade, da dança ou do graffiti.

Sugere-se colocar o professor como agente capacitador para a articulação deste debate, por meio da prática pedagógica, explorando a potencialidade da utilização do movimento para o enriquecimento da formação ontológica dos indivíduos. Assim, leva-se ao questionamento as práticas sociais por meio da intencionalidade, capacitando uma educação libertadora, articulando especificamente a realidade encontrada em escolas periféricas com população majoritariamente negra.

Método

O estudo ampara-se na análise teórica, utilizando como base o Materialismo-Dialético para a reflexão das questões vivenciadas pela população negra.

Possui como intuito a promoção da educação de qualidade e o desenvolvimento da criticidade, estabelecendo um movimento de análise das questões históricas e atuais, e seus impactos para o desenvolvimento dos indivíduos negros em território brasileiro.

Promove-se, assim, uma observação crítica da história, com enfoque no espaço social no qual o indivíduo está integrado e na maneira como este ambiente reflete em seu desenvolvimento. Desta forma, promove-se uma reflexão acerca de atos e ideologias racistas, para ser capaz de propor formas de abordagens combativas, bem como desconstruções gradativas das questões ligadas ao racismo estrutural.

Resultados e Discussões



II ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL



Tendo por base os estudos de Almeida (2019) e Diwan (2015), foram discutidas a origem do racismo e suas formas de ação (sistematizada, institucional e estrutural), estabelecendo um debate acerca da formação histórica que se relaciona à chegada de povos africanos em território brasileiro, das correntes de pensamento que favoreceram e justificaram a exploração e subalternização de corpos negros, considerando o dado momento histórico que reverbera consequências até os dias atuais.

O estudo se comprometeu em analisar de forma crítica as casualidades que impulsionaram o fenômeno de marginalização do povo negro no Brasil, amparando-se nos estudos de Barros (2018), problematizando a violência direcionada a eles. Levando em consideração as questões étnico-raciais, buscou-se, por meio dos movimentos sociais, representar as contribuições positivas do Hip Hop perante uma juventude segregada, discriminada e vítima de variadas violências.

Ainda, é feito um breve resgate da história do movimento Hip Hop, com o intuito de demonstrar sua relevância em específico no Brasil, debruçando-se sobre o grupo Racionais MC's, que possui grande influência em território brasileiro, sendo um dos grupos pioneiros, que questiona a violência policial, o tráfico de drogas, a pobreza e a discriminação, sendo capaz de elevar o discurso para vários locais sociais.

Apresentando de forma positiva a atribuição do Rap na educação, amparando-se em Orso. et al. (2014), sustenta-se que tal produção artística sirva como instrumento de identificação e resistência, possibilitando o processamento das vivências e a elaboração a partir das representações artísticas do movimento Hip Hop, em específico o Rap.

Considerações Finais

O estudo se trata de um Trabalho de Conclusão de Curso e encontra-se em período de finalização. Sendo assim, algumas discussões estão sendo encerradas, para que a conclusão torne possível a utilização do Rap, demonstrando a contribuição para tomada de consciência social, possibilitando a problematização das violências vivenciadas por jovens negros e periféricos.



II ENCONTRO DE ESTUDOS
SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS
NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

BARROS, João Roberto. O Racismo De Estado Em Michel Foucault. **R. Inter. Interdisc. INTERthesis**, Florianópolis, v.15, n.1, p. 01-16 Jan.-Abr. 2018.

DIWIAN, Pietra. **Raça Pura Uma História da Eugenia no Brasil e no Mundo**. 2^a ed., 3^o reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

MARX, Karl ; ENGELS, Friedrich ; LÊNIN, Vladímir. **Manifesto Comunista/ Teses de Abril**: Teses de abril. 1^a ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

NOGUERA, Renato; ALVES, Luciana Pires. **Infâncias Diante do Racismo**: teses para um bom combate. **Educ. Real**. [conectados]. 2019, vol.44, n.2, e88362. Epub, 15 de jul. de 2019. Acesso em: 10 mai. 2021. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362019000200409

ORSO, Paulino José ; SILVA, João Carlos da. CASTANHA, André Paulo. LOMBARDI, José Claudinei. **Pedagogia Histórica-Crítica, A Educação Brasileira e os Desafios de sua Institucionalização**. 1^o ed. Curitiba: Editora CVR, 2014.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Educação das Relações Étnico-Raciais nas instituições escolares. **Educ. rev. [online]**. 2018, vol.34, n.69, pp.123-150. ISSN 1984-0411. Acesso em: 10 de mai. 2021. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602018000300123

TEIXEIRA, Erika Ferraz ; CAMPOS, Josué de ; GOELZER, Marlene Márcia. **A permanência do racismo na sociedade brasileira**. SEDUC MT. Cuiabá, 2020. Acesso em: 20 de nov. 2020. Disponível em: <http://www2.seduc.mt.gov.br/-/a-permanencia-do-racismo-na-sociedade-brasilei-1>

NEGROS, A VIDA NÃO TEM COTAS!: uma análise discursiva sobre os grafitos em banheiros de universidades à luz do pensamento foucaultiano

Mayara Cristina Aparecido Santos

Rosemeri Passos Baltazar Machado

Diante de um racismo à brasileira, isto é, que acontece de forma velada e onde o mito da hegemonia racial mascara as desigualdades estruturais, enfrentar o racismo torna-se uma tarefa ainda mais árdua (Almeida, 2019). Embora alguns ainda compartilhem o ideário de que não há racismo no Brasil, ainda vivemos uma realidade de extermínio da população negra na qual os negros ainda ocupam os lugares mais desprivilegiados da sociedade brasileira. Tais elementos nos fez perceber que o cerne da questão não é mais se há racismo ou não, mas quais as condições de possibilidades que ainda determinam a multiplicação de dizeres racistas na sociedade contemporânea.

É fato que, mesmo após a escravidão, o reflexo desse sistema de exploração ainda produz um racismo que alimenta as estruturas da sociedade, manifestando-se não só nas relações sociais, mas também por meio das instituições públicas e privadas (Almeida, 2019). Nesse sentido, embora a universidade pública seja uma instituição reconhecida por seu caráter progressista, ainda vemos manifestações racistas dentro dessas instituições por meio de vários veículos comunicativos, dentre eles, as pichações.

Identificada a necessidade de observar um racismo mais explícito, longe das amarras do que é considerado politicamente correto, a procura por uma materialidade linguística na qual pudéssemos ver o racismo operar de maneira livre de censura nos levou aos gêneros subversivos. Somando-se a isso o fato de que, embora a universidade seja considerada progressista, ainda é possível vermos manifestações de racismo no ambiente acadêmico. À vista disso, nosso corpus de pesquisa foi composto por enunciados racistas expressos em grafitos encontrados nos banheiros de universidades públicas brasileiras, entre os anos de 2015 e 2018.

Diante de tais considerações, o objetivo principal deste trabalho foi analisar o racismo discursivo em tais materialidades, pelo viés teórico da análise do discurso com Foucault. Para isso, se fez necessário atingir três objetivos específicos: primeiramente, refletir sobre o processo de produção da pesquisa e da escrita, visando compreender o pesquisador enquanto parte do processo discursivo, isto é, tomando-o como um sujeito subjetivado e atravessado e que, ao mesmo tempo, é norteador do processo de seleção, construção e análise. Além disso, tendo em vista que os discursos são derivados de processos históricos e contextos políticos (não somente no sentido partidário, mas principalmente governamental) objetivamos abordar a temática do racismo e suas relações com a desigualdade social e a noção de “limpeza racial” que estão presentes nos discursos racistas encontrados. Por fim, propusemos também a reflexão a respeito do papel da educação como instrumento de mobilidade social, explorando, sobretudo, o espaço universitário.

O referencial teórico-metodológico de pesquisa é de caráter qualitativo-interpretativista, coloca o pesquisador como parte do processo discursivo, seus atravessamentos são responsáveis pelos efeitos de sentidos provocados por tais dizeres. Segundo Foucault (2020), a análise discursiva, denominada por ele como método arqueológico, é pautada na observação das regularidades enunciativas que caracterizam uma determinada formação discursiva. Tão logo, não se limita a identificar o racismo manifesto, mas busca compreender as condições de possibilidade que o envolve, isto é, procura olhar o surgimento do dizer em sua singularidade formativa, ainda que o discurso

não seja novo, nem original. Ademais, tendo em vista que os discursos são derivados de processos envoltos às relações interpessoais, visamos utilizar o conceito de biopolítica (Foucault, 2005) e de necropolítica (Mbembe, 2018), os quais relacionam o racismo aos problemas da desigualdade social e à noção de “limpeza racial” que estão presentes nos discursos encontrados.

Entre os resultados obtidos, foram identificados mecanismos de segregação, de repulsa e de ódio ligados à lógica do sistema da biopolítica e necropolítica, bem como dizeres que suscitam reflexões sobre o papel da educação na reprodução da desigualdade social e racial. As pichações em banheiros possibilitam o acesso aos padrões de intimidade dos indivíduos, onde os sujeitos, por meio do anonimato, se expressam a respeito daquilo que é recorrente na sociedade. Tais manifestações da linguagem são prontamente apagadas e repudiadas, entretanto, percebemos que a solução vai além de apagar a materialidade discursiva, mas compreender e identificar as condições que propiciam que esses dizeres continuem ocorrendo.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, S. L. de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2020.
- FOUCAULT, M. **Em Defesa da Sociedade**. Curso no Collège de France, 1975-1976. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1997.
- MBEMBE, A. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte. Petrópolis: Vozes, 1999.



**CARTA PARA MADAME SATÃ: minha bisavó da família LGBTQIA+ e
Queer¹**

Reginaldo Moreira²

Querida bisa Satã, guerreira ancestral de luta por vidas vivíveis fora do armário, você continua a ser hostilizada por aqui e teve seu nome retirado da Fundação Zumbi dos Palmares, pelos capitães do mato contemporâneos. Quanta injustiça! Mais uma! Mas vamos reverter isso!

Você sabia, bisa guerreira, dia 23 de outubro de 2020, morreu Jane di Castro, aos 73 anos de idade. Uma sobrevivente, no país que mais mata travestis e transexuais no mundo, Jane teve a sorte de morrer de causas naturais. Ela foi uma Divina Diva: atriz, cantora, vedete, cabeleireira, síndica. Foi dona de trajetória artística irretocável, com 50 anos de atuação, esteve nos principais palcos do Brasil e do mundo.

Quando eu nasci, Jane di Castro estava com 20 anos, no começo de sua carreira. É triste a sua morte, mas a causa até nos traz alento. Eu queria que todos os LGBTQIA+ e Queer só morressem de causas naturais, bisa Satã.

A maioria das travestis, transexuais e população LGBTQIA+ morre assassinada no Brasil. Facadas, tiros, estrangulamentos, esquartejamentos, queimaduras... São tantas violências, Madame Satã, que continuam praticando, que você pode muito bem imaginar. Viveu isso na pele, né bisa?

Você é minha bisavó da família LGBT. Permita-me chamá-la assim e pedir suas bênçãos para encarar a realidade, que não está nada fácil Satã.

Mataram a Kelly da Silva, lá em Campinas, e o assassino arrancou seu coração e no lugar colocou a imagem de uma santa.

¹ Trabalho enviado ao II Encontro de Estudos sobre Orientalismos e Colonialismos na Comunicação e no Audiovisual (II OCCA), realizado na Universidade Estadual de Londrina. 7 a 10 de março de 2023.

² Docente. Doutor em Comunicação. E-mail: regismoreira@uel.br



**II ENCONTRO DE ESTUDOS
SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS
NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL**



Rayane Marques e Bárbara Blum foram mortas durante a batalha.

Aysha foi morta por espancamento.

Danielly foi morta por enforcamento.

Gabriela Marino foi morta a tiros.

Graziela foi esquartejada num quartinho de hotel em Londrina.

Fábio Ábila e Hannan Silva foram enforcados em praças públicas aqui do sul do país, onde vivo autalmente.

São tantos e tantas as corpos de nossas irmãs, filhas e netas, que não sobrevivem aos 35 anos de vida, Satã.

O Brasil é o país que mais mata a população LGBTIA+ e Queer no mundo! O país que mais mata a população de Transexuais e Travestis no mundo! O país que mais mata os ativistas de movimentos sociais no mundo! Um dos países que mais matam mulheres por feminicídio no mundo!

Tem tido uma naturalização das mortes destas corpos, Satã. Não há, via de regra, um luto, um espanto diante da violência praticada todos os dias. Envelhecer, como você envelheceu a seu tempo, torna-se um sonho de vidas que lutam para se manter vivas desde sempre, da hora que acordam até a hora que se deitam. A ameaça de morte é uma constante e a morte social vai implicando em destituições de inúmeros sonhos, inclusive o de envelhecer. E quando envelhecem, essas corpos são invisibilizadas e jogadas à própria sorte. Não é possível que as pessoas durmam em paz, bisavó, sabendo que a expectativa de vida de uma mulher transexual ou travesti é de 35 anos, se forem brancas e de 28 se forem pretas!

Essas corpos vivem ameaçadas por uma sentença de morte!

Perdemos tantas outras...



**II ENCONTRO DE ESTUDOS
SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS
NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL**



A Sara Santana

A Joana Bahiana

A Cris Cristina Guarnieri

A Scarlet Ohara

A Géia

A Morça

A Rogéria

O Jorge Lafond

A Miss Mi de Le France

Marsha P. Johnson e Sylvia Rivera puxaram o levante no Bar Stonewall, em Nova Iorque. Viraram Paradas LGBTQIA+ por todo mundo. Aqui no Brasil temos o orgulho de ter a maior Parada do mundo! Mas continuam nos matando, Satã...

O corpo do Lourival Bezerra passou meses nas geladeiras do IML (Instituto Médico Legal), pois não queriam reconhecê-lo como homem trans e enterrá-lo com o mínimo de dignidade.

Internaram Edson Francisco no manicômio, com diagnóstico de homossexualismo, e ele morreu lá.

Prenderam Febrônio Índio do Brasil no Manicômio Judiciário e ele só saiu de lá morto.

Mataram Marielle Franco. Ali bem perto da Lapa, reduto onde você, bisa, reinou lindamente a seu tempo. Foram 7 tiros. 3 tiros só na cabeça. Desde março de 2018. Até hoje a polícia não descobriu quem mandou matar a Marielle. Até hoje, bisa Satã...

A (in)justiça machista, sexista e misógina estuprou novamente Mariana Ferrer na audiência. Falaram em estupro culposo, Satã. Inadmissível! Mais uma vez a culpabilização da vítima, querida bisa. Mais uma vez. Até quando???



**II ENCONTRO DE ESTUDOS
SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS
NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL**



Mataram brutalmente o jornalista britânico Dom Phillips e o indigenista brasileiro Bruno Pereira, no Amazonas, por estarem defendendo nossa floresta.

Sim, essa carta escorre sangue, bisa, numa ascentralidade que vão dizimando. Mas como dizem as manas, quando uma cai, dez se levantam!

Existem muitas notícias boas também.

A Chris Lemes gravou um filme, depois dos documentários que fez para deixar de legado às futuras gerações.

Mel Campus está morando na Itália. Recebi notícias que comprou uma casa por lá.

Juaara está cursando universidade novamente, agora em Relações Públicas, e produzindo podcasts bafônicos.

Precisamos e muitas outras Megg Rayaras, Adriana Salles, Vulcanica Pokaropa, Dodi Leal, Sarah Wagner, entre tantas outras e outros... a universidade precisa ser cada vez mais plural, Satã.

Estou inscrito em mais um curso da Helena Vieira! Os cursos dela são tão magníficos. Como aprendo com minha mestra.

Liniker tem estado linda nos palcos e na TV. Tem estrelado uma série chamada Manhãs de Setembro, que é tão linda, bisa!

Linn da Quebrada, Açucena, Majur, Urias, Jup do Bairro, tem cantado e encantado muitas pessoas. É lindo ouvir suas canções e seus posicionamentos tão precisos.

Renata Carvalho tem ganho prêmios pelas suas atuações comoventes no cinema, no teatro e na televisão.

Vou ficando por aqui hoje, pedindo proteção para os nossos passos, luz para os caminhos e toda sua disposição para a luta!

Do seu bisneto,



**II ENCONTRO DE ESTUDOS
SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS
NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL**



Régis Moreira



PUBLICIDADE E FEMINISMO: diálogos culturais e econômicos¹

Renata Aparecida Frigeri²

Esta pesquisa objetiva discutir os possíveis diálogos culturais e econômicos entre a publicidade e o feminismo, a partir da compreensão de que a publicidade é um texto cultural e que suas estratégias comunicacionais estão associadas aos valores infundidos na sociedade em que ela está inserida; deste modo, pesquisar as mudanças das peças publicitárias é também investigar o desenvolvimento de um grupo, de uma comunidade ou mesmo de um país em determinado período. Complementarmente, as campanhas publicitárias são instrumentos de construção de marcas e de vendas de produtos ou serviços e, por isso, visam atingir e convencer o maior número possível de potenciais consumidores.

Ao assumir a publicidade como um produto cultural, modificada pelos processos históricos e movimentos sociais, compreende-se que ela pode contribuir, refutar ou reiterar valores presentes em uma sociedade, por meio de seu posicionamento público. Judith Butler, em sua obra *Lenguaje, Poder e Identidad*, reflete justamente sobre o uso da linguagem e os potenciais efeitos que um discurso pode causar em diferentes grupos sociais: “*el carácter citacional del discurso puede contribuir a aumentar e intensificar nuestro sentido de la responsabilidad*” (BUTLER, 1997, p. 54).

Em evidência, o discurso feminista está cada dia mais presente nas campanhas publicitárias nacionais; atualmente, existem agências e consultorias especializadas e segmentadas que auxiliam as empresas na adoção de novos comportamentos na cultura interna e também em seu relacionamento com o público externo, como é o caso do *Think Eva* – uma organização que se define como uma “*Consultoria de inovação social que articula o mundo corporativo para a criar soluções para as desigualdades de gênero e*

¹ Trabalho enviado ao II Encontro de Estudos sobre Orientalismos e Colonialismos na Comunicação e no Audiovisual (II OCCA), realizado na Universidade Estadual de Londrina. 7 a 10 de março de 2023.

² Doutora em Comunicação (UNESP), Coordenadora dos Cursos de Comunicação e Artes (UNOPAR) e Docente dos Cursos de Comunicação e Artes (UNOPAR), renatafrigeri@gmail.com.



II ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL



intersecções” (THINK EVA, 2023), que possui, entre outros clientes, o Google Brasil e a ONU Mulheres.

A publicidade, como um produto da comunicação, dialoga permanentemente com a cultura em que está inserida, exercendo também a construção social e a propagação de identidades (CUCHE, 1999). Em determinados momentos elas convergem, principalmente quando o *status quo* é mantido, ou seja, quando o discurso publicitário não é conflituoso com os valores instaurados no grupo social – é por este motivo que campanhas de cerveja, veiculadas nos anos 1990 e atualmente consideradas sexistas, não causavam estranhamento significativo a quem as consumia e revistas na atualidade provocam ojeriza. Isto significa dizer que a sociedade brasileira e as campanhas publicitárias mudaram em um espaço pequeno de tempo – menos de 30 anos – já que ao realizar contemporaneamente a leitura de uma peça veiculada há três décadas o espectador é tomado pelo estranhamento.

Por outra perspectiva, quando a publicidade assume posicionamentos progressistas, como se observa atualmente, instaura-se uma tensão no tecido cultural entre a publicidade e a sociedade. Pode-se observar campanhas que contestam a estrutura sexista e, ao menos parcialmente, tornam-se agentes reflexivos e/ou de transformação social ao abordar novas dimensões em relação a pautas feministas, mesmo que eventualmente sejam criticadas por grupos conservadores.

Considerando a representação identitária feminina, durante décadas as mulheres foram objetificadas pelos produtos comunicacionais, incluindo as campanhas publicitárias, mas nos últimos anos mudanças foram observadas impulsionadas pela pressão do movimento feminista. Importante destacar também que as mulheres vêm ocupando cada vez mais espaço em diversos setores, entre eles o departamento de criação publicitária das agências, onde as campanhas sexistas ou não são pensadas, criadas e executadas. Sendo a publicidade o resultado de uma produção coletiva, já que diversos agentes estão envolvidos no processo (cliente, planejamento, criação, produção, entre outros), a presença de pessoas dessemelhantes pode potencialmente gerar campanhas feministas, antirracistas, não homofóbicas.



II ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL



Hooks afirma que todas as formas possíveis de comunicação que podem ensinar a todos o que é feminismo devem ser utilizadas, de modo que o conceito não fique restrito a grupos de debates feministas ou pesquisadores universitários, com linguagens incompreensíveis para o público em geral: *“grande parte das muito celebradas teorias feministas são escritas em um jargão sofisticado que somente as pessoas com alto nível de educação conseguem ler. A maioria das pessoas em nossa sociedade não tem uma compreensão básica sobre o feminismo”* (HOOKS, 2019, p. 159-160). Para a autora a comunicação ampla é fundamental para a compreensão entre todos, portanto, a adesão das empresas e das campanhas publicitárias à discussão é fundamental para que mais brasileiros conheçam, discutam e compreendam que o feminismo não é uma disputa entre sexos, tampouco uma opressão ao masculino, mas uma construção conjunta sobre justiça e liberdade, visando uma comunidade democrática e coerente.

Quando a publicidade assume uma determinada dimensão do feminismo como estratégia de composição de suas mensagens ou produções, contribuindo para a propagação de direitos iguais, entre homens e mulheres, a sociedade recebe mais informações sobre o tema e potencialmente pode tornar-se mais igualitária.

Reitera-se que a apropriação do discurso feminista por marcas em suas campanhas publicitárias deve ser observada como uma das estratégias utilizadas para alcançar o público-alvo, já que as mulheres representam aproximadamente 50% dos consumidores brasileiros. Complementarmente, em *Marketing 3.0* (KOTLER et al, 2010, p. 5), ou o marketing voltado para os valores dos consumidores, os autores destacam que as pessoas buscam cada dia mais consumir de empresas que estejam alinhadas aos seus preceitos morais e éticos, acentuando-se o fato em períodos de crise.

Com as novas possibilidades do ambiente digital, a relação entre a marca e o consumidor está cada vez mais horizontal e este tem elegido empresas condizentes com seus valores. Complementarmente, ao propagar de fato valores igualitários dentro das empresas e também em suas campanhas publicitárias, a publicidade pode potencialmente contribuir para a difusão de direitos iguais e a redução da desigualdade entre os gêneros.



**II ENCONTRO DE ESTUDOS
SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS
NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL**



Referências:

BUTLER, Judith. **Lenguaje, poder e identidade**. Trad: Javier Sáez y Beatriz Preciado. Madrid: Editorial Síntesis, 1997.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Trad: Viviane Riberio. Bauru: Edusc, 1999.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Trad: Bhuvi Libânio. 8ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

HOOKS, Bell. **Teoria feminista**: da margem ao centro. Trad: Rainer Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019.

KOTLER, Philip; KARTAJAYA, Hermawan; SETIAWAN, Iwan. **Marketing 3.0**: as forças que estão definindo o novo marketing centrado no ser humano. Trad: Ana Beatriz Rodrigues. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.



MAURÍCIO PESTANA E A UTILIZAÇÃO DO HUMOR GRÁFICO NA LUTA CONTRA O RACISMO ¹

Rozinaldo Antonio Miani ²

INTRODUÇÃO

A utilização do humor gráfico - em especial, charges e cartuns - se constituiu como uma importante estratégia comunicativa nos processos de luta e de denúncia contra regimes autoritários. Na história do Brasil, os jornais da imprensa alternativa (KUCINSKI, 1990), com destaque para os periódicos *O Pasquim* e *Movimento*, utilizaram fartamente as charges para explicitar os desmandos da ditadura civil-militar (1964-1985) e também para pautar a sociedade em relação à necessidade de resistir e de denunciar as violências praticadas pelos governos autoritários.

Porém, a sociedade precisa se mobilizar e se manifestar contra todo tipo de violência, não apenas em contexto de regimes autoritários. E, nesse sentido, na história do Brasil, tanto quanto as violências derivadas das desigualdades econômicas e sociais produzidas pela lógica perversa da ordem capitalista, bem como as violências políticas e culturais de toda ordem, temos que enfrentar com contundência as múltiplas violências derivadas do racismo estrutural (ALMEIDA, 2018).

Na luta contra o racismo, as charges também ganharam lugar de destaque, principalmente, por meio da obra do chargista Maurício Pestana. O referido chargista, negro, é um “militante do traço” e construiu uma trajetória em que a vida e a arte se misturam. Nas palavras do próprio Pestana (2010), sua visão artística e seu projeto estético é perpassado por

[...] um corte epistemológico, interligando o passado, o presente e o futuro por meio da especificidade universalizante de ser negro num país e em uma sociedade que sempre se esquivou dessa aceitação. [...] Defini um indiscutível

¹ Trabalho enviado ao II Encontro de Estudos sobre Orientalismos e Colonialismos na Comunicação e no Audiovisual (II OCCA), realizado na Universidade Estadual de Londrina. 7 a 10 de março de 2023.

² Rozinaldo Antonio Miani - Graduado em Comunicação Social - habilitação em Jornalismo - e História. Mestre em Ciências da Comunicação pela ECA/USP. Doutor em História pela Unesp/Campus Assis. Pós-doutor pela ECA/USP (Fundação Araucária). Professor do Departamento de Comunicação da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Coordenador do Programa de Mestrado em Comunicação da UEL/PR. Coordenador do Núcleo de Pesquisa em Comunicação Popular (NCP/CNPq). E-mail: rmiani@uel.br.



II ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL



traço de contraposição estética e política ao radiografar a intolerância, a ação perversa da introjeção da miséria, a violência policial acasalada, a impunidade, o preconceito institucionalizado, a cidadania incompleta, o peso do desemprego e a ausência dos iguais direitos de opções.

Toda essa caracterização, explicitada e legitimada pelo próprio chargista, se materializou numa vasta obra composta de dezenas de publicações e coletâneas que ora se constitui como o objeto a ser apresentado e analisado neste trabalho.

PESTANA: UMA ARTE PELA IGUALDADE

Com mais de quatro décadas de contribuições decisivas para a história da charge no Brasil e, em especial - no contexto de sua obra - por colocar a questão do racismo como pauta do humor gráfico, Pestana, no início, se projetou como chargista ilustrando para o periódico *O Pasquim* e para a revista *IstoÉ*; seguiu por vários outros jornais e veículos de comunicação, dentre eles, o jornal *Diário do Grande ABC*, de onde o referido chargista selecionou as charges que compuseram sua primeira publicação, a coletânea “A transação da transição segundo Pestana” (1985).

Ainda em meados da década de 1980, Pestana participou da publicação “O negro no mercado de trabalho” (1986), desenvolvida em parceria com o professor Clóvis Moura, e que representou seu primeiro trabalho versando explicitamente sobre a temática e a questão negra. Desde então, dezenas de outros trabalhos do artista trouxeram a questão do negro e da luta contra o racismo como elemento central de suas publicações, autorais ou coletivas.

Nesse contexto, destacamos a coletânea “Racista, eu? De jeito nenhum...” (2001), que reúne charges e cartuns publicados por Pestana em diversos veículos de comunicação entre 1982 e 2001, e “Racista, eu? De jeito nenhum 2” (2005), que reúne charges e cartuns produzidos pelo referido artista entre os anos de 1982 e 2000 e veiculados em jornais e publicações de movimentos sociais. A importância destas coletâneas é corroborada por Clóvis Moura (2001, p. 8) por ocasião do prefácio da coletânea “Racista, eu? De jeito nenhum...”:

Daí a importância e a atualidade da publicação deste trabalho. Ele mostra os mecanismos perversos que determinam como funciona impunemente o racismo no Brasil e demonstra a convivência ambígua, sórdida da sociedade



II ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL



brasileira que tem um discurso democrático e uma prática racista dissimulada, cínica e por isto mesmo impune.

Pestana também contribuiu com suas charges para fortalecer a luta contra a discriminação da mulher e também em favor da luta sindical, ilustrando materiais das organizações feministas e sindicais ou mesmo publicando charges nos veículos em que atuava pautando tais questões. Pestana, ainda, ilustrou inúmeras cartilhas informativas com propósitos educativos, principalmente, tratando de questões relacionadas à identidade, à diversidade e à cidadania.

Em outra frente de produções, Pestana dedicou seus traços para compor materiais ilustrados sobre episódios importantes da história do Brasil que tiveram a participação de negros em movimentos que mudaram o rumo da história de nosso país; foram eles: “Revolta dos Búzios: uma história de igualdade no Brasil” (2007); “Revolta da Chibata: a revolta cidadã dos marinheiros negros” (2010); e “Revolta dos Malês: a saga dos muçulmanos baianos” (2010).

Como podemos constatar, a obra de Maurício Pestana é vastíssima e riquíssima em se tratando de pautar junto à sociedade brasileira temas da mais absoluta relevância. De modo geral, sua obra se destaca, principalmente, por sua contribuição na luta em favor dos direitos humanos e de cidadania para os segmentos subalternizados da sociedade brasileira. Na singularidade de sua militância da causa negra, sua obra se constitui em uma “luta incessante pelo ideal de valorização do seu povo, que ainda sofre com os resquícios da escravidão.” (SCHMITZ; PACHECO; LEMOS, 2014, p. 20).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?**. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

MOURA, Clovis. Prefácio. *In*: PESTANA, Maurício. **Racista, eu? de jeito nenhum...** São Paulo: Editora Escala, 2001.

PESTANA, Maurício. **30 anos de arte pela igualdade**. São Paulo: Ibak Cultural, 2010.

SCHMITZ, Diego; PACHECO, Paula Lima; LEMOS, Rosemar Gomes. Maurício Pestana: o cartum na luta por uma sociedade mais justa. **XIII Seminário de História da Arte**, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Arte/article/view/5336/4036>. Acesso em 28 fev. 2023.



A MUDANÇA DE DISCURSO NA PUBLICIDADE DE COSMÉTICOS: do reforço de estereótipos à representação de corpos diversos¹

Sara Beatriz Rocha Silva²

Gabriel Pansardi Ruiz³

Resumo: A presente pesquisa observou como a publicidade de cosméticos pode se apropriar de discursos feministas para atingir novos públicos e aumentar seus lucros. Para isso, utilizou-se como exemplo campanhas da marca Dove, criadas a partir de 2005, que questionam os padrões de beleza impostos. Para avaliar tais discursos e seus efeitos, procurou-se conhecer e investigar o ideal de beleza feminina através de Naomi Wolf (2020), a construção de estereótipos e as contribuições do movimento feminista para a quebra destes com base nos estudos de Flávia Biroli e Luís Felipe Miguel (2014). Por fim, evidencia-se algumas campanhas publicitárias da Dove, com os estudos de Flávia Maria Almeida (2007) e Mariana Kohnert Medeiros (2007), interpretando como a marca introduziu outras formas de representação feminina.

Palavras-chave: Estereótipos. Feminismo. Publicidade da indústria cosmética. Representação feminina.

Introdução:

A publicidade atua como veículo que é capaz de reforçar o imaginário do público e, ao exibir durante décadas apenas um tipo de representação feminina, suprimiu a imagem de tantas outras mulheres, arraigando a concepção de que a mulher é apenas uma coadjuvante a serviço dos demais. (OLIVEIRA; OLIVEIRA in OLIVEIRA; CAMARGO, 2013). Até poucos anos atrás, não era possível aferir peças que demonstravam a mulher como protagonista de sua própria história, separada da vivência

¹ Trabalho enviado ao II Encontro de Estudos sobre Orientalismos e Colonialismos na Comunicação e no Audiovisual (II OCCA), realizado na Universidade Estadual de Londrina. 7 a 10 de março de 2023.

² Graduada em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda pela Faculdade Pitágoras de Londrina (FPL), sarabeatrizrocha1@gmail.com.

³ Mestre em Comunicação pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) e docente dos cursos de Jornalismo e Publicidade da Faculdade Anhanguera Londrina, comunica.gruiz@gmail.com.



II ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL



doméstica e familiar ou com biotipos diversos. (ARTEMENKO; BRAGAGLIA; LOURENÇO, 2014). Com o avanço das mulheres em todos os campos sociais e, por meio da luta pela emancipação feminina, a publicidade também parece ter alterado o discurso vigente em suas produções (SILVA; SOARES, 2019), mas não por acaso: percebendo que o “empoderamento feminino” é altamente lucrativo, as marcas investiram em transmutar seus discursos e lucrar com a “liberdade feminina”.

Objetivo:

O objetivo deste estudo foi demonstrar como a marca de cosméticos Dove, assim como inúmeras outras, se apropriou dos discursos do movimento feminista para produzir seus anúncios.

Metodologia:

Foi utilizada nesta pesquisa a metodologia de pesquisa bibliográfica, também chamada de revisão histórica.

Resultados:

As discussões a respeito dos padrões de beleza impostos para as mulheres não são recentes, sendo discutidas há décadas dentro do movimento feminista. Em 1990, a escritora Naomi Wolf, em sua obra, “O mito da beleza – como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres” aprofunda a discussão de como as mulheres enfrentam a propagação de discursos que pregam um corpo e comportamento perfeitos há séculos e que, com o avanço das mulheres no mercado de trabalho e, conseqüentemente, com a conquista de sua independência, a sociedade machista e sexista, aliada com o capitalismo, encontrou uma solução para continuar aprisionando e dominando as mulheres: a instauração de estereótipos de “beleza” cada vez mais rígidos e inalcançáveis. (WOLF, 2020); estereótipos estes que foram reforçados pela publicidade e pelas mídias em geral (BIROLI; MIGUEL, 2014). Ao generalizar os corpos e comportamentos femininos, a publicidade reduz as mulheres e suas vivências a ideais machistas, onde o corpo feminino



II ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL



se torna mais uma mercadoria, um objeto idealizado, moldado para encantar e agradar (KNOPPI, 2008). Além do mais, excluiu-se por décadas das campanhas publicitárias mulheres negras, de cabelos cacheados ou crespos, gordas, entre outras, reforçando estereótipos racistas e sexistas (BIROLI; MIGUEL, 2014).

As representações femininas nas mídias em geral, no entanto, foram alvos de intensas críticas. Diante disso, diversas marcas passaram a abordar novas formas de representar as mulheres, além de criticar as imposições sociais em suas produções. Como exemplo, temos a Dove, pertencente ao Grupo Unilever. Um dos maiores sucessos foi a campanha “Dove - Verão Sem Vergonha”, de 2005, que trazia mulheres com diferentes biotipos (apesar de se prevalecer mulheres magras), incentivando a deixar de lado a canga na praia e aproveitar o verão sem se preocupar com os padrões corporais. Nos anos seguintes, a marca trouxe diversas produções intituladas de “real beleza”, termo que “é cunhado a fim de abranger a maior variedade possível de tipos físicos, com o objetivo de alargar a concepção de beleza [...]” (MEDEIROS, 2007, p. 45). Desde então, a DOVE reforça o seu posicionamento de dialogar com mulheres reais, questionar padrões e incentivar a liberdade feminina. Tal posicionamento é, como já apresentado anteriormente, uma potente estratégia de mercado: trazendo em suas produções uma pluralidade de mulheres, a marca gera aproximação com as consumidoras, que se sentem ouvidas, representadas e optam pela marca ao invés das demais.

Considerações finais:

Com consumidoras mais críticas, as marcas que decidem transmutar seus discursos podem obter maior credibilidade com o público em geral, o que, conseqüentemente, gera aumento nas vendas, uma vez que “sem a frustração de ter que ser uma beleza perfeita, torna-se mais fácil identificar-se com a mensagem e compreender que o produto foi feito pensando nela” (ALMEIDA; 2007, p. 30). O lucro continua sendo o objetivo principal, mas, sabendo do poder que a publicidade tem, representar mulheres reais auxilia ao público que consome esses anúncios a enxergarem outros corpos, outras vivências para além do padrão de outrora.



II ENCONTRO DE ESTUDOS
SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS
NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL



Referências:

ALMEIDA, Flávia Maria. **Quebra de estereótipo da beleza feminina: a Campanha DOVE Verão 2006**. 2007. 41 f. Dissertação (Bacharel em Comunicação Social, habilitação em Propaganda e Marketing) - UniCEUB – Centro Universitário de Brasília, Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, Brasília, 2007.

KNOPP, Glauco da Costa. A influência da mídia e da indústria da beleza na cultura de corpolatria e na moral da aparência na sociedade contemporânea. In: ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Faculdade de Comunicação/UFBA, 4., Salvador, 2008. **Anais...** Salvador: 2008. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14415.pdf>. Acesso em: 20 fev.2023.

LOURENÇO, Ana Carolina Silva; ARTEMENKO, Natália Pereira; BRAGAGLIA, Ana Paula. A “objetificação” feminina na publicidade: uma discussão sob a ótica dos estereótipos. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. Universidade de Vila Velha, 19., Vila Velha, 2014. **Anais...** Vila Velha: 2014. Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2014/resumos/R43-1169-2.pdf> Acesso em: 20 fev.2023.

MEDEIROS, Mariana Kohnert. Beleza, consumidor e mídia; um estudo de caso da Campanha Dove pela Real Beleza. Universidade Federal do Rio De Janeiro - Escola de Comunicação, 2007. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/1175/1/MMedeiros.pdf>. Acesso em: 23 fev.2023.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. **Feminismo e política**: uma introdução. São Paulo: Boitempo, 2014.

OLIVEIRA, Esther Gomes de.; OLIVEIRA, Lolyane Cristina Guerreiro de. A subjetividade ideológica na propaganda feminina. In: OLIVEIRA, Esther Gomes de.,



**II ENCONTRO DE ESTUDOS
SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS
NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL**



CAMARGO, Hertz Wendel de. (org.). **Linguagem e Publicidade**. Londrina: Syntagma, 2013, 204 – 218.

SILVA, Raquel Salles da; SOARES, Isaak Newton. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul. UniRitter – Centro Universitário Ritter dos Reis, 20., Porto Alegre, 2019. **Anais...** Porto Alegre, 2019. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/sul2019/resumos/R65-0645-1.pdf>. Acesso em 20.out.2020.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2020.



UMA ANÁLISE DAS MULHERES NEGRAS ATRAVÉS DA INTERFACE CULTURAL

Talyta Elen Ferreira Teodoro

Não é de hoje que a população preta vem sendo marginalizada, criminalizada e apagada da história, vivemos um processo gradual de reparação histórica e ocupação do nosso espaço de fala, e entender nossas raízes é entender nosso presente, e entender nosso presente é traçar um novo futuro. Pensando nisso este trabalho irá abordar alguns autores que foram a base de nossa pesquisa, e para além da referência bibliográfica teremos a referência política, carregada de vivência e atuação das mulheres negras. Nesse trabalho buscamos explicitar as cicatrizes da desigualdade quando colocadas frente ao padrão hegemônico do sistema capitalista. Portanto, realizaremos uma interface entre a produção cultural e atividade de Relações Públicas através da visão das mulheres entrevistadas e dos teóricos que são referência na temática. Para entender como se dá essa junção, iniciaremos apontando um pouco da história que os corpos pretos carregam, para depois apontar a importância de uma visão interseccional no cenário que vivemos.

1. HISTÓRIAS DE VIDAS E NEGRITUDES

As mulheres negras se encontram historicamente socialmente, e economicamente de modo desigual frente a sociedade, com dificuldades para ser inserida dentro dos padrões que o capitalismo impõe. A autora Angela Davis, aponta em suas obras a importância de se pensar onde estão as mulheres negras e onde estiveram durante toda sua construção social enquanto mulheres. Para Davis, o papel que as mulheres negras desempenham diz respeito às vivências históricas adquiridas com o tempo. Sendo assim, as mulheres negras eram submetidas a trabalhos exaustivos, a abusos e obrigadas a criarem os filhos dos seus patrões, “uma vez que as escravas eram classificadas como reprodutoras, e não como mães, suas crianças poderiam ser vendidas e enviadas para longe, como bezerros separados das vacas”(DAVIS,2016,p.26). Submetidas a criarem filhos que não eram seus, enquanto seus filhos biológicos eram tirados contra a sua



II ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL



vontade, vendidos, mercantilizados. Para a autora, as mulheres negras carregam em si a perseverança, força transmitida por gerações “as mulheres resistiram e desafiavam a escravidão o tempo todo” (DAVIS,2016,p.37).

Após a escravidão, o que se desencadeou foi o posicionamento da mulher negra frente às questões de racismo, classe e cor. Com tudo, é possível ver que mesmo com a luta pelo seu espaço de fala, para serem reconhecidas e respeitadas; e mesmo que o papel da mulher negra após a abolição “não era mais vista como uma mercadoria” (DAVIS, 2016, p.37). O que observamos é totalmente o contrário. Uma nova posição foi condicionada a elas que saíram das senzalas antigas, para as modernas como: a cozinhas e o trabalho doméstico travestido de forma mascarada e silenciosa como serviços considerados adequados para tal. As mulheres negras e escravas de antes, hoje são em sua maioria de regiões periféricas e ocupam cargos altamente explorados, e quando falamos de mulheres ocupando cargos que apenas eram destinados a homens, levando novamente a mulher negra ao espaço (doméstico),e, à medida que mais mulheres se organizam em torno da reivindicação por mais empregos – empregos em termos de completa igualdade com os homens, mais o feminismo se faz presente. Para isso as lutas de classes, raça e gênero são essenciais na formação do negro, da mulher negra.

2. RACISMO E CULTURA

Para abrir a discussão sobre o racismo presente na cultura, vamos partir da leitura do livro *Claros e escuros* escrito por Muniz Sodré (2015). Podemos identificar no próprio nome o caráter das relações raciais contidas no Brasil, que vai além do conceito de pardo, negro, branco, e outras denominações raciais a partir da construção de uma identidade cultural. Uma das críticas apontadas no início do livro é que a globalização esquece os conflitos existentes na sociedade e a barreira econômica que impede que muitas pessoas realmente saibam o que seria a “globalização”, que de global só tem o nome, pois a mesma ignora vários aspectos importantes dentro da sua inserção na realidade de muitas pessoas, principalmente das pessoas pobres. Em pleno século XXI, os ‘escuros’, seja no Brasil, na América Latina, nos Estados Unidos ou na Europa, continuam economicamente, política



II ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL



e simbolicamente desiguais frente aos “claros” (SODRÉ, 2015, p.10). Os conflitos causados pela globalização na identidade são parte da cultura que exerce grande influência sobre determinada região, ou seja, a identidade é formada através de uma construção social. O autor inicia a discussão apontando a questão da identidade, que é muitas vezes construída no imaginário coletivo como algo individual e único, porém Sodré nos mostra que o problema identitário   também uma análise político-econ mica, pois o sistema que nos cerca influencia vários aspectos da forma o de nossa identidade:

Dizer identidade humana   designar um complexo relacional que liga o sujeito a um quadro contínuo de referências, constituído pela interse o de sua história individual com a do grupo onde vive. Cada sujeito singular   parte de uma continuidade histórico-social, afetado pela integra o num contexto global de carências (naturais, psicossociais) e de rela es com outros indivíduos, vivos e mortos. A identidade de alguém, de um “si mesmo”,   sempre dada pelo reconhecimento de um “outro”, ou seja, a representa o que classifica socialmente. (SODRÉ, 2015, p. 39).

  necessário problematizar quando essa classifica o social torna indivíduos inferiores por seu tom de pele, ou gênero, pois produz o abandono de nossas raízes, de quem somos, e principalmente do já nos foi feito. Falar sobre a escravidão   falar no sangue negro que foi derramado,   falar de um processo histórico que continua encarcerando afro-descendentes na prisão, e continua apagando nosso passado, nossa luta e nossa cultura. Ainda pensando na questão da identidade e a influência das transforma es históricas ocorridas em nossa sociedade, o livro nos traz a seguinte questão: não há identidade, mas identifica es que por sua vez influenciada por grupos, sentimentos, e, principalmente, pela m dia, onde “(...) tudo isso coincide com os impulsos no sentido de uma cultura transnacional por efeito da globaliza o financeira e comercial” (SODRÉ, 2015, p. 47).

REFER CIAS

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

SODRÉ, Muniz. **Claros e Escuros: identidade, povo, m dia e costas no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes 2015.



II ENCONTRO DE ESTUDOS
SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS
NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL



**A literatura como elemento da identidade latino-americana: O realismo
mágico e a contestação política.**

*Thales M. Souza Reis, Mestrando em Comunicação pela UEL
(thales.souza.reis@uel.br)*

Gabriel García Márquez é considerado o principal nome do chamado ‘boom da literatura latino-americana’, no período entre os anos 1960 e 1980, tendo introduzido o estilo literário denominado ‘realismo mágico’. Vencedor do Prêmio Nobel de Literatura de 1982, Gabo tratou sobre a solidão da América Latina em seu discurso de saudação na Academia Sueca de Letras, assim como da impossibilidade de dissociação entre magia e realidade, presentes desde o tempo em que o continente inteiro era uma colônia dos países europeus.

O El Dourado, nosso país ilusório tão cobiçado, apareceu em inúmeros mapas durante longos anos, mudando de lugar e de forma de acordo com a fantasia dos cartógrafos. Na procura da fonte da Eterna Juventude, o mítico Alvar Núñez Cabeza de Vaca explorou durante oito anos o norte do México, numa expedição lunática cujos membros se comeram uns aos outros, e dos 600 que começaram só restaram cinco. Um dos tantos mistérios que nunca foram decifrados é o das onze mil mulas carregadas com cem libras de ouro cada uma, que um dia saíram de Cuzco para pagar o resgate de Atahualpa e nunca chegaram ao seu destino[...]

A fantasia nem sempre está restrita aos relatos e absurdos históricos de viajantes europeus, ou nos estranhamentos decorrentes dos conflitos culturais gerados pelo encontro de dois continentes anteriormente isolados. As seguidas ingerências estrangeiras são parte trágica dessa chamada ‘magia’, que pelo viés da ‘excentricidade’ considera comum o absurdo e a intervenção direta; o povo da magia é o povo a ser subjugado, pois apesar de bonita, a magia não é capaz de suportar a racionalidade moderna, que gerencia corpos e mentes. A autonomia não faz parte do projeto da região que encantou o mundo por sua produção cultural.

O contexto do crescimento da literatura do continente é o mesmo de um período conturbado em razão do triunfo da Revolução Cubana, da Guerra Fria a impor-se na



II ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL



região. A intervenção direta se torna regra, e golpes de estado passam a ser financiados pelos EUA; ditaduras são mantidas com estreita cooperação dos serviços de inteligência, e a repressão é recorrente nos regimes militares que chegam ao poder. O mais leve reformismo torna-se um crime inafiançável nas terras do novo mundo.

A literatura, como todos os outros setores da arte, é ligada ao seu tempo pelas condições ideológicas e materiais, do corpo e da mente, seja nas formas de produção e construção ideológica, seja no modelo de vida, família e de regras de convivência. Gabo conclui seu discurso com um questionamento sobre a diferente visão aplicada para a política e para as artes latinas naqueles anos sombrios.

É compreensível que insistam em nos medir com a mesma vara com que se medem, sem recordar que os estragos da vida não são iguais para todos, e que a busca da identidade própria é tão árdua e sangrenta para nós como foi para eles. A interpretação da nossa realidade a partir de esquemas alheios só contribuiu para tornar-nos cada vez mais desconhecidos, cada vez menos livres, cada vez mais solitários. [...] Por que a originalidade que é admitida sem reservas em nossa literatura nos é negada com todo tipo de desconfiança em nossas tentativas difíceis de mudança social?

A literatura do período foi carregada de referências e vivências próprias de uma região que, de certa forma, estava isolada dos círculos culturais centrais, fixados no eixo do Atlântico Norte, que passavam por um hiato de grandes produções após um desgaste dos temas do período clássico, de viés imperial, com produção especialmente britânica e francesa, que ressaltou o diferente e o exótico como pautas centrais na Europa e posteriormente nos EUA. Após esse primeiro momento, houve também a chamada Geração Perdida, alocada especialmente em Paris, composta por figuras como Hemingway, Fitzgerald, Pound, Anderson, T. S. Eliot, Joyce e diversos outros, que produziram uma literatura mais lúdica, crítica e reflexiva sobre as condições de vida de seu tempo.

Edward Said (1935-2003) foi quem melhor explorou as interligações entre a experiência imperial e as práticas culturais, mostrando como a produção da arte em diferentes períodos está intrinsecamente ligada ao cenário político e às justificações morais das



II ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL



ações de dominação e subjugação do outro. O auge das literaturas inglesa e francesa está justamente no ápice da dominação global perpassada por ambas as nações, de modo tão arraigado e justificado internamente, que mesmo os indivíduos que se postam contra a dominação reproduziam partes de seu discurso. Isso se dá, segundo Said (2020, p.43), porque nem o imperialismo nem o colonialismo “um simples ato de acumulação e aquisição” e “ambos são sustentados e talvez impelidos por potentes formações ideológicas que incluem a noção de que certos territórios e povos *precisam* e imploram pela dominação, bem como formas de conhecimento filiadas à dominação”.

Seria inocente pensar que essa construção ideológica se restringe ao Oriente Médio, que para Said não pode ser espelhada e deixar marcas na cultura e nos costumes dos povos latino-americanos, mesmo após sua formal descolonização, num período de independência tutelada e de soberania infringida como foi o século XX. É também um engano acreditar que toda essa construção é consciente e faz parte de um projeto único e gerido por uma administração central: quando os fatos se desenrolam e formam raízes dentro de uma cultura, a reprodução é perpetuada de maneira não refletida como um sistema de disposições incorporadas, conforme a definição do conceito de habitus de Pierre Bourdieu. Said (2020, p.124) observa essa disposição, quando diz que “ao ler um texto, devemos abri-lo tanto para o que está contido nele quanto para o que foi excluído pelo autor. Cada obra cultural é a visão de um momento, e devemos justapor essa visão às várias revisões dela decorrentes.

As características de uma região e sua construção política fazem parte da produção artística do presente e influenciam o futuro. Se a justificação da dominação necessita de reforço moral por meio da cultura, o combate a ela passa por esses espaços, e o alcance da literatura latina ganha um novo contorno para o grande apelo que foi capaz de lançar neste período.



**II ENCONTRO DE ESTUDOS
SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS
NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL**



REFERÊNCIAS

COSTA, Adriane Vidal. O boom da literatura latino-americana, o exílio e a Revolução Cubana. *Dimensões*, n. 29, p. 133-164, 2012.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. Entrevista. In: *As históricas entrevistas da Paris Review* II. Seleção Marcos Maffei. São Paulo: Cia. das Letras, 1989, p. 323-342.

MARQUEZ, Gabriel Garcia. *Eu não vim fazer um discurso*. Editora Record, 2019.

SAID, Edward W. *Cultura e imperialismo*. Editora Companhia das Letras, 2020.

PSICOLOGIA E INTERNET: os efeitos das mídias digitais nas representações sociais sobre as transgeneridades

Vinicius Yêra Oliveira Dynczuki

Herbert de Proença Lopes

O presente trabalho se refere a pesquisa de campo qualitativa, realizada em 2022 para o Trabalho de Conclusão de Curso de graduação em Psicologia na PUCPR (Campus Londrina), feita pelo atual psicólogo Vinicius Yêra Oliveira Dynczuki com orientação do professor Herbert de Proença Lopes.

O objetivo desta pesquisa foi investigar, a partir de uma perspectiva crítica da Psicologia Social, quais são os efeitos das representações sociais sobre as transgeneridades aqui no Brasil, na vivência de pessoas, cisgênero e transgênero. A pesquisa foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas individuais, desenvolvidas via Internet, sendo a amostra composta por dois indivíduos cisgênero e dois indivíduos trans, que consomem conteúdos educativos nas redes sociais digitais em canais que veiculam temáticas sobre transgeneridades. Os aspectos avaliados foram: 1. Com qual frequência e por quais meios eles veem os conteúdos educativos sobre as transgeneridades nestas redes-sociais digitais selecionadas, 2. A visão dos participantes sobre o que eles entendem individualmente com relação ao que é uma pessoa trans; 2. e 3. O que os participantes acham sobre tais compartilhamentos de informações, nestes contextos de mídias digitais.

A fundamentação teórica da pesquisa foi elaborada a partir de grupos de subtemas elaborados para embasamento da discussão e análise desenvolvida na pesquisa. Deste modo, pensar sobre a Psicologia Social, Silvia Tatiana Maurer Lane (1994) cita que é a Psicologia que estuda os comportamentos da sociedade em suas práticas, pois Norbert Elias (*apud* BOCK; TEIXEIRA; FURTADO, 2011, p.66) postula que nós, os sujeitos sociais, existimos dependentemente da sociedade e visse versa. Já para conversarmos sobre os aspectos das representações sociais, temos especialmente a Denise Jodelet (2017) dizendo que essas representações são os pensamentos práticos da sociedade ao qual Serge Moscovici (*apud* SANTOS, 1994, p. 138) concorda com a autora e também, o autor caracteriza detalhadamente estas representações da sociedade (*apud* WACHELKE; CAMARGO, 2007). Também falamos sobre as mídias digitais ao usar basicamente a Teoria das Mídias Digitais do comunicólogo Luís Mauro Sá Martino (2014), aonde o autor diz que quaisquer meios de comunicação em massa que não necessariamente precisam de algum suporte físico para haver – ou seja, todos aqueles que conectam as pessoas via Internet – é uma mídia digital. E pra discussão sobre as transgeneridades,

temos principalmente os estudos históricos de gênero da Judith Butler (*apud* FIGUEIREDO, 2018, p. 41), ao qual a sua filósofa feminista da Teoria Queer defende que o gênero e sexo biológico são construções sociais, além dos estudos opinativos que discutem a sexualidade humana como os da Jaqueline Gomes de Jesus (2012), por qual essa psicóloga cita que ser trans é algo composto por duas características: a sua parcela identitária e também como uma funcionalidade.

A metodologia utilizada foi qualitativa e como procedimento para coleta de dados utilizou-se dois roteiros de entrevista semiestruturados diferentes entre si – um para as pessoas cis e o outro trans – composto por seis perguntas cada. Os roteiros seguem perguntas semelhantes, diferindo-se em uma única pergunta, na qual se especifica a vivência específica de identidade de gênero em relação aos conteúdos consumidos. Em seguida foram organizadas as informações obtidas das entrevistas e analisadas, sob a livre interpretação do pesquisador, a partir de eixos de análise que surgiram no processo de pesquisa. As perguntas realizadas nas entrevistas abordavam aspectos como: a) a concepção sobre o que é ser uma pessoa trans; b) como se dá o contato com os conteúdos sobre transgeneridades (ex.: frequência, avaliação e etc.); c) motivações para acessar tais conteúdos; d) por fim, quais efeitos de tais conteúdos na vivência de gênero - e aqui se diferenciava a resposta das pessoas cis e pessoas trans.

A análise dos resultados trouxe um olhar comparativo entre as respostas obtidas nos diferentes grupos. Em geral, foram observadas respostas parecidas e/ou semelhantes, que estiverem presentes nos eixos de análise.

Os eixos de análise que foram nomeados como critérios utilizados pelo pesquisador para organizar as respostas, são quatro: Critério 1. “Significados e sentidos da definição individual do que é ser trans”, Critério 2. “Motivações e interesses que fizeram buscar este tipo de conteúdo educacional por informações nas redes-sociais digitais”, Critério 3. “Mudanças na concepção pessoal sobre as transgeneridades depois de consumir esses conteúdos educativos em meios digitais” e o Critério 4. “Avaliação subjetiva sobre conteúdos de caráter educativo presentes nas mídias da Internet”.

Contudo, foi cogitado como a principal hipótese de pesquisa científica que as pessoas cis pudessem produzir respostas diferentes das pessoas trans. Mas depois que foram analisados os dados e informações levantadas, os pesquisadores perceberam que essa hipótese não se sustentava. Mesmo as respostas sendo diferentes entre si, devido as vivências históricas de gênero e corpo, experimentadas de modo individual e socialmente – em suas respectivas comunidades – no que diz respeito a ser ou não trans, tais respostas também se mostraram perspectivas individuais muito alinhadas entre si.

Por fim, a partir da análise das respostas, pudemos notar que, para as pessoas entrevistadas, o contato com as informações sobre transgeneridades, de caráter educativo, contribuíram para uma percepção positiva da transgeneridade. Também se observou que a maioria delas se unem no sentido de combater a transfobia, a partir da educação geral obtida pelos meios de comunicação digitais consumidos. Com isso, se destaca a grande importância do uso educativo da internet nas lutas anti-transfobia no atual Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOCK, Ana Mercês Bahia; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi; FURTADO, Odair. **Psicologia fácil**. São Paulo: Editora Saraiva, 2011. Disponível em: <<https://lelivros.love/book/baixar-livro-psicologia-facil-ana-merces-bahia-bock-em-pdf-epub-e-mobi/>>. Acesso em: 28/02/2023.

DE JESUS, Jaqueline Gomes. **Orientações sobre identidade de gênero: Conceitos e termos - Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião**. Brasília. Abr./2012. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/16/o/ORIENTA%C3%87%C3%95ES_POPULA%C3%87%C3%83O_TRANS.pdf?1334065989>. Acesso em: 28/02/2023.

FIGUEIREDO, Eurídice. **Desfazendo o gênero: a teoria queer de Judith Butler**. Revista CRIAÇÃO & CRÍTICA: Dossiê Sáfico; Niterói, Num. 20, p. 40-55, 2018. Disponível <<https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/138143/139436>>. Acesso em: 28/02/2023.

JODELET, Denise. **Representações sociais e o mundo de vida**. São Paulo: Editora PUCPress, 2017. Acesso em: 28/02/2023.

JUNIOR, Luiz Augusto Mugnai Vieira. **A experiência trans: uma disputa semântica nas mídias digitais**. InSURgência: revista de direitos e movimentos sociais, v. 7, n. 2 (2021) – Dossiê Raça, gênero e sexualidade: direitos e lutas sociais. Portal de Periódicos da Universidade de Brasília (UnB), 2021. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/insurgencia/article/download/38575/30510/109820>>. Acesso em: 28/02/2023.

LANE, Silvia Tatiana Maurer. **O que é psicologia social**. ed. 22. São Paulo: Editora Brasiliense. 1994. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5615627/mod_resource/content/1/O-que-%C3%A9-Psicologia-Social.pdf>. Acesso em: 28/02/2023.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das mídias digitais: linguagens, ambientes, redes.** Petrópolis: Editora Vozes, 2014. Disponível em: <https://www.academia.edu/38817265/Lu%C3%ADs_Mauro_S%C3%A1_Martino_Teoria_Das_M%C3%ADdias_Digitais>. Acesso em: 28/02/2023.

SANTOS, Maria de Fátima de Souza. **Representação social e a relação indivíduo-sociedade.** Revista Temas em Psicologia, Ribeirão Preto, Vol. 2, Num. 3, p. 133-142, dez., 1994. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v2n3/v2n3a13.pdf>>. Acesso em: 28/02/2023.

WACHELKE, João Fernando Rech; CAMARGO, Brigido Vizeu. **Representações sociais, representações individuais e comportamento.** Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology, Porto Alegre, Vol. 41, Num. 3, p. 379-390, dez., 2007. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rip/v41n3/v41n3a13.pdf>>. Acesso em: 28/02/2023.



**II ENCONTRO DE ESTUDOS
SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS
NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL**



SEXUALIDADE, MEDO E POTÊNCIA: a epidemia de Aids pós-ditadura nas crônicas de Caio Fernando Abreu para o jornal O Estado de S. Paulo ¹

Márcia Neme Buzalaf ²

Wesley Colati ³

RESUMO EXPANDIDO

Nascido no interior do Rio Grande Sul, Caio Fernando Abreu foi um expoente no campo literário com obras que transcendem gerações de leitores. Seus textos premiados e traduzidos para diversos idiomas tratam de temas universais como amor, solidão e a permanente busca por sentido na existência humana. Apesar de abordar tópicos comuns à maioria das pessoas, são suas características enquanto indivíduo histórico que, quando abordados à luz da academia, ajudam a reconstituir um importante pedaço da trajetória social do Brasil.

Em 1964, quando se mudou para Porto Alegre, Caio F. foi confrontado pelo golpe de Estado engendrado pelo Exército para tomar o poder. Membro da comunidade LGBT e adepto de movimentos de contracultura, o escritor tornou-se alvo das autoridades. Ao longo dos anos o escritor foi censurado, perseguido, preso, torturado e induzido a buscar melhores condições de vida em solo estrangeiro, longe da ditadura responsável por usurpar direitos dos cidadãos. Essa experiência fez com que desenvolvesse uma desconfiança generalizada por qualquer indício de mudança real no campo político, tornando isso explícito ao aceitar o convite de escrever uma coluna semanal para o jornal *O Estado de S. Paulo* em 1986.

¹ Trabalho enviado ao II Encontro de Estudos sobre Orientalismos e Colonialismos na Comunicação e no Audiovisual (II OCCA), realizado na Universidade Estadual de Londrina. 7 a 10 de março de 2023.

² Doutora em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Professora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Contato: marciabuzalaf@uel.br

³ Mestre em Comunicação pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Contato: wcolatti@gmail.com



II ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL



O tom confessional de suas crônicas era muito similar ao estilo adotado nas correspondências que trocava com amigos e familiares. Na maioria das vezes Caio F. encarava o leitor como o destinatário de uma de suas cartas e desabafava crente de que, do outro lado, alguém o entenderia, assim como um velho conhecido. Por isso não se preocupava com a exposição e revelava suas ambições, afetividades e medos.

Com o amplo alcance que possuía, o cronista tratou de temas até então sucateados pela imprensa. Falava abertamente de sua sexualidade e foi uma das pessoas que mais tratou sobre o HIV na época. Isso antes mesmo de se descobrir soropositivo, o que tornou imediatamente público em uma série de crônicas que ganharam grande repercussão e até hoje são lembradas como um marco no combate ao estigma da doença. “A primeira vez que ouvi falar de aids foi quando Markito morreu. Eu estava na salinha de TV do velho Hotel Santa Teresa, no Rio de Janeiro, assistindo ao Jornal Nacional.” (ABREU, 2014, p. 65) O cronista se referia à Marcus Vinícius Resende Gonçalves, famoso estilista brasileiro responsável por confeccionar *looks* para grandes nomes da mídia como Sonia Braga, Xuxa Meneghel, Christiane Torloni, Marília Pêra, Gal Costa e Ney Matogrosso.

Muitas das represálias que o autor havia sofrido nas mãos dos militares foram em função de sua orientação sexual. Porém, apesar da ditadura perseguir minorias, houve também uma ascensão dos movimentos civis, entre eles o dos homossexuais, como resposta às arbitrariedades impetradas pelos agentes do poder. Junto com processo de abertura democrática que começava a ser vislumbrado no início dos anos 1980, essas organizações passavam a reivindicar pautas importantes para a comunidade LGBT e *queer*, o que parecia um sinal de mudanças na sociedade. Porém, como as crônicas mostram, a explosão dos casos de Aids no país e os preconceitos acerca da doença fizeram com que, mais uma vez, o otimismo desse lugar à frustração e paranoia generalizada.

No texto *Ao som de Suzanne Vega*, publicado pelo *Estadão* em 1987, o autor revela sua dificuldade de encontrar uma pessoa com quem pudesse se envolver verdadeiramente e



II ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL



expõe em diversas passagens a Aids como um entrave nesta busca por um parceiro. Isso fica evidente em algumas passagens como: “No meio da fome, do comício, da crise, no meio do vírus, da noite e do deserto – preciso de alguém para dividir comigo essa sede.” (ABREU, 2012, p. 183-184) e no trecho que escancara o medo do contato físico mais íntimo com outro alguém: “Que vontade escapista e burra de encontrar noutra olhada que não o meu próprio – tão cansado, tão causado - qualquer coisa vasta e abstrata quanto, digamos assim, um Caminho. Esse, simples, mas proibido agora: o de tocar no outro.” (ABREU, 2012, p. 184)

Além da questão da epidemia, Caio Fernando Abreu também tratou de forma recorrente o tema da discriminação sexual pós-ditadura. Em seu famoso texto *Meu amigo Claudia*, publicado em junho de 1986, o autor apresenta a travesti Claudia Wonder, famosa artista na cena cultural paulista. Em 2009 sua trajetória seria referenciada em um documentário dirigido por Dácio Pinheiro e batizado com o título homônimo da crônica. Além de falar de uma pessoa não-cisgênero sem o habitual ar depreciativo – como costumava ocorrer em jornais da chamada “imprensa marrom”, o gaúcho comenta sobre o preço que a amiga pagou por ser quem era, à contragosto dos ditames impostos.

Fosse citando personalidades LGBTs ou *queers* com naturalidade em um veículo de grande repercussão ou esclarecendo dúvidas acerca do HIV, o gaúcho assumiu um importante papel de combater o estigma de uma classe já tão marginalizada no país. José Silvério Trevisan (2018) reforça essa ideia de que, para a sociedade, os infectados pela Aids eram culpados pela própria doença. Havia-se criado uma crença de que a Aids era obscena e esse arquétipo fez com que a doença se tornasse um reservatório para fobias como pânico à morte, associada à homofobia. Ao ir contra estes estigmas, Caio Fernando Abreu ajudou a expurgar o discurso retrógrado e moralizante que se mantinha ativo mesmo após o fim do regime militar.



II ENCONTRO DE ESTUDOS
SOBRE ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS
NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL



REFÊRENCIAS

ABREU, Caio Fernando 1948-1996. **A vida gritando nos cantos**: crônicas inéditas em livro (1986-1996). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

ABREU, Caio Fernando, 1948-1966. **Pequenas epifanias**. 4 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

ABREU, Caio Fernando, 1948-1996. **Morangos mofados**/ Caio Fernando Abreu; posfácio José Castello. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BARBOSA, Nelson Luís. **Infinitamente Pessoal**: a autoficção de Caio Fernando Abreu, o biógrafo da emoção/ Nelson Luís Barbosa. – 1. Ed. – São Paulo: Alameda, 2019.

CALLEGARI, Jeanne. **Caio Fernando Abreu: inventário de um escritor irremediável**. Jeanne Callegari – São Paulo. Ed. Seoman, 2008.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 4a edição. Rio de Janeiro. Objetiva, 2018.